Autobiografia e escritos PADRE GILBERTO MARIA DEFINA, SJS UMA VOCAÇÃO DE LOUVOR E SANTIDADE

Autobiografia e escritos

PE. GILBERTO MARIA DEFINA, SJS

UMA VOCAÇÃO DE LOUVOR E SANTIDADE



Direção geral: Fábio Gonçalves Vieira

ORGANIZADORES: Pe. Sandro Nascimento da Cunha, sjs

e Pe. Micael de Moraes, sjs

Capa: Bianca Ribeiro Montenegro

Preparação: Simone Zac

Diagramação e revisão: Bruno Castro

EDITORAÇÃO DIGITAL: 19 Design / Claudio Braghini Junior

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Editora Canção Nova Rua João Paulo II, s/n – Alto da Bela Vista 12 630-000 Cachoeira Paulista – SP

Tel.: [55] (12) 3186-2600

E-mail: editora@cancaonova.com

loja.cancaonova.com Twitter: @editoracn

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-779-3

© EDITORA CANÇÃO NOVA, Cachoeira Paulista, SP, Brasil, 2016

Palavras do Prior

T MAGINO A FÉ QUE FOI NECESSÁRIA para nosso pai-fundador dar um passo tão grande e L sem enxergar nada à sua frente: acolher rapazes e moças, como ele mesmo dizia, homens e mulheres para dar início a uma nova família religiosa no interior da Igreja. Um homem que não levou em conta a sua idade, saúde debilitada, mas por amor a Deus e à Santa Madre Igreja disse o seu fiat voluntas tua: "faça-se a tua vontade". No dia 5 de agosto de 1998, esta era a orientação que ele nos deixou: "Vocês precisam pedir muita perseverança para continuarem esta obra". Quem conheceu este homem e conviveu com ele pôde deparar com um grande modelo de paciência, em todos os aspectos e situações da vida. Quando vivemos na paciência, respeitamos o tempo de Deus e suas intervenções na história da humanidade. Esse sonho foi colocado em prática e vinte anos se passaram desde que os Institutos masculino e feminino, que compõem a Fraternidade Jesus Salvador, foram fundados. Muita coisa aconteceu, momentos de alegria e de tristeza, perdas e ganhos, mas que fazem parte da nossa história salvista. Neste ano também celebramos os dez anos do falecimento de nosso pai-fundador, que viveu seus últimos anos em nosso meio, com muitas dores e sofrimentos, sem murmurar, pois, segundo ele, para um salvista esse era um grave pecado, mas entregando tudo pelo bem espiritual da Obra. O padre foi uma escola viva da paciência de nosso Senhor Jesus Salvador para todo salvista, dando-nos um exemplo concreto de perseverança. Neste ano de 2014, dando continuidade aos sonhos de Deus colocados no coração do nosso pai-fundador, o CAEMEM (Centros de Altos Estudos de Manifestações e Experiências Místicas), ao qual demos o nome de São Miguel Arcanjo, começa a se tornar uma realidade concreta em nosso meio. Esta é uma Entidade Eclesiástica cujo fim primário é a formação daqueles que a procurarem, dando-lhes sólidos fundamentos filosóficos e teológicos, para o estudo da Mística cristã, de acordo com a Santa Sé, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Bispo diocesano. Seu objetivo é auxiliar a Igreja Católica, por meio de estudos e da pesquisa acerca de manifestações místicas, averiguação de suas fontes, publicações de revistas e livros, teologia do carisma salvista (Laus Dei), formação de estudiosos e peritos nessa área, além da organização de biblioteca especializada. Este livro é a primeira publicação feita pelo CAEMEM São Miguel Arcanjo, proporcionando a todos os leitores um pequeno contato com a história de vida de um padre que buscou viver sua humanidade na busca pela santidade. Seus ensinamentos continuam vivos em cada salvista que, por meio do Louvor de Deus, é chamado a dar continuidade a esta obra. Que estas páginas proporcionem aos leitores um encontro pessoal com Jesus Salvador, levando cada um a uma transformação profunda e a um desejo pleno de entrega a Deus. Nosso pai-fundador foi um homem extremamente mariano, que confiou sua vida à Virgem de Pentecostes. E hoje, 28 de junho de 2014, Memória do Imaculado Coração de Maria, que a Virgem nos acompanhe em nossa caminhada para a santidade. Amém!

PE. AFONSO MARIA DA CRUZ CASTALDONI, SJS Prior Geral do Instituto Missionário Servos de Jesus Salvador

Palavras da Madre

"Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto". (Jo12,24)

Омо о GRÃO DE TRIGO é lançado na terra para ser transformado em alimento para a subsistência da vida humana, podemos, por analogia, atribuir a Jesus o mesmo fim. Ele, o Verbo de Deus, da mesma forma, como grão trigo foi lançado na terra do ventre de Maria, Nossa Senhora, e por amor à humanidade, na plenitude dos tempos, se permitiu morrer para gerar vida e se dar em alimento para nós, para assim nos conceder mais do que a subsistência humana, Ele nos concedeu a graça da vida eterna. Seguindo os passos de Jesus, como seus discípulos, também somos chamados a trilhar o mesmo caminho que Ele trilhou.

Olhando na história da Igreja, ao longo desses mais de dois mil anos, vários homens e mulheres, na liberdade, fizeram-se grão de trigo para produzir os frutos do Espírito Santo para a salvação das almas.

E, com testemunho e veracidade podemos afirmar que Pe. Gilberto Maria Defina, nosso pai-fundador, com a sua vida entregue e doada como discípulo de Nosso Senhor para servi-lo, também se deixou ser grão de trigo ao longo de toda sua vida, e de um modo especial, quando já na idade avançada, Deus suscitou a fundação dessa Obra, sob o carisma do Louvor de Deus no seio da sua Igreja.

Para nós, Irmãs Salvistas, Pe. Gilberto, com seu exemplo e testemunho de vida foi o grão de trigo que Deus lançou na terra do seu sacerdócio. Como o nosso Mestre, ele morreu para sua vontade própria, para os seus projetos, para o seu conforto e para as suas seguranças, para abraçar na pura fé: o plano divino que o Senhor reservou para ele, se permitindo, morrer para gerar almas consagradas para o Louvor de Deus.

Podemos colher na sua vida as virtudes da fé, da esperança e da caridade e os frutos do Espírito. Com simplicidade, amor, obediência, pureza de coração e prontidão em fazer a vontade de Deus, na alegria ou na dor, Pe. Gilberto, permitiu que a sua vida se transformasse num sacrifício de louvor agradável a Deus, pois ofertava tudo para Ele.

Pe. Gilberto foi um homem, onde o Espirito Santo teve livre acesso para fazer nele e através dele uma obra de santidade, graças a sua docilidade e fidelidade, que mesmo diante de tantas provações que viveu, não esmoreceu, mas sabia em quem ele havia depositado a sua confiança, e como criança, deixava-se conduzir pela mão do Pai.

Por tudo isso, e com seu jeito simples e sábio é para nós um homem santo, que não se permitiu ser apenas um grão, viver de forma medíocre seu sacerdócio, mas fez da sua vida um ato de oblação e aniquilamento total de si, por amor a Deus e à salvação das almas.

Como suas filhas espirituais queremos seguir seu rastro e exemplo de santidade para o Louvor de Deus.

Me. Juliana Lima do Nascimento, sjs Priora Geral

Apresentação

Disse Jesus aos seus discípulos: "Eu sou o Pão da vida que desceu do céu, se alguém come desse pão, viverá eternamente". Essas palavras que vêm ao nosso coração e penetram todo o nosso ser dão esperança e firmeza na fé de que nossa vida é passageira, mas em Deus ela se eterniza. Nós podemos dizer que esse Pão foi o alimento diário, de cada momento, de cada sofrimento do Padre Gilberto ao longo de sua vida.

A Eucaristia nos une, edifica a Igreja e nos faz ser cada vez mais comunidade. Essa comunhão manifestada, no interior da Igreja, estava sempre presente na vida do Padre Gilberto. Via-se nele sempre essa fidelidade, obediência muito grande às orientações da Igreja no sentido do Santo Padre, o Papa, e no sentido da própria Diocese. Ele nunca tomou uma iniciativa sem antes nos consultar, para que pudéssemos analisar, considerar e, só após nossa aprovação, é que ele dizia: "com as bênçãos da Igreja, nós vamos adiante".

Ir adiante era o seu desejo. A Igreja é missionária, leva o Evangelho a todos os povos, a todas as pessoas. Ter um Instituto Religioso fundado por ele, ter pessoas consagradas a Deus e que, de modo particular, acentuem essa dimensão missionária e a concretizem por meio de atos, é realmente uma benção para a Igreja, uma bênção para a Diocese de Santo Amaro.

O Pão eucarístico é ter o coração aberto para os outros, para os pequeninos, para os que sofrem, para os que passam necessidades. É justamente o que vimos expresso na generosidade do coração do Padre Gilberto. Se refletirmos nas suas ações em Santo Amaro, sobre o Centro Social Bororé, em meio a uma realidade tão sofrida para muitas crianças, constatamos que ele jamais titubeou, mas imediatamente abraçou com amor e disponibilidade aquela obra. Sobretudo, de modo particular, o trabalho dos nossos irmãos e irmãs salvistas¹na periferia de nossa Diocese.

Meu testemunho a respeito do Padre Gilberto é vê-lo como homem de Igreja, homem que buscava sinceramente o que Deus desejava. Sua morte foi sentida como um amigo fiel que partia. Ao mesmo tempo sua ausência física nos faz sentir sua presença contínua pela oração, pela sua intercessão, sem dúvida, mas também por tudo quanto ele nos deixou por escrito.

Que esta autobiografia revele, aos futuros salvistas que não o conheceram, um homem bondoso, tranquilo, que refletia Deus. Se alguém reza, se alguém está nessa

comunhão com Deus, tudo isso, profundamente, reflete no seu coração, nos seus olhos, nas palavras e atitudes.

Dom Fernando Antônio Figueiredo, ofm Bispo da Diocese de Santo Amaro

Introdução

Resisti muito a falar sobre mim. Aliás, em toda a minha vida, nenhum padre, nenhum confessor, nenhum diretor espiritual pediu-me para escrever sobre minha vida. Já há quase dois anos, dois ou três pediram-me, mas fui deixando para ver se era vontade de Deus mesmo. Se acontecesse de fato, por meio de vocês, pela insistência de vocês, eu veria que seria de Deus mesmo, porque é repugnante alguém falar de si mesmo.

Então agora² me dispus diante de Deus, pelas orações que fizeram, sob o patrocínio de Nossa Senhora e São José, diante de Jesus Sacramentado, em que estamos, já rezei a Santa missa cedo, estou pronto para acenar uma ou duas palavras sobre minha vida. Não há nada de especial, nada de especial.

Aceitei relatar minha vida por amor a vocês mesmos, para que vocês, entendendo a minha vida, possam compreendê-la e, compreendendo, possam, não digo imitá-la, mas melhorar sempre mais os aspectos sobre os quais falarei, para que vocês possam dar continuidade na vida de vocês, não digo se espelharem na minha, e sim que as inspirações de Deus em mim possam levá-los a uma vida de mais santidade, de mais sacrifícios, de mais paciência com todos.

O que direi para vocês e o que escrevi é a pura realidade de meu coração, do meu interior. Falo isso para que saibam que tudo aquilo que escrevi o escrevi com muito sentimento e verdade, não parafraseando alguma coisa, algo que não fosse meu, para não dar uma conotação de cópia, enfim, buscar em outros aquilo que Deus não me deu. Vivo sempre na realidade espiritual. Tudo aquilo que escrevi é fruto de vivência, principalmente a primeira parte, pois as outras partes são mais cópias de programas de estudo, porque isso não se pode inventar. Primeiro procurei conhecer os programas de estudo para depois transcrever o que achei de melhor para vocês.

Estou falando essas coisas porque vocês são os meus seminaristas e minhas irmãs. De modo geral, não me abro com ninguém, a não ser com aqueles mais próximos de mim. Estas narrações que farei para vocês, que há tanto tempo me pediram, sempre fui postergando-as, procurando não lembrar, não forçar vocês a nada. Entretanto, como se diz, vocês quiseram vir e forçaram a mão, senão nem isso vocês iriam receber, porque acho tão estranho, tão sem graça falar de mim mesmo.

O Senhor teve um carinho todo especial por mim, é agora que vejo, depois de tantos anos. Vou me recordando de alguns fatos que não são significativos, não são tão espetaculares para constar de uma biografía, mas já que vocês querem que fale alguma coisa, tenho que falar alguma coisa! Falarei alguma coisa à medida que vou lembrando aos poucos. O resto, o que não contar, é porque não lembrei ou Deus não quer.

Pe. Gilberto Maria Defina, sjs Fundador da Fraternidade Jesus Salvador

AUTOBIOGRAFIA

~ PARTE I ~ INFÂNCIA



1. Família, infância e Igreja

Pais

MEUS PAIS ERAM ITALIANOS de Monte Leon, região da Calábria, na Itália. Meus avós são todos da Itália, e não conheci nenhum deles. Meus pais se casaram na Itália e vieram morar no Brasil.

Meu pai, Raphael Defina, era bem mais velho do que minha mãe. Minha mãe se chamava Maria Rosa Buonabotta. Apesar de serem italianos, falavam constantemente em português conosco, por isso, não sei falar italiano; falavam muito pouco o dialeto italiano. Minha mãe, muito inteligente, aprendeu a ler em português, sozinha. Apesar de não estudar em escola nenhuma, sabia ler em italiano e em português.

Meu pai trouxe um bom dinheiro da Itália e montou um empório, uma mercearia, de secos e molhados, como se dizia na época. Esse estabelecimento tinha oito portas, era grande; meu pai vendia bem, em grandes quantidades para cada pessoa, apenas anotava na cadernetinha. Fomos vivendo muito felizes até a crise de 1929, quando houve uma debacle,⁴ uma crise econômica no mundo inteiro: todo mundo ficou endividado e ninguém pagava ninguém. Devido a essa crise, meu pai não recebeu nada daquilo que foi vendido; ficou sem dinheiro nenhum e teve que se mudar. Meu pai, caído na desgraça, como se diz, foi ser colono, capinar café, limpar café na roça. Eu tenho uma pequena lembrança disso, de coisas que vieram desse armazém, da casa, da comida, do arroz, do feijão. Foi uma queda muito brusca, meu pai sentiu muito e ficamos mais pobres do que já éramos. Aí ficamos pobres mesmo! Eu nasci nessa pobreza!

Nasci no dia 2 de agosto no século passado, em 1925, em Ribeirão Preto. Estamos agora no dia 23 de fevereiro de 2002. Tenho 76 anos⁵ e tantos meses, faltando uns poucos meses para completar 77 anos, se a vontade de Deus assim o permitir.

Eu não era o caçula, era o penúltimo. Sempre fui assim, era desse jeito, quietinho, e nunca fui peralta.

Minha mãe não me contava nada, meu pai também não. Sei que éramos muito simples, pobres.

Meus pais nunca manifestavam um carinho especial. Muitos pais dão um carinho próprio para um filho. Eu não tive a espontaneidade de meus pais me beijarem, de ficarem perto de mim, de me colocarem no colo, eu não me lembro de nada disso. Eles

era mais secos, não davam um beijo, um abraço. Não tinham nada dessas coisas de carinho.

Eu tinha muito respeito pelos meus pais; qualquer coisa de que eles se queixassem, eu ficava triste; se alguma coisa os pudesse ofender, eu sentia muito. Meus pais não me batiam, mas nos meus irmãos, sim, batiam muito. Eu não apanhava deles, nem pontapé, nem tapa. Lembro-me de uma única vez em que chorei muito: estava agachado no chão para ver uma coisa embaixo do móvel e minha mãe ao passar tropeçou em mim, então ela me bateu. Eu chorava pensando: minha mãe nunca fez isso. Como foi a primeira vez em que ela me bateu, senti amargamente. Era muito sensível, e chorei, chorei, chorei.

Lembro que meu pai faleceu quando eu tinha onze anos.

Cidade natal

Minha cidade natal, Ribeirão Preto, fica a uns 300 Km daqui de São Paulo. Ribeirão Preto é uma cidade bonita, grande, muito procurada pelas pessoas das cidades nos arredores, pois é um centro comercial e possui muitas fábricas. É realmente uma cidade um tanto cosmopolita, que recebe muitas pessoas de fora para fazer compras, pois é a maior cidade daquele ponto do norte de São Paulo.

Eu nasci no bairro Vila Tibério, em casa, por parto normal, pois se não fosse parto normal morriam os dois. Era assim naquela época, ninguém se preocupava em fazer exames, pré-natal. Era assim mesmo, as mães faziam parto em casa, não importando o que pudesse acontecer, ou morria ou vivia, era assim que minha mãe contava.

Meus pais gostavam muito de mudar de casa, estavam sempre à procura de uma casa mais barata, sempre naquela mesma rua. Penso que morei em quatro ou cinco casas, sei que mudamos muitas vezes, mas como era muito jovem, bebezinho, não me lembro ao certo.

A casa que mais me marcou quando criança foi aquela em que morei quando tinha mais ou menos oito anos de idade; era uma casa grande, que pertencia ao Sr. Basílio. Havia perto dessa casa muito mato grande, eu arrancava pequenas lenhas e ajuntava uma quantidade enorme em montes de feixe, lenha meio mato, pois era fácil tirar, depois eu os colocava no barração em casa para a cozinha. Minha mãe me dizia:

- Meu filho, isso gasta logo! Isso não é lenha, é mato!

Uma outra casa em que morei pertencia ao Sr. Lencione.

Lembro esses nomes porque minha mãe falava muito em questão do pagamento do mês e era eu que levava o dinheiro para os donos. Minha mãe me oferecia um jantar

gostoso e, em seguida, eu ia pagar as despesas: a padaria, a casa de carne, o armazém, enfim, fazia os servicinhos para casa.

A última casa em que morei ficava no final da Rua Duque de Caxias, na Vila Tibério, a casa existe até hoje. É um lugar fácil de se conhecer, para mim era muito grande quando era criança. Um dia, quando já era padre, o meu padrinho Raphaele me levou à rua onde morei e me mostrou a casa:

- Gilberto, você morou aqui!

Então eu quis conhecer a casa, já que estava lá. Pedindo licença aos donos, fomos vêla. Vi a casa e achei muito pequena, a sala era maior; parece-me que os donos a dividiram, não sei bem. E fui vendo os cômodos da casa, a cozinha, a sala e tudo mais.

Irmãos

Esse meu padrinho, também meu meio-irmão por parte de pai, visitava o meu pai muitas vezes. Nessa casa nós conversávamos muito. Eu gostava muito do meu meio-irmão Raphaele, pois era meu padrinho de batismo. Viveu até pouco tempo, com 89 anos. Sua mulher também era minha madrinha, falecida um pouco depois dele.

Eu tinha três irmãos por parte de pai com a primeira mulher, que morreu na Itália. Os três filhos vieram da Itália com ele e moravam conosco, apesar de que eu não me lembre de morarmos juntos.

O nome do meu outro meio-irmão era Francisco. Eu não o conhecia, só fiquei sabendo da sua história, pois foi para a guerra na Itália. O nome dele se encontra na instituição Dante Alighieri junto com o nome de tantos outros rapazes que saíram de Ribeirão Preto para guerrear na Itália. Eu tenho um quadro, recebido quando ele ainda estava na guerra, que relata sua história, sobretudo o que ele fez no momento em que morreu. Devido à sua morte, meu pai recebia da Itália uma subvenção, um pouco de dinheiro, não sei quanto, mas dava para nos sustentar; quando meu pai morreu, minha mãe parou de receber esse dinheiro. Falaram que ela não tinha mais direito à subvenção porque não era filho dela, mas apenas de seu marido com a primeira mulher. Então ela perdeu essa "amizade", como se diz. A Itália sempre foi muito boa para o meu pai enquanto viveu. Sustentou-nos pelo nosso irmão ter morrido na guerra.

O terceiro irmão eu também não conheci nem lembro o seu nome.

Os filhos do meu pai com minha mãe eram oito: José, Ana Maria (Nina), Antônio Francisco, Abel, Domingos, Maria Tereza, Nadir e eu.

A minha irmãzinha Nina, cujo nome era Ana Maria, tinha nove anos quando morreu por uma inflamação no dente. Era o dia em que eu completava seis anos, era o mais novo

naquela época. Eu me lembro um pouco dela. Há um fato curioso em relação à Nina. Aconteceu depois que ela morreu; ao subir no fogão de lenha da minha casa, que tinha uma parte para armazenar lenha e na outra se cozinhava, olhei pela janela da cozinha, de onde dá para ver, ao menos é a impressão que tenho ainda hoje, a torre da igreja matriz. Ao lado da igreja, eu vi a Nina, a Ana Maria, ela de anjo com dois anjos ao lado, lá no céu. Achei bonito aquilo e contei em casa o que eu vi. Hoje eu não sei se vi mesmo, tenho por mim que foi um sonho, nada de especial, mas minha mãe e minhas duas irmãs dizem que foi verdade o que eu vi.

Meus irmãos foram morrendo aos poucos: Nina morreu aos nove anos de idade, o Abel morreu aos vinte e quatro anos, o Antônio Francisco morreu em 1992. José morreu em julho de 2002, sempre usava uma gravatinha, tinha uma voz muito bonita.

Agora o resto da família já está indo para o fim. Hoje somos quatro comigo, dois irmãos homens e duas mulheres. Meu irmão Domingos mora em São Paulo, no bairro da Luz, deve estar com oitenta e oito anos. E minhas duas irmãs Maria Tereza e Nadir moram em Ribeirão Preto.⁶

Viagem com o pai

Dos irmãos dos meus pais, conheci um tio, que veio da Itália também. Ele se instalou em uma chácara grande, perto de uma cidadezinha chamada Santa Cruz das Poças.

Meu pai me levava para essa chácara nas férias que coincidiam com as minhas da escola, e passávamos um mês lá. Em uma dessas viagens que fiz com ele para o sítio do meu tio, aconteceu um fato que tenho de relatar.

Nessas viagens, íamos de carroça, era um pouco longe. Saíamos da chácara e íamos ao vilarejo, levávamos um saco de mantimento para vender. Certa vez, no caminho de volta, começou a cair uma chuva muito forte, chuva torrencial. Aconteceu algo inesperado: uma roda da carroça pegou um toco de árvore da grande estrada, a carroça vinha depressa demais e foi na direção de uma fissura muito grande na estrada, com a força da descida a carroça virou! Eu caí longe, meu pai e também meu tio. Quando me dei conta do tombo, percebi que estava perto de um rio grande, chamado Rio Pardo, felizmente só tive arranhões e mais nada. Meu pai tinha saído de sob a carroça, não lhe aconteceu nada grave também, todavia meu tio ficou preso com a parte de trás da carroça em cima dele. Meu pai e eu fizemos muita força para levantar a carroça, o cavalo ainda estava arriado com as pernas para cima, só com muito custo conseguimos tirar meu tio de sob a carroça. O que não aconteceu comigo e com o meu pai aconteceu com meu tio: percebemos que ele estava com a bacia quebrada, era grave! Conseguimos desamarrar o

cavalo e tirar o meu tio de lá, o arrastamos até uma árvore grande ao lado e ali ficamos naquela chuvarada, não tínhamos nada para fazer a não ser esperar alguém que socorresse, não podíamos nem andar. Graças a Deus apareceu um homem, que percebeu a situação, arrumou direitinho a carroça, o cavalo e colocou meu tio em cima da carroça e nós também, levando em seguida a carroça para a casa do tio. Este ficou uns três meses na cama para acertar a bacia que tinha quebrado. As férias acabaram e eu voltei para a cidade com meu pai. Essa história ficou gravada na minha mente.

A chácara do Sr. Fortunato

Havia outro lugar de que gostava de ir: a chácara do sogro da minha irmã Maria Tereza. Era um pouco longe da cidade, porém parecia perto porque, quando criança, ia correndo. Era uma chácara muito bonita, havia muita manga, muitas frutas diferentes. Um lado do terreno pertencia ao Sr. Fortunato, o sogro da minha irmã, com uma avenida de mangueiras, e o outro lado, ao irmão dele.

Era bom passar por aquela avenida bem larga e cheia de mangas. No tempo de frutas, aquilo ficava lindo com mangas bourbon, enormes; um bom tempo depois, deu uma doença nessas mangueiras que acabou com todas elas. A região de Ribeirão Preto perdeu as mangueiras dessa qualidade ótima; nunca mais encontrei essas mangas grandes, somente pequenas aqui em São Paulo.

Um dia, indo para essa chácara, aconteceu um fato: estava sozinho no caminho e um cachorro começou a rosnar avançando para mim; eu estava com um guarda-chuva, enfiei-o direto na boca do cachorro. Ele foi embora, afastou-se e se esqueceu de mim. O guarda-chuva foi naquele momento a "espada de São Miguel"; deve ser por isso que não tenho medo de cães, é engraçado, pode haver qualquer cachorro, vou andando sem medo nenhum.

Infância

De minha infância me lembro a partir dos quatro anos, mais ou menos, antes disso não recordo quase nada. A Vila Tibério foi o meu mundo de criança.

Quando menino tinha amigos que eram coroinhas² comigo naquele tempo. Gostávamos de brincar juntos, de correr, de um pegar o outro; essas brincadeiras tinhas nomes próprios, mas não lembro mais. Hoje já não tenho mais contato nenhum com eles.

Gostava de jogar futebol em qualquer lugarzinho, ia para o campo com o meu meioirmão, Raphaele, gostava muito dele. Quando pequeno, não tive nenhuma doença grave, a não ser as doenças próprias da infância: tosse, coqueluche, sarampo, catapora, caxumba, tive tudo o que aparecia. Lembro-me de uma vez em que passei muitos dias em uma cama alta de adulto; minha mãe me deixava lá, quietinho, devia ter alguma dessas doenças, só não lembro qual era.

Antes de entrar no seminário, estudei as primeiras letras, naquela época chamava-se grupo escolar, conhecido depois como primário, primeiro grau com oito anos e logo depois o ginásio. Estudava no grupo escolar Sinhá Junqueira, terceiro grupo escolar de Ribeirão Preto. Ficava ao lado da igreja e também pertinho da minha casa. Essa escola era muito boa, em um prédio bonito e grande, e existe até hoje. Fiquei cinco anos nesse grupo escolar. Na escola não eram muito rígidos, deixavam à vontade, não tocavam na lição da meninada que era muito atrasada. Infelizmente, perdi um ano, não fui bem nos exames e tive que repetir o terceiro ano. Meu pai ficou bravo, mas não me bateu; meus pais não tocavam em mim. Eu ia para a igreja e para a escola, foi essa a minha vivência.

Igreja

A Igreja foi a minha vida!

Minha família era católica; desde pequeno, minha mãe me levava à igreja, de modo que pude ficar mais próximo e me tornar coroinha. A igreja, naquele tempo de minha infância, parecia ser grande; agora vejo que é pequena, é a mesma até hoje, a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Essa igreja, abençoada e muito querida por mim, era uma paróquia na Vila Tibério, em Ribeirão Preto.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário tornou-se para mim o sentido de toda uma vivência, de um tempo da minha vida. Nessa paróquia fui batizado, fui coroinha, recebi minha primeira comunhão, fui crismado, e de lá saí para ser seminarista no Seminário Menor.

A igreja era coordenada por padres claretianos "Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria". Os claretianos tinham um prior e dois padres que o ajudavam na paróquia. Era uma única província no Brasil inteiro, não tinham muitos padres, estavam no Rio de Janeiro, em São Paulo e em outros lugares, formando naquela época os primeiros padres brasileiros. Todos os padres que estavam à frente eram espanhóis. Em Ribeirão Preto, tinham uma casa atrás da igreja. A matriz era muito concorrida, o povo, muito católico; por isso, a rotina dos padres era pesada. Eram padres bons, dedicados, ensinavam muita coisa boa; eu vivia no meio deles, gostava de ficar no jardim atrás da biblioteca. Fui muito feliz naquele tempo.

Havia na igreja matriz um altar-mor e os outros altares que existem até hoje. Eram encostados à parede para os padres celebrarem as missas. Eu conheci a igreja dessa forma.

Havia uma imagem de Nossa Senhora do Rosário em cima do altar-mor, e também uma imagem de São José e do então Beato Antônio Maria Claret, era assim desde a minha época de criança.

Alguns anos depois, quando me tornei sacerdote, visitei novamente a igreja de Nossa Senhora do Rosário e pude perceber que aquela imagem não estava mais sobre o altarmor. O novo padre dos claretianos havia retirado da igreja aquela imagem linda de Nossa Senhora do Rosário e a colocado na casa paroquial. Nesse dia, estava acompanhado por um grupo de pessoas, e disse:

– Meu Deus! Como eu gostaria de ter essa imagem comigo!

As pessoas que estavam junto ouviram e fizeram uma surpresa para mim: conseguiram adquirir aquela imagem e me deram no dia de meu aniversário sacerdotal. Essa imagem está comigo até hoje, eu a mantenho na capela particular de minha casa. Eu a repintei, a reformei por completo, coloquei uma coroa muito bonita em sua cabeça, está muito linda. Essa imagem está com o menino Jesus nos braços e com um rosário, um rosário de pérolas cultivadas, certamente.

Lembro-me muito bem da minha primeira comunhão, a missa foi celebrada pelo Pe. Vitor Artabe, um espanhol. Senti-me muito feliz, muito contente, nada aconteceu de especial, mas me lembro desses sentimentos. Deveria ter nove anos mais ou menos.

Coroinha

Desde os sete anos,[§] por aí, já ia à igreja. Os padres me prepararam uns dois meses para ser coroinha. Aprendi a responder em latim a missa, pois havia um senhor que explicava as respostas da missa e assim eu ia decorando aquelas frases em latim, desde então fui coroinha até entrar no seminário.

Como coroinha, ajudava nas missas, sempre usando uma batina vermelha.

O mês de junho era um mês muito festivo, havia festas no mês dedicado ao Coração de Jesus. Uma irmandade do Coração de Jesus fez um altar do Coração de Jesus para celebração das santas missas. Eu ia todos os dias ajudar na missa de manhã, bem cedinho, às 6:00. Como era tempo de muito frio e eu não tinha agasalho, ia da minha casa até a igreja trincando de frio, com aquela roupinha comum, porem tranquilo, sozinho pelo caminho escuro ainda, muitas vezes sem café, sem nada. Minha mãe não pensava nessas coisas e eu sentia fome. Lá, ajudava o padre a celebrar a santa missa

diária durante todo o mês de junho, eu deveria ter uns dez anos. Isso serviu de alimento para mim, comungava todos os dias, e também me alimentava da palavra de Deus, ouvia, considerava, mas não pensava muito.

Nas férias de julho, todos os meninos saíram, e eu fiquei sozinho como coroinha no mês inteiro. Minha mãe, nesse tempo, ficou conhecida pelos padres e pelo padre superior da igreja. No fim do mês, o padre me deu uma quantia até boa, não lembro muito bem quanto, só sei que era um bom dinheirinho.

Numa dessas vezes em que ia à igreja, lembro-me da investida de um rapagão muito grande. O rapaz me levou para uma doçaria e comprou um doce para mim. Na volta para a igreja, passamos no meio do jardim, onde havia uma privada. Esse rapagão me convidou para ir à privada, eu desconfiei dele. Ele disse:

- Vamos, você tem que vir, comprei um doce para você! Vem!

Não sei por que, eu firmei, firmei e não fui. Ele me agarrou, arrebentou a alça do meu tiracolo, que prendia a calça curta que usávamos até aos joelhos. O rapaz tentou me levar para a privada, para fazer alguma coisa contra mim, desconfiei das intenções dele e não permiti, de jeito nenhum, ser levado até lá. Ele fez força e não conseguiu. Enfim, foi somente isso que houve de mais grave no sentido de aproximação ou de tentação para mim. Graças a Deus, somente isso aconteceu.

O tempo de coroinha foi um tempo interessante, quando aprendi o bem e mal. Os meus amiguinhos coroinhas eram muito levados, os maiores já possuíam certos vícios e queriam me ensinar coisas erradas. Alguma coisa um tanto quanto errada de fato aprendi, mas depois nunca mais pratiquei, deixei de me afeiçoar a isso assim que entrei no seminário, quando conheci melhor a vida em Deus.

Como coroinha, também ajudava nas procissões, nas vias-sacras. Lembro muito bem quando era coroinha, passava de quadro em quadro da via-sacra falando para um amigo meu:

Olhe como Jesus está sendo pisoteado, está caído, sofrendo.

Fazíamos uma espécie de via-sacra própria nossa, olhando nos quadros, sem entender aquilo completamente.

Desse tempo de coroinha, lembro um sonho que tive: estava dentro da igreja, num lugar bem apropriado, onde passava todos os dias; o lugar ficava entre a sala de reuniões e uma parte da igreja, com vista para o altar-mor à esquerda. Olhei para Jesus e O vi agachado na cruz, plantado em uma espécie de pedra. Jesus não estava preso, mas agachado na cruz, como que ajoelhado, quieto, rezando e eu continuei olhando. De repente, eu levei um susto! Jesus se levantou e se pôs na cruz! Acordei logo em seguida. Não me esqueci jamais desse sonho, guardei muito a fisionomia de Nosso Senhor!

Hoje me lembro de que tinha tantos pecados e Nosso Senhor queria mostrar que eu era pecador, todavia naquele momento eu apenas me levantei. Somente depois de entrar para o seminário, com as confissões e toda aquela vivência é que fui me purificando cada vez mais dos meus pecados, Dou graças ao Senhor por ter me levado ao Seminário Menor Padre Antônio Maria Claret, em Rio Claro.

≈ PARTE II ≈

SEMINÁRIO



2. Seminário Menor

Primeiro impulso vocacional

MEU PRIMEIRO IMPULSO À vocação sacerdotal com certeza se iniciou na igreja paroquial da Vila Tibério em Ribeirão Preto. Já que era coroinha, o contato com os padres me sugeriu essa ideia, vendo os padres celebrar as missas e ajudando-os, rezando tudo em latim. Embora não entendesse nada, tudo isso despertando em mim o desejo de ser um padre também.

Esse ambiente em que pude estar com os padres me animava muito, gostava de ver o padre celebrando a missa cantada, eram hinos muito alegres. Como nasci num berço cristão, graças a Deus, é natural que tenha tido desejos de ser padre. Isso não estava tão claro, mas firmou-se ao final do quarto ano do grupo escolar, quando já era um menino de doze anos e meio.⁹

Tenho uma historinha, uma coisinha engraçada, simples, e que explica bem o chamado de Deus.

Numa tarde, minha mãe estava costurando roupas de casa e me disse:

– Gilberto, você quer ser padre ou você quer trabalhar? Meu filho, você vai tirar o diploma do grupo escolar, e eu não posso lhe dar mais estudos, eu não sei o que você gostaria de ser. Você precisa trabalhar, procurar uma fábrica, pois somos pobres e você não trabalhou até agora, somente estudou, é apenas um coroinha, você sabe que precisa procurar um serviço!

Depois dessa repreensiva, saí sozinho pelas ruas de Ribeirão Preto, fui a alguns lugares perguntando se tinham serviço, um menino de doze anos e meio, nas férias de dezembro.

È verdade que tínhamos uma casa onde morar, mas éramos pobres; sabia que precisava trabalhar, mesmo assim falei para minha mãe:

- Mãe, eu gostaria de ser padre!
- É verdade que você já disse algumas vezes que gostaria de ser padre; olhe, isso é muito sério, pense bem.
 - Mãe, eu gostaria de ser padre, só não sei como fazer.

Então ela disse:

Vou falar com o padre lá da paróquia.

Minha mãe foi conversar com o pároco, o então padre Vitor Artabe, padre claretiano; ele me queria bem, como coroinha que eu era. Quando falamos com o padre, era início de ano, mês de janeiro ou fevereiro, ele nos entendeu bem.

Quando os meninos coroinhas, até os mais velhos do que eu, souberam que queria estudar para padre, me disseram:

- Ah! Não vai, não, porque padre não pode casar!
- Você não quer casar?

Eu respondi:

- Por enquanto n\u00e3o estou pensando nisso, ainda n\u00e3o pensei em nada disso, pois quero ser padre.
 - Padre não pode casar!
 - Não há importância, quero ser padre!

E ficou esse problema na minha consciência também; para resolver, não conversava com ninguém, nem com os padres, nem com a minha mãe a respeito. Tomei então a resolução de ir para o seminário.

Entrada para o Seminário Menor

Quando minha mãe foi falar com o padre vigário que eu queria ser padre, ele providenciou minha entrada no Seminário Menor de Rio Claro. 10

Lembro ainda quando minha mãe recebeu o rol de pedidos para levar para o seminário: roupas próprias, pijamas, toalhas de banho, de rosto, meias... Eu não tinha meias, calçava o sapato sem meias, sem nada. Minha mãe comprou tudo aquilo que foi pedido, fui com ela comprar esse enxoval. Estava tão feliz vendo as coisas que comprava, coisinhas de nada, um sabonetinho que cheirava, era gostoso! Eu nunca tinha tomado banho com sabonete, sempre era um sabão de pedra daquele comum, que as famílias pobres usavam naquele tempo. Hoje tudo está diferente, é fácil comprar sabonete; naquele tempo sabonete e dentifrício eram muito caros, não podíamos comprar. Minha mãe comprou todas essas coisas necessárias uns dias antes no armarinho.

Quando concluí o quarto ano do grupo escolar, fizeram uma festinha, lá mesmo num salão apropriado.

O padre Vitor arrumou um colega padre, de quem eu me lembro até hoje, padre Damião. Ele me levou de ônibus, chamavam jardineira, de Ribeirão Preto até Rio Claro. Fiquei feliz, contente por poder ser aluno no Seminário Menor, na ocasião tinha doze anos e meio.

Fui para o seminário no dia 5 de fevereiro de 1938. Seminário Menor dos Claretianos, Beato Padre Antonio Maria Claret, em Rio Claro; na época Rio Claro pertencia à diocese de Campinas. Eu fui direto para lá, não fiz nenhuma experiência vocacional.

Minha mãe ficou muito feliz, e não chorou. Quem chorou muito – fiquei sabendo depois – foi minha irmã Maria Tereza, a mais velha, ela sentiu minha falta e chorou muitas vezes.

E assim passei lá cinco anos. Em todos esses anos fui passando um longo deserto em minha vida, um enorme deserto.

Vida no Seminário Menor

O Seminário Menor de Rio Claro ficava quase fora da cidade. Os padres tinham uma propriedade muito grande, com campo de futebol, pomar com laranjeiras, mexeriqueiras, muitas outras árvores de frutas e até verduras. Havia vários irmãos, que não eram padres, responsáveis por cuidar desta parte mais material do seminário. Comíamos bem: frutas, verduras, carnes, sempre me senti bem, nunca senti falta de nada.

A parte baixa do terreno, bem longe, ia dar em uma represa feita realmente para conter as águas de um riacho; havia muitos peixinhos, uma canoa e até uma jangada. Gostava muito de estar na jangada, sozinho, com uma vara de pescar; se caísse na água, morreria afogado porque não sabia nadar.

Certo dia, estava vindo da represa e vi um padre novo indo para lá. O padre gostava de tomar banho naquele lugar, nadava, se arrumava e depois vinha para a missa. Nesse dia deram falta dele, então eu disse:

- Ah! Ele foi tomar banho!

Eu não sabia que o padre sofria do coração; os padres foram para lá e atestaram de fato que ele estivera no local, as roupas foram encontradas de lado. O padre havia se afogado na represa; certamente foi um colapso cardíaco que ele sofreu, morrendo afogado. Para nós, crianças, foi um choque muito grande ver um padre morto e acompanhar as cerimônias fúnebres. Isso marcou muito. Eu não tinha medo da morte. Até os sessenta anos sofri com esse medo, depois foi desaparecendo. Hoje não tenho mais medo da morte, graças a Deus, o Senhor me libertou completamente.

No Seminário Menor Claretiano, não precisávamos de passeios, pois o lugar era muito grande, era só correr pelo terreno que já se conhecia muita coisa. Penso que não sentia necessidade de passeios porque me divertia muito bem por lá. O seminário, para mim, era agradável! O que o reitor fazia era nos levar, vez ou outra, para assistir a um

filme no cinema local; eu me lembro de ter assistido a um filme sobre São João Bosco e outros filmes semelhantes.

No Seminário Menor, o reitor¹¹ me apresentou um rapaz mais velho que estava no quarto ano de Seminário Menor. Ele me acompanhou no tempo de Seminário Menor como um anjo da guarda, é assim que chamávamos, como um pai que explica os primeiros passos. Eu ficava do lado dele, na capela, na missa; os seminaristas novos ficavam ao lado dos padrinhos e assim nos orientavam a rezar, acompanhando direitinho. Do tempo em que fiquei nos claretianos, nunca cheguei a ser um anjo da guarda de outro seminarista. Esse seminarista mais velho morreu há pouco tempo como padre, morreu do coração, trabalhando, buscando assinatura da Ave-Maria¹² dos padres claretianos. Eu senti a falta dele, pois me acompanhava em tudo.

A roupa que usávamos chamavam de bata, normalmente era como um capote mais comprido, um paletó abotoado na frente com seis botões. Usávamos sempre esse uniforme, dia e noite.

As atividades eram estudar e rezar. Naquela época, levantávamos às 6:00 h, às 6:30 h fazíamos uma meditação de meia hora, às 7:00 h vinha a Missa em que comungávamos, às 7:30 h era o café, meia hora depois começavam as aulas, às 8:00 h. Havia duas aulas na parte da manhã e mais duas à tarde. O almoço era ao meio-dia. Fazíamos o exame de consciência duas vezes ao dia, depois do almoço e depois do jantar, quando íamos à capela para fazer a visita ao Santíssimo Sacramento e à Nossa Senhora. Em torno de 20:00 h e 20:30 h, íamos à capela com o padre; rezávamos o terço; mais ou menos em torno de 21:00 h íamos deitar.

Conforme ia passando o tempo, eu ia conhecendo melhor o regulamento do seminário. A disciplina era muito rigorosa, havia silêncio em qualquer parte, somente no recreio conversávamos, brincávamos e tudo mais.

Nessa época de seminário não me recordo de nenhum sonho. Lembro-me de algumas coisas mais tristes que guardava para mim, pois não havia para quem contar, e então eu as guardava, sofria sozinho.

É interessante observar como hoje as pessoas não têm mais força, mais coragem, para vencer alguma coisa. Fiquei os quatro anos do seminário¹³ sem voltar para minha casa nenhuma vez, quatro anos longe da minha família, longe da minha mãe; meu pai tinha morrido antes de eu entrar no seminário. Penso que tudo isso foi graça que Deus me deu, porque me desapeguei também da família, vivendo mais longe. O seminário tinha uma disciplina bastante rigorosa.

Um dia, alguém me disse como imaginar fechar esses meninos ainda na adolescência. É verdade que ficávamos muito fechados a sete chaves. Fiquei longe da minha mãe sem vê-la por quatro anos. Era assim naquele tempo. Hoje ninguém suporta nada, precisa-se de um tempo para visitar os pais, sobretudo porque estamos vivendo em um tempo diferente, mas não podemos deixar de entender o que foi no passado.

Tive uma agradável vivência no Seminário Menor, a vida no seminário era muito tranquila; os padres, além de me quererem bem, também viam em mim algumas qualidades.

Os padres claretianos são muito devotos a Nossa Senhora, ao Coração de Maria, íamos bebendo nessa fonte pura do Coração de Maria. Santo Antonio Maria Claret era muito devoto a Nossa Senhora e ele levou para nós, para a congregação, seu espírito de muito amor a ela. Começávamos a conhecer Nossa Senhora de modo muito mais prático, mais de confiança, de visitas a Maria. Depois do almoço, íamos todos para a capela fazer uma visita a Jesus Sacramentado, depois disso podia-se descansar meia hora somente. É claro que a devoção que tenho a Jesus, Maria e José procede desse meio, é um amor muito grande a Nossa Senhora e a Jesus Sacramentado.

Tudo isso era cuidado pelo diretor espiritual, espanhol, um padre muito bom, muito dedicado. Vivia constantemente conosco, como se fosse o reitor, na verdade era reitor e diretor espiritual, ¹⁴ uma mãe e um pai para nós; nos recreios ou nos estudos, em qualquer lugar que estivéssemos, sobretudo na capela, estava sempre junto de nós.

Eu bebi muito desse leite espiritual e fui muito bem formado. Acho que não pequei muito em minha vida, penso eu, não sei, por ter sido recolhido mais cedo no seminário, aos doze anos e meio; desde aí nunca fiz uma ação grave, motivado pela distância do pecado, das companhias de pecado. Naquele tempo em que eu era coroinha, aqueles rapazinhos eram levados da breca, como se dizia, ensinavam muita coisa errada e as fazíamos sem saber. No Seminário Menor tínhamos os padres para nos confessar e com isso íamos aprendendo a nos desafeiçoar de tais coisas.

Consagração a Nossa Senhora

Um dia, andando no claustro, pelo corredor, um seminarista menor me disse:

- Gilberto, você, que é muito devoto de Nossa Senhora, não quer fazer o voto de consagração a Nossa Senhora como escravo perpétuo, conforme o Beato Luís Maria Grignion de Montfort?
 - Ah! Quero sim!

Esse seminarista entregou-me um livro pequenino, reparei que era da biblioteca do seminário. Agora vejam, pelo prólogo antigo, lemos que o livrinho foi o primeiro a ser editado em português, em 1938, e em 1940 ele estava nas minhas mãos. Eu o li bastante entusiasmado e no mesmo ano, no dia 8 de dezembro, Solenidade da Imaculada

Conceição, fiz minha consagração como escravo perpétuo de Maria à Sabedoria Encarnada, Jesus Cristo, pelas mãos santíssimas de Nossa Senhora. Então de 1940 até 2002, são 62. Faz 62 anos¹⁵ que sou consagrado a Maria.

Naquela época, além da devoção a Nossa Senhora, havia também a devoção a São Luís Gonzaga, aos Anjos, ao Santo Anjo da Guarda, e sobretudo a São José e ao Beato Luís Maria Grignion de Montfort, depois canonizado como santo. 16

Ângelus

O que tenho para contar a vocês foi um fato muito estranho que ocorreu na minha vida de seminário; mais precisamente, no segundo ano de Seminário Menor. Esse acontecimento perpassou toda a minha vida.

Era meio dia, depois do almoço, estávamos na capela ajoelhados para rezar o Ângelus. O padre estava no fundo do corredor, que era grande e largo, e ficávamos em fila um atrás do outro em dois coros. Num determinado momento em que estava rezando o Ângelus, eu estremeci! Uma coisa horrível aconteceu dentro de mim! Uma lembrança dos meus pecados de menino me veio à mente e me deixou apavorado, profundamente apavorado, tinha uma sensação de pavor ao lembrar dos meus pecados.

Depois da oração, o padre foi para o quarto dele e eu corri procurá-lo:

- Padre, quero me confessar porque tenho uns pecados, assim, assim, assim...

Disse ele que voltasse à noite e me confessaria, faria uma boa confissão e me daria conselhos, depois disso estaria dispensado.

Acontece que aquela tarde foi horrível para mim! Tinha a sensação de morte, certeza de que iria morrer naquela noite, algo muito firme! Tal fato me apavorou muito! À tardinha havia um brinquedo, recreio com os meninos; eu fiquei num canto sozinho, tremendo, nervoso, achando que iria morrer naquela noite. À tarde daquele dia foi para mim horrorosa! Fiquei com aquele pavor e não pude recorrer a ninguém.

Chegou a noite e fui falar com o padre. Confessei os meus pecadinhos, entretanto, a sensação de pavor não me deixou. Pensava que, confessando, aquele medo desapareceria, mas, ao contrário, aquela sensação se entranhou em mim, tive pavor recordando os meus pecadinhos e isso ficou gravado em meus pensamentos. Não sei por que recordei os meus pecadinhos de criança.

Na noite depois da confissão, não conseguia dormir, eu dizia:

− Bom, vou esperar a morte!

Enfim, dormi. No dia seguinte, quando acordei, vi que não tinha morrido, e pensei:

– Está bom, vou morrer na noite seguinte!

Foi outro sofrimento o dia seguinte. Amanhecendo, vi que não tinha morrido.

- Certamente, é hoje que vou morrer!

Fiquei com isso muito tempo e só depois desapareceu, esmoreceu na minha memória. Todavia, ficou o choque, o medo da morte, o medo da confissão, o medo do pecado, por isso tomava muito cuidado para não pecar.

É daí que posso dizer para vocês que nunca pequei gravemente, como seminarista ou como padre, ao menos é o que penso. Não procurei nenhuma satisfação. Eu era muito recatado, não olhava para mulheres, embora tivesse vontade de namorar, de casar. Tudo foi retido em mim, foi gravemente retido em mim, de modo que minhas lutas interiores foram muito grandes, muito fortes. Pela misericórdia de Deus, não caí em pecado nenhuma vez, com mulher, com homem, sozinho, ou em masturbação.

Esse fato causou uma repercussão em toda a minha vida. Hoje aquela sensação que tinha até os sessenta anos de idade, aquele pavor que me deu dos meus pecados, não tenho mais. Neste tempo final de minha vida, vejo que tal fato foi uma Providência Divina perpassando por toda a minha vida e me fazendo despertar fortemente para me habituar à castidade, à obediência e mesmo à pobreza.

Certo tempo atrás, uns vinte anos mais ou menos, ¹⁷com a consciência bem tranquila, fiz não precisamente um voto, mas como se fosse um voto de não pecar, um propósito de não pecar nem levemente contra o Senhor Deus. Portanto, o que eu podia evitar, pecado leve, pecado venial, por consciência de fazer as coisas, eu evitei!

Isso que reportei anteriormente como um sofrimento muito grande para mim reverteu-se em bem, nessa paz interior que eu tenho. Tudo recebo das mãos de Deus, do jeito que Ele quiser, quando Ele quiser, no lugar em que Ele quiser, a doença que Ele quiser. Tudo isso está claro em mim e, conforme o Senhor me der a morte, espero recebê-la bem, ao encontro do Senhor!

Os anos no Seminário

No primeiro ano de Seminário Menor, fui mal nos estudos, mas consegui passar para o segundo ano, o segundo ano do ginásio.

No segundo ano, brincava muito nas aulas, o padre me dava muitos beliscões, a ponto de ficar com marcas. Eu ria à toa, brincava, fazia trapalhadas, e ele me castigava,me deixava em pé, até que eu parasse a brincadeira.

Lembro que foi no segundo ano de Seminário, em 1939, que tivemos a notícia da morte do Papa Pio XI. 18 Foi o primeiro Papa de que tive conhecimento.

Do segundo ano passei para o terceiro.

No quarto ano, fui escolhido para ler e dirigir as diversas novelas que eram representadas durante o Natal até a festa de Santo Tomás de Aquino. ¹⁹ As novelas eram estudadas pelos rapazes. Nesse período, no seminário, todas as noites havia palco, onde os rapazes faziam teatro de drama e comédia. Nós as chamávamos de esquetes, rápidas de 10, 15 minutos. Ríamos muito, cantávamos e tudo mais. Nesse ano, fiquei encarregado de preparar isso, todos os dias.

Vivi quatro anos do meu tempo no seminário, depois seria mais um ano, o quinto, e em seguida o noviciado. Sairia de Rio Claro e iria para o noviciado de um ano em Guarulhos. Faria os votos simples e depois entraria no Seminário Maior para estudar Filosofía e depois Teologia. Este era o caminho: Seminário Menor em Rio Claro, Noviciado em Guarulhos. Filosofía e Teologia parece-me que eram em Curitiba, Paraná. Ao todo, fiquei quatro anos no seminário dos Claretianos, de 1938 a 1941.

Retirada de Gilberto do seminário

No quarto ano de seminário, aconteceu uma coisa totalmente impensada e imprevista! Antes, há dois fatos que devo contar, que podem explicar um pouco esse imprevisto.

No segundo ano do Seminário Menor, minha irmã mais velha, Maria Tereza, que já estava casada, foi me visitar, e lá ela me falou:

- Gilberto, você não quer ir para casa comigo? Se você quiser, outra hora me ligue, me escreva, e venho buscar você.
 - Quero, sim! Quero ir embora!

Mas à noite, conversando com os coleguinhas, revelei isso para um deles e ele foi contar para o reitor do seminário. O reitor logo me perguntou:

- -É verdade que você quer ir embora do seminário?
- Ah, ah, ah, não sei, ah, ah, não quero, não!

Chorei, me arrependi, e não queria sair. Fiquei assustado, com medo, e não saí.

Meus irmãos também chegaram a me visitar no seminário. A minha mãe nunca me visitou, somente falávamos por carta, e nas cartas sempre me apoiava, sempre me dava forças.

No quarto ano, apareceram-me dois dos meus irmãos: o mais velho, Domingos, que está vivo, e José, mais novo que ele, que morreu em 2002. Esses irmãos vieram com a certeza de me levar embora. Falaram comigo que queriam me levar, eu disse que não queria sair de lá, já era o quarto ano, depois seria o quinto e então seria noviço. Meus irmãos ficaram muito nervosos comigo, queriam me arrancar do seminário, me levar

embora de qualquer jeito. Eu não queria sair e resisti veementemente ao que pediam para mim.

Eles esperavam que eu dissesse sim. Disse não, e de fato eu não queria mesmo. Àquela altura, não era minha vontade deixar o seminário, com quatro anos já estava envolvido totalmente num clima de amor a Nossa Senhora, a Jesus Sacramentado. Fazia muitas visitas a Jesus Sacramentado, o que trouxe para mim um crescimento espiritual muito grande e muito forte, a ponto de resistir à insistência de meus dois irmãos, mais velhos que eu, para me levarem embora, pois eu desejava permanecer no seminário. Eles diziam:

- Nós vamos levar você para São Paulo, para um colégio bacana que nós conhecemos e lá você vai ser feliz, vai arranjar uma coisa boa para trabalhar e assim viverá mais feliz do que ficar fechado aqui.
- Eu não estou fechado, a hora em que eu quiser eu posso ir, mas eu não quero ir, não quero ir!

Tive que procurar o reitor, que era também diretor espiritual, e falar com ele, que veio em meu socorro. O reitor então disse para os meus irmãos:

- Se o rapaz, se o irmão de vocês não quer ir, para que tentar levá-lo à força?

Então me deixaram, foram embora e cortaram a amizade comigo, não me telefonaram mais e me deixaram tranquilo também.

Os meus irmãos não queriam que eu fosse padre, tentavam me tirar do seminário, queriam me desviar da vocação de padre. Eles brigavam muito com minha mãe e ela foi se queixar com o padre vigário da paróquia, que falou com os padres do seminário e estes, por sua vez, falaram com o provincial daquele tempo, Pe. Mariano Ufias, que decidiu a questão.

Em 1941, no dia 11 de novembro, festa de aniversário do reitor, ²⁰ quando eu estava no campo de futebol, vendo a partida, me chamaram dizendo que um homem estava na sala de visita esperando para conversar comigo. Fui saber pelo reitor que era um cunhado meu e que tinha uma ordem do provincial, Pe. Mariano Ufias. Quando eu ouvi o que o padre disse, pensei: "Deve ser uma ordem, para eu ir com ele". Então, quando encontrei com o meu cunhado, Santos, ele me disse:

 Vai se aprontar porque vou levar você para Ribeirão Preto, sua mãe quer falar com você.

Eu tinha entendido bem o que o reitor tinha falado e não tive nenhum impulso de dificuldade. O meu cunhado me levou embora naquela mesma noite.

Fomos de trem para Campinas, e de Campinas para Ribeirão Preto pela Companhia Mogiana de trem. No dia seguinte, pela manhã, já estava na minha casa com a família.

Quando voltei para casa, aconteceu um episódio engraçado, uma criancinha estava brincando na portinha de casa, e então eu perguntei:

- Quem é essa criança?
- É o Aguinaldo!

Aguinaldo era o filho do meu cunhado, um menino que deixei pequenininho e já estava grandinho, esperto, com cinco anos de idade. Também me assustei quando vi minha irmã mais nova, a Nadir, ela devia estar com seis ou sete anos. Cumprimentei a minha irmã e entrei em casa.

Quando voltei, fiquei esperando uma explicação, alguém que me dissesse alguma coisa, o porquê de tudo aquilo, mas ninguém dizia nada para mim. Nesse tempo fiquei muitos dias em casa; ia para a igreja matriz, rezava e me confessava. Já era o fim de janeiro e ninguém ainda me tinha dito nada, ninguém me procurou para dar alguma explicação.

Entrada no Seminário Menor Secular

Nesse tempo em que voltei para Ribeirão Preto, tive uma ideia, certamente inspirada por Deus:

– Vai e procura Dom Miguel.

Dom Miguel Maria Biondi, osb, era um abade que conheci antes de entrar para o seminário, era abade dos Beneditinos Olivetanos.²¹ Sua abadia ficava num bairro chamado Campos Elíseos, esse bairro muito grande que ficava do outro lado da cidade.

Se procurasse o padre vigário da Vila Tibério, ele me diria que voltasse para o Seminário Claretiano; se falasse com o bispo, este diria que fosse para a diocese. Então fiquei numa dúvida cruel, difícil de resolver. Eu me lembrei de Dom Miguel, imediatamente apeguei-me a essa ideia e fui falar com ele. Era uma tardinha, Dom Miguel me recebeu e contei toda a história para ele, que me disse:

– Meu filho, agora você tem 16 anos e por isso não pode determinar por você mesmo sua vocação; quem vai dizer isso é sua mãe, para onde ela mandar você ir, você vai!

Falei com minha mãe e ela disse:

- Quero que você vá falar com o senhor bispo.
- −É isso, mãe?
- É, vá falar com o bispo!

Conforme Dom Miguel disse, obedeci. Fui então falar com o bispo, Dom Alberto José Gonçalves. O senhor bispo disse:

Muito bem, meu filho, daqui a alguns dias você vai para o Seminário Menor
 Secular em Campinas, pois aqui em Ribeirão Preto não temos um Seminário Menor.

E assim resolveu-se a questão.

A minha saída dos claretianos para os seculares, em certo ponto, teve a ver com meus irmãos. Minha mãe fez com que eu falasse com o bispo para que eu não voltasse mais para o seminário dos claretianos, prevendo o que ela escutaria dos meus irmãos. Então, indo para outro seminário mais aberto, não haveria mais problemas. Eu sabia claramente o que os meus irmãos pretendiam. Foi uma luta muito grande contra minha vocação, no entanto, eu perseverei com firmeza. Não cedi à vontade dos irmãos que poderiam ter me tirado até mesmo à força desse outro seminário; era só evocar que eu era menor de idade e com isso poderiam ter a possibilidade de me levarem embora. Não fizeram isso, graças a Deus estou livre aqui até hoje.

Geralmente não sinto muito as mudanças de ambiente e sim as mudanças de temperatura, estas eu sinto bastante; entretanto, senti profundamente a mudança do Seminário Menor Claretiano Religioso para um Seminário Menor Secular, para a formação de padres diocesanos. A mudança foi muito brusca na minha vida. Fui aguentando bem sozinho. A questão não foi sair de um seminário para não ser mais seminarista, mas sair de um seminário para outro totalmente diferente da concepção a que estava acostumado, daquilo que eu tinha bebido formalmente e espiritualmente no Seminário Claretiano: tudo era bem diferente.

Hoje não tenho mais amizade próxima com os padres claretianos, embora eles se lembrem muito bem de mim. Os padres, antigos seminaristas claretianos do meu tempo de Seminário Menor, me querem bem.

Continuação dos estudos e término do Seminário Menor

No Seminário Menor Secular de Campinas havia o quinto e o sexto anos, no Seminário Menor dos Claretianos eram apenas cinco. Portanto, ainda teria que ficar mais dois anos. Nos Claretianos, depois do quinto ano, faria o noviciado. Perguntei ao reitor se precisaria fazer os dois anos, o quinto e o sexto, pedi que entrasse logo no sexto ano para depois entrar no Seminário Maior aqui em São Paulo. Ele disse:

 Bom, nesse caso devo preparar para você um exame. Se você responder bem a todas as perguntas que eu fizer, você pode já entrar no sexto ano.

Foi assim que fiz aquele exame. O reitor, Cônego Rafael, disse que eu tinha passado e poderia entrar no sexto ano. O reitor do seminário de Campinas também era o nosso diretor espiritual.

Comecei o sexto ano em 1942. Foi nesse último ano que eu recebi a batina.

Em setembro de 1942, aconteceu aqui em São Paulo o IV Congresso Eucarístico Nacional. O bispo de então, Dom José Gaspar, preparou uma maravilhosa acolhida a Jesus Sacramentado. Uma grande multidão foi para as procissões. As pessoas ficavam na Praça da Bandeira escutando as pregações dos bispos. Naqueles dias, os seminaristas do Seminário Menor de Campinas vieram para o congresso. Os padres, o reitor e diretor espiritual nos trouxeram para São Paulo.

Por causa do IV Congresso Eucarístico Nacional, vim a São Paulo pela primeira vez, isto foi em 1942, aos 17 anos de idade.

Em São Paulo, ficamos hospedados no antigo Seminário Central do Ipiranga; hoje é a sede da UNIFAI. Participamos do Congresso com os seminaristas maiores daqui de São Paulo. Foi uma convivência muito agradável, que nos trouxe muita alegria. Íamos à Praça da Bandeira no centro da cidade e à noite voltávamos para dormir no seminário. Foram dias de encantamento, dias de maravilhas. Eu já desejava conhecer há muito tempo uma cidade grande como São Paulo. Falava-se muito de São Paulo no Seminário Menor, desde Rio Claro fiquei conhecendo São Paulo por ouvir dizer. Quando chegamos aqui foi aquela coisa maravilhosa, esplendorosa, um congresso eucarístico maravilhoso que deixou saudades.

O sexto ano logo acabou e terminaram os estudos do Seminário Menor. Fui para Ribeirão preto passar as férias e, depois, vim para São Paulo e ingressei no Seminário Maior Central do Ipiranga.

3. Seminário Maior

Filosofia

No ano de 1943, entrei no Seminário Maior para cursar Filosofia, por três anos, e a seguir, Teologia, mais quatro anos.

Os seminaristas foram bem recebidos pelo reitor, Monsenhor Pedro da Cunha Cintra, que depois se tornou bispo de Petrópolis e ultimamente é bispo emérito. Por volta de 2000, encontrei-me com Dom Cintra já como bispo emérito em Petrópolis. Dom Veloso, que também era professor do Seminário Central, foi o bispo que assumiu Petrópolis depois de Dom Cintra.²²

Fui para o primeiro ano de Filosofía. Foi um ano muito belo, cheio de riquezas, de muito crescimento. Entrava-se no primeiro ano de Filosofía porque o seminário diocesano não tinha noviciado, penso que deveria ter uma espécie de noviciado, para formar bem os rapazes na espiritualidade e na piedade de modo especial. Não havia noviciado nem propedêutico naquela ocasião, somente mais tarde se introduziu o propedêutico; eu já era padre.

O Seminário Central do Ipiranga foi criado em 1934 por Dom Duarte Leopoldo da Silva, primeiro arcebispo de São Paulo. O seminário funcionava na atual UNIFAI, onde estudei os sete anos. Conheço bem tudo aquilo.

Na capela os coros ficavam um de frente para o outro, com espaço no meio por onde passava o padre para celebrar; às vezes, já se saía direto da sacristia.

No prédio de Filosofia, os dormitórios eram grandes, enormes. Uma cama ao lado da outra, com um criado mudo baixinho. As camas eram de extensão menor. Mesmo assim não é como a realidade do nosso Seminário Salvista, em que estão um pouco menos acomodados do que eu quando seminarista, pois dormem em beliches. Como o salão era grande, colocavam os três anos de Filosofia num único dormitório. Os banheiros eram separados. Era uma coisa boa!

Os seminaristas desempenhavam os trabalhos materiais, é verdade, mas também os trabalhos espirituais: um era sacristão, outro cuidava das alfaias e assim por diante.

Na cozinha, nunca podíamos entrar; nunca entrei na cozinha do seminário, principalmente porque isso era proibido para nós. Naquela época, tínhamos irmãs que cozinhavam, nós apenas servíamos; colocavam a comida numa parte especial e nós

pegávamos as travessas e levávamos para o refeitório nas mesas. Também não se podia falar no refeitório, pedíamos as coisas com sinais: sinal um, sinal dois, sinal três... Não lembro mais o que significava cada código: feijão, arroz, açúcar, café; era assim, para pedir todas essas coisas. Durante a refeição havia um tempo de silêncio com uma leitura muito calma. Gostava muito da leitura, porque, em vez de ficar falando bobagem, ficavase escutando um assunto interessante. De manhã era uma leitura mais espiritual, à tarde era uma leitura mais suave, leve, por exemplo, um relato de expedição para algum lugar.

Eu gostava muito do seminário, prezava muito por ele. Era incrível a quantidade de seminaristas: no primeiro ano de Filosofia éramos 200 rapazes, foi o ano que mais recebeu rapazes, depois foi diminuindo novamente. Sempre havia uns 80 seminaristas entre Filosofia e Teologia.

Na época da Filosofia, eu tinha muitos amigos; não sei o que eles viam em mim, vários deles vinham se aconselhar comigo, uma espécie de direção espiritual; havia para isso um nome especial, não lembro mais, sei que isso era aprovado pelo reitor. Então, o seminarista me escolhia, falava com o reitor e ele aceitava. Eu ficava orientando espiritualmente esses rapazes. Contavam os problemas e eu dava orientações; eu, pior do que eles, tinha que fazer as vezes de maior, de melhor, de mais tranquilo, porque por fora não demonstrava nada de medo, do terror que eu tinha internamente. Sempre tinha uma palavra de orientação, de tranquilidade. Do que eu tinha eu dava para os outros, tirava do fundo do baú do meu interior, coisas novas e velhas, como diz o Senhor Jesus, e dava para os colegas aproveitarem. Então, durante meu tempo de seminário, fui sempre mais um "padre seminarista" que aconselhava os rapazes. Eu sempre tive uma fé muito firme e nada pode me abalar.

Também nesse tempo de Filosofia, li todo o pequeno dicionário da Língua Portuguesa, página por página. As palavras que eram bonitas, mais poéticas, mais belas ou desconhecidas, tomava nota num papel, que tenho até hoje, um pequeno dicionário dessas palavras que fui escrevendo. Eu me tornei apaixonado pela Língua Portuguesa, a ponto de fazer depois um curso numa Faculdade de Língua Portuguesa. Fui aprovado, graças a Deus tirei boas notas.

No seminário fazia composições, pois eram como que exigidas pelo padre que nos ensinava literatura. Ele nos obrigava a fazer poesias; poesias métricas, ritmadas, com acentos próprios, uma poesia sempre mais parnasiana,²⁴ no estilo parnasiano, com métricas, com rimas, apropriadas, rimas ricas e não rimas pobres. Tudo isso aprendi com o Pe. Geraldo de Oliveira, esse padre penso que já deve ter morrido, não sei; a última vez que o vi foi em São Simão. Era um padre muito bom, dedicado, muito fervoroso, celebrava uma missa maravilhosa, muito bem rezada, muito bem reconcentrada no Espírito. Como professor, ele entendia muito bem e forçou-nos a aprender e a fazer uma

boa métrica, uma acentuação própria, esmerando ao fazer prosa ou poesia, enriquecida com palavras próprias, sem haver cacofonia.²⁵ Eu aprendi muito.

Enfim, foi um tempo maravilhoso o tempo do meu seminário, tanto menor quanto maior.

O segundo ano fiz normalmente, no entanto, me sentia muito sensível. O acontecimento que narrei para vocês sobre aquele Ângelus que me fez tremer de medo de morrer lembrando alguns pecados da infância permaneceu em mim escondido, de modo velado, e foi arrebentar no fim do segundo ano de Filosofia. Eu me sentia sensível demais, muita coisa que acontecia comigo, achava que era uma coisa enorme.

Origem do Esplendor Litúrgico

Quando havia uma festa especial, a preparação era grande, sempre nas noites de sábado. Aqueles que iam servir nas missas do domingo ensaiavam as posições, os lugares, os movimentos. Era uma missa muito bonita, com procissão inicial e tudo mais.

Tínhamos um professor de música, Maestro Fúrio Franceschini. Ensinava-nos todos os sábados as melodias do livro *Liber Usuales;* tenho esse livro até hoje, de cantochão, canto gregoriano com todas as missas dominicais. O maestro Fúrio Franceschini era um grande homem de Deus. Ensinava todos os sábados, ensaiando os cânticos, lendo a pauta da música; tudo em latim.

No domingo, a missa das 9:00 h da manhã era cantada com cantos gregorianos e, para tal, muito bem ensaiada. Usávamos batina, com sapato de fivela especial das que se usava no Vaticano. Fazíamos também assim, porque éramos uma cópia do que acontecia no Vaticano. O que acontecia lá respondíamos aqui; acompanhávamos o Papa, todos os trabalhos e tudo o que ele fazia.

Ensaiávamos também para as vésperas²⁷ cantadas no domingo, algo que era muito bonito. Não tínhamos missa à tarde, naquela época as missas eram sempre celebradas pela manhã. Nas vésperas, colocávamos as capas grãs-magnas, seis rapazes com capas solenes, capas pluviais como diziam, era uma coisa muito bela, toda aquela movimentação de rapazes.

Essa parte litúrgica do seminário eu acolhi muito bem. O gosto que ganhei pela parte litúrgica procede daí. Então, não deve ser estranho que tenha contribuído muito para o que trouxe para vocês, ²⁸ ao fundar os dois institutos, masculino e feminino, eu trouxe essa riqueza que a Igreja tem. Eu me impregnei de muito amor pela Igreja, de muita compreensão, de muito entendimento e de muita prática com isso. Foram coisas amadas pelo reitor e por nós, colocando-nos à frente de todos esses rituais litúrgicos. Isso eu

trouxe para vocês, uma riqueza maravilhosa. Não trouxe tudo, é claro, porque uma coisa não se copia de outra, pode parecer semelhante, mas não com igualdade. Depois, o que fazem aqui não cabia fazer lá no seminário, e vice-versa, também o que se fazia lá não dá para fazer num seminário religioso de hoje. Então, quero trazer mais próximas essas particularidades, para que vocês percebam de onde nasceu muita coisa que eu coloquei nas nossas Constituições.

Afastamento do seminário

No fim do segundo ano de Filosofia, em 1944, em 25 de dezembro, dia de Natal, à noite na capela estávamos rezando a oração do terço, quando me senti mal, um estalo como a gente fala, um mal-estar muito forte. O meu corpo inteiro começou a tremer, tive um espasmo de medo, nervoso, falta de ar. Naquele momento, saí da capela correndo e fui até o quarto do reitor, havia muitos rapazes lá para conversar com ele e por isso não consegui falar; de fato no dia seguinte todos iriam embora. Como não conseguira falar, procurei me acalmar, o rapaz que cuidava da farmácia me deu um remedinho, nem sei o que foi; enfim, dormi aquela noite, embora muito mal. No dia seguinte, foi piorando minha situação, era uma sensação de medo da morte, tudo o que havia de negativo eu estava sentindo em mim.

Então, o próprio reitor propôs eu ficar um ano em casa. Achou que eu não tinha condições de voltar no próximo ano para continuar os estudos. Por isso, convidou-me que tirasse a batina e ficasse mais à vontade, usávamos a batina o tempo todo, até mesmo nas férias, então ficaria um ano descansando.

Naquela ocasião, fui para Ribeirão Preto e passei as férias lá. Fui ao médico e não adiantou nada. O bispo, vendo que estava adoentado, também propôs que, naquele ano, não voltasse para o seminário, ficasse descansando e, se no ano seguinte melhorasse, poderia voltar. Foi assim que perdi o terceiro ano de filosofia, perdi minha classe, minha turma, eles ficaram um ano adiantados, ordenaram-se em 1949 e eu me ordenei em 3 de dezembro de 1950.

Essa sensação perdurou em toda minha vida até os sessenta anos,²⁹ somente depois dessa idade é que a coisa parece ter mudado, e de fato mudou. Não tinha a esperança de solucionar esse problema, que me atingiu também a parte mental, foi preciso ir acostumando com tudo. Até com as dores acabamos acostumando.

Essa doença era mental, era uma coisa estranha. Sofria muito de nervosismo, de muito medo, uma das principais preocupações era o medo de morrer. Esse medo de morrer cresceu em mim e se aprofundou.

Somente depois dos meus sessenta anos é que o Senhor foi retirando vagarosamente esse espasmo de sofrimento, então fui parando de pensar na morte e me entreguei totalmente ao Senhor.

Essas sensações que tive foram boas para mim, porque se eu fosse padre comum, sem sofrer, seria possível que eu tivesse me perdido, por causa da falta de perseverança nas coisas; em algumas coisas persevero bem; outras, vou deixando.

No começo de 1946, voltei para o seminário e conversei com o reitor. Ele disse que, se eu pudesse aguentar, ficaria, senão teria que voltar. Da mesma forma conversei com o senhor bispo e ele também achou que eu deveria ficar. Então, voltei a estudar, brinquei, trabalhei, fiz tudo que era normal no seminário, sem nada tirar.

Como entrara no Seminário Central do Ipiranga no primeiro ano de Filosofia em 1943, passei para o segundo ano em 1944. Perdi o ano de 1945 e voltei em 1946, quando concluí o curso de Filosofia.

Teologia

Ao terminar o curso de Filosofia, ia-se direto para a Teologia, formação concluída em quatro anos. Em 1947, comecei o curso de Teologia, terminando-o em 1950.

Nessa ocasião estavam selecionando rapazes para ir a Roma estudar; entrei na Teologia com muitos amigos preparando-se para fazer os estudos em Roma, partiriam no mês de julho. Eu também esperava ir, porém, como o arcebispo³⁰ tinha-me visto doente, não me mandou para Roma, e me vi postergado por causa de minha doença.

Assim, durante toda a minha vida, fui sendo postergado por uma razão ou por outra, quase sempre doença. Vivi minha vida numa tortura, não espiritual, mas psíquica, minha cabeça parecia estar fora de mim. Às vezes, quando me olhava no espelho, me via como que diferente, estava um pouco fora da realidade. Muito consciente, na parte moral tranquilo, sem pecados, mas na parte psíquica estava transtornado. Sofri um martírio verdadeiro.

Minha vida toda foi uma postergação, sempre os outros iam adiante e eu ficava no meu lugar. Esperava, sofria, aceitava e tudo continuava bem. Não me revoltava, nem com Deus nem com as pessoas.

Quando entrei na Teologia, nós, teólogos, recebíamos um quartinho especial, um quartinho pequeno, mas muito bom, tinha uma cama, uma pia etc. Os banheiros ficavam num lugar à parte, vários banheiros conjuntamente.

Havia colegas meus maravilhosos, grandes pregadores, grandes incentivadores da vida cristã, belos párocos. Tínhamos uma formação muito severa no sentido da doutrina,

a doutrina era firme lá, não saía nada, uma vírgula fora do que o Papa dizia ou queria. Vivemos esse tempo abençoado por vários reitores, firmes na doutrina, sérios na disciplina e nos conduziam sempre mais no carinho e no amor.

Conhecíamos muito bem o latim, falar, pronunciar corretamente; o curso de Filosofia e Teologia eram em latim.

Lembro-me muito bem dos professores: Dom Veloso, bispo de Petrópolis, Dom Sione, hoje velhinho e muitos outros.

Naquela época, os professores eram padres, monsenhores, depois quase todos foram sagrados bispos, com exceção de um ou outro professor, como, por exemplo, o Professor Maestro Fúrio Franceschini.

Fúrio Franceschini era uma sumidade em música, um homem muito precioso para nós. Mesmo depois de bem velhinho, cansado, o reitor continuou mantendo-o como professor, pois ele contribuiu muito com a música sacra, foi um excelente professor.

Tive oportunidade de aprender a tocar algum instrumento musical, mas não tinha jeito. Tentei piano, órgão e outros instrumentos, não fui adiante, eu não tinha muita perseverança, logo enjoava das coisas.

Até hoje sou assim. Gostando de uma comida, por exemplo, pedia que fizesse no dia seguinte; no outro, uma semana ou duas depois não queria mais, enjoava. Não só em comida, com outras coisas também.

Certa ocasião, quando apareceram os disquinhos, os CDs, comecei a comprá-los compulsivamente, pois eram baratos. Ficava uma, duas horas nas lojas procurando discos mais baratos e mais ao meu gosto. Gosto muito de música instrumental, me agrada muito. Ficava estudando e ouvindo música, não me atrapalhavam no estudo devido a serem instrumentais. Ainda tenho muitos CDs instrumentais. Especialmente gostava de Frank Sinatra e alguns americanos do Cinema. Sabia que eram católicos, então me apaixonava ainda mais com isso. Tenho uma infinidade de CDs comigo ainda hoje. Estão guardados, não os toco mais, porque cansei deles. A única coisa em que persevero é a virtude, porque é minha obrigação viver a virtude e a santidade, viver a fé em profundidade, não sou capaz de passar por cima delas nunca, nunca!

De modo geral, em relação aos seminaristas, não queria mal a nenhum deles. Sempre fui muito tranquilo e gostava muito das pessoas, por isso nunca ficava zangado com elas. Deus me deu a graça de não fazer mau juízo das pessoas, procuro não fazer mau juízo de um seminarista ou de um padre, um bispo, porque não corresponde à realidade de meu estado interior. Sempre vivo uma realidade espiritual.

Ordens menores e diaconato

Naquela época, recebíamos quatro ordens menores, duas no segundo ano, e duas últimas no terceiro. Ostiarato, responsável por abrir e fechar as portas da igreja; Leitorato, para leitura na missa; Exorcistato, ordem menor de exorcista, era costume naquele tempo; Acolitato, para o serviço do altar.

Naquela época, havia o subdiaconato e depois o diaconato. No quarto ano, recebíamos o subdiaconato e depois o diaconato. O diaconato recebi no próprio seminário. Usávamos umas vestes próprias, semelhantes às que vocês usam agora. 31

Não conhecíamos o breviário no Seminário Menor, somente fui rezá-lo quando fui ordenado diácono, pois era no diaconato que se começava a rezar o breviário.³²

Consagração de sangue a Nossa Senhora

Ao chegar o fim do ano de 1950, o meu bispo de Ribeirão Preto marcou minha ordenação.

Eu me preparei para a ordenação com um retiro. Nesse retiro eu fiz algo de muito especial. Com uma pena escrevi num caderno: "Gilberto de Maria!" "Maria de Gilberto!".

O amor que tanto tinha por nossa Senhora me motivou a consagrar o meu sacerdócio totalmente a Maria. Eu a amava realmente e ainda amo profundamente a Mãe de Deus e Nossa Mãe. Não foi um gesto de capricho, não! Foi um gesto de filial devoção a Nossa Senhora! Conservo até hoje a folha em que escrevi, ela foi ficando nos guardados, vez ou outra eu pegava o caderno, esse caderno também contém poesias minhas sobre Nossa Senhora.³³

Ordenação

A missa da minha ordenação se deu na Catedral de Ribeirão Preto, às 8:00 h da manhã do dia 3 de dezembro de 1950, primeiro domingo do advento. Fui ordenado por Dom Manuel da Silveira D'Elboux, bispo de Ribeirão Preto, que naquele momento estava sendo transferido para o Paraná, pois fora nomeado arcebispo de Curitiba. Dom Manuel faleceu dormindo há alguns anos.

Nesse dia, fui ordenado padre sozinho; outro rapaz estigmatino³⁴ recebeu duas ordens menores após a minha ordenação.

Da minha família todos estavam presentes: minha mãe, irmãos e irmãs. Meu pai tinha morrido antes de entrar para o Seminário Menor. Meus irmãos não diziam nada, sempre vivi muito longe deles para sentir alguma coisa especial; são bons, eles têm sido amigos

durante todo esse tempo da minha existência, alguns já morreram, somos os últimos agora. Uma família prestes a desaparecer.

Certamente, depois da minha ordenação, dei algumas bênçãos, abençoei a família, dei as mãos para beijar depois da missa, enfim, coisas comuns e próprias a qualquer neossacerdote.

Depois da ordenação fomos para o Seminário Menor de Ribeirão Preto, onde deram um almoço festivo para todos os familiares e amigos. Depois tudo terminou e a festa só restava dentro de mim.

Na missa de minha ordenação, do que me lembro bem era o medo dentro de mim. O medo continuava em mim, aonde quer que eu fosse eu o levava comigo. Eram tremores internos, uma coisa que não me deixava quase nunca, a não ser dormindo.

Minha vida foi muito penosa nesse sentido, hoje me sinto como um passarinho livre, aberto, disposto a dar a vida para o Senhor, estou disposto a tudo. O Senhor já me provou severamente, como diz um dos salmos, e Ele me testou de vários modos e, pela misericórdia Dele, me encontrou firme na fé.

Minha vida sacerdotal se divide em trabalhos e sofrimentos. Hoje, olhando para trás, penso que essas doenças graves que me acometeram foram por obra de Nosso Senhor! Eu não tinha nenhum pensamento de fundar os Institutos que fundei, absolutamente não tinha nenhuma intenção e, por isso, sofri tanto na minha vida.

Trabalhava, fazia as coisas corretamente, tinha o pensamento moral firme, direito; minha fé na doutrina da Igreja era firme como é hoje também. Quanto a pecados, não tinha coragem de pecar, porque o Senhor me colocava sempre à frente a eternidade, então eu me retraía do pecado. Por isso, pela Sua misericórdia, passei todos os dias da vida sacerdotal com uma pureza muito grande, porque eu não podia pecar, eu não tinha coragem de pecar, eu não queria desagradar a Nosso Senhor de jeito nenhum: foi por causa disso também que Ele me provava com o medo do inferno, do juízo.

Era muito sensível, era muito fácil de me impressionar. Como eu já disse algumas vezes para vocês e repito agora, durante toda a minha vida, não tive uma visão sequer, nenhuma manifestação de Deus, nem de anjos, nem de santos e, como digo muitas vezes, nem com o diabo. Vivo perenemente da fé. Isso me dá uma certeza, uma segurança muito grande. É claro, vocês vão perguntar: Padre, você não tem dúvidas ou pensamentos contra a fé? Tenho! Claro! Qualquer pessoa normal tem pensamentos contra a fé, mas não me demoro neles, faço desaparecer esses pensamentos, essas dúvidas que não me levam a nada. Por essa razão minha fé continua firme e constante porque eu quero, porque Nosso Senhor quer!

\sim PARTE III \sim

VIDA SACERDOTAL



4. Primeiros anos como padre

elebrei a primeira missa no dia 8 de dezembro³⁵ de 1950. Apesar da data, cinco dias depois de minha ordenação, nunca deixei de rezar a missa, mesmo não sendo a primeira missa, porque consideramos a primeira missa aquela que é cantada. A primeira missa cantada foi na Vila Tibério, na igreja paroquial onde fui batizado, crismado, fui coroinha e daí saí para o Seminário Menor. Oito de dezembro foi também o dia da minha consagração a Nossa Senhora. Muitas coisas acontecem maravilhosamente sem que pensemos muito, as graças vão sendo dadas e com isso nos tornamos cheios de fervor na graça de Deus. Foi uma missa cantada em Latim, o Padre Juan Sarás ficou ao meu lado, era espanhol, forte, bom, excelente padre; era maravilhoso e me queria muito bem, fez questão de me ajudar na santa missa. É uma lembrança muito quente, gostosa, que me faz bem lembrar aquele tempo inicial da minha vida sacerdotal.

Lembro-me muito bem da primeira confissão que atendi. Não foi em Ribeirão Preto, mas em São Paulo, ainda estava nas pequenas férias depois da ordenação. Fui à casa de uns padres para celebrar a missa e lá encontrei com um padre de certa idade, e ele me disse:

- − O Senhor pode me atender em confissão?
- Posso!

A primeira confissão que atendi foi de um sacerdote! Não me lembro mais do seu nome, pois naquele tempo não pensava em guardar essas coisas que seriam tão boas para nossa história, mas me lembro do fato de ter atendido em minha primeira confissão um padre.

O primeiro batizado foi em Santa Rita do Passa Quatro.³⁷ Antes da ordenação não fazíamos batizados, nem como diácono batizávamos, não exercíamos a ordem como agora a exercem, é excelente o que fazem hoje.

Não lembro muito bem o primeiro casamento que presidi, sei que, dentre os primeiros, fiz o casamento de meu irmão Domingos. Ele se casou na Catedral de Ribeirão Preto. Havia muitos casamentos, não posso precisar quando foi o casamento do meu irmão. Os dois vivem ainda hoje, graças a Deus. Agora só restam este irmão e eu como homens e duas mulheres³⁸, uma mais velha do que eu que já é viúva e a outra mais nova, que moram em Ribeirão Preto juntas.

Ao completar um mês de ordenação, fui passar as férias em São Paulo, onde minha mãe morava na época. Andando pela rua, um senhor me viu de batina, naquela época todos os padres usavam batina, e me perguntou:

- − O senhor é padre?
- Eu sou.
- O senhor gostaria de celebrar uma missa na capela militar amanhã cedo, às 5:30 h da manhã? Aí moram umas irmãs, o senhor pode entrar por aquele portãozinho ali até chegar à casa das irmãs.
 - Tudo bem, venho sim.

No dia seguinte, às 5:00 h, estava indo para lá; eram quase 5:30 h, abri o portãozinho e entrei. Olhei para o lado direito, vi uma fileira enorme de tanques de guerra; olhei para o outro lado, outra fileira de tanques também. Comecei a caminhar, de repente eu percebo que alguém está me seguindo. Perguntei a mim mesmo: "Quem poderá ser?". Olhei e vi dois cachorros enormes, desses policiais, que me seguiam. Fui andando devagar, dei novamente uma espiada e percebi que estavam bem pertinho de mim! Aí me virei de repente e fiquei de frente para eles. Parece-me que estava com um terço na mão, acho que rezei, não sei bem o que fiz naquele momento, percebi então que os dois cachorros se agacharam, e eu fiquei firme, eles levantaram e foram embora. Voltei a andar e cheguei até a casa das irmãs. Depois da missa, fiquei do lado de fora da capela das irmãs e elas começaram a conversar comigo e me mostraram o caminho para ir embora. Eu disse que tinha entrado por outro caminho, pelo portãozinho, elas ficaram assustadas e disseram:

– O senhor entrou por lá?

Eu respondi que sim.

 Ninguém consegue entrar por ali, porque os dois cachorros enormes e perigosos não deixam ninguém entrar! Agora o senhor vai por outro caminho.

Nunca esqueço esse fato. Creio ter sido um milagre, uma intervenção divina, passar perto dos cachorros policiais, próprios para guardar o lugar, sem nada acontecer, graças a Deus.

Após a minha primeira missa, fui nomeado coadjutor³⁹ do cônego⁴⁰ Jaime Luiz Coelho, hoje arcebispo emérito de Maringá, um excelente padre, na Catedral de Ribeirão Preto. Fiquei durante uns cinco anos como coadjutor.

São coisas que me dão saudades ao lembrar aquele tempo em Ribeirão Preto, por quase cinco anos. Como falavam antigamente, era o coadjutor do cura da Catedral. Cônego Jaime foi meu amigo, servi ao lado dele.

Nesse espaço de tempo como coadjutor ficava todo o tempo ao lado do confessionário e atendia as pessoas em confissão. Vinham muitas pessoas de outras

cidades para se confessarem ali, então como padre novinho eu ouvia o que se pode ouvir num começo de sacerdócio. Nosso Senhor me jogou nesse oceano de pecados. Em vez de me escandalizar, fui robustecido em minha fé, por isso agradeço a Nosso Senhor.

Muitas pessoas da época em que era coadjutor, que se dirigiam espiritualmente, se dirigem ainda hoje comigo. Em especial, há alguém de Ribeirão Preto que telefona para cá e marca um horário comigo, é uma mulher de 80 anos já.

Desde o começo ela me tomou como diretor espiritual, desde o primeiro ano de padre, e até hoje ainda mantém uma conversa comigo, não tão frequente, pois ela mora longe, mas sempre que pode, quando ela vem aqui a São Paulo, também vem me procurar.

São coisas para agradecer e louvar a Deus, sua bondade misericordiosa que me trouxe até aqui não sem vontade Dele, e me conserva ainda pela vontade Dele. Estou pronto a ir quando Ele quiser.

São Simão

Após esses cinco anos como coadjutor da Catedral de Ribeirão Preto, fui nomeado pároco em São Simão. Tomei posse da Paróquia de São Simão no dia 5 de fevereiro de 1955. Quando cheguei a São Simão, eu era um padre jovem, tinha 29 anos e apenas cinco de padre. Fui muito bem recebido em São Simão, muito bem tratado e querido.

Em São Simão aconteceu uma coisa muito específica e especial de Deus para mim: conhecer a Nena, Maria Aparecida Longo. Eu a conheci em agosto de 1955 no primeiro ano em que fui pároco de São Simão, no aniversário dela, no dia 25. Era moça, deveria ter em torno de uns vinte anos. Era empregada de uma família muito boa, trabalhava para uma senhora muito piedosa que mandava para mim, frequentemente, doces, bolos, alguns assados e outras guloseimas. Dona Titi era uma mulher muito boa, muito católica e me queria bem. A Nena vinha, nem sempre com roupa bem limpinha, entregar esses agrados, sempre à tardinha, em torno de 4:00, quando saía do serviço e passava por minha casa. Hoje Dona Titi deve estar com quase 100 anos, mais ou menos, ela gostava muito da Nena, uma moça muito prestimosa que cuidava bem da casa.

Certo dia em que a Nena veio à casa paroquial trazer alguma coisa mandada por Dona Titi, perguntei:

- − Nena, você sabe escrever bem?
- Ah, sei, padre!

Ela escreveu e eu gostei da letra dela, bem didática.

- Olhe, eu estou cheio de batizados para assentar; o antigo padre deixou tudo sem assentamentos, estou com dificuldades de registrar todos esses batizados, você faria isso por mim?
 - Eu aceito, padre.

Os assentamentos estavam muito atrasados, eu não tinha tempo para fazer tudo sozinho. Entreguei para ela e, em questão de três ou quatro dias, ela assentou todos os batizados. Mostrou para mim o que estava assentando nos livros de batismo e eu gostei muito.

Logo depois, pedi que passasse também os casamentos; da mesma forma, fez todo o trabalho direitinho.

A Nena fez esses serviços para mim quando ainda trabalhava para Dona Titi. Passava à tardinha em casa e escrevia mais alguma coisa antes do jantar. Num desses dias em que estava em casa no escritório, eu disse:

– Nena, por favor, feche a janela.

Era uma janela grande. Nesse momento, perguntei:

– Nena, quanto é tanto mais tanto?

Ela, arrumando a janela, disse:

– Tanto!

Fiquei surpreso pela rapidez e pela capacidade de inteligência que teve para fazer aquele cálculo de matemática.

Tornei a perguntar:

- Você quer estudar um pouquinho?
- Eu gostaria, sim!

Pensei comigo mesmo: "Ela, sem pensar muito, disse o valor exato, fez um trabalho rápido de concentração: essa moça é inteligente". Continuei:

 Bom, já que você gosta de estudar, vou dar alguns livros para ver se você consegue estudar as matérias e fazer o exame de suficiência em Ribeirão Preto.

Eram nove matérias naquele tempo, além do Latim, Francês e Grego. Ela deu conta de tudo e passou. Fez o exame de suficiência em Ribeirão Preto, passou em todas as matérias, menos numa, Francês. Percebemos que a professora espezinhava um pouco os alunos. A Nena fez novamente o exame de Francês e tirou cinco, o suficiente para passar. Logo depois, eu a coloquei no que chamavam de colégio normal, eram quatro anos para se tornar professora normalista, professora primária. Fez o curso normal muito bem e se tornou professora, começando a lecionar numa pequena escola de periferia de São Simão, uma fazenda provavelmente.

Devo contar agora outro fato que aconteceu nessa época em que era pároco em São Simão. Tive a impressão de ter sido cogitado para ser bispo. Dom Davi Picão, bispo de

Santos, hoje bispo emérito, foi um colega meu de infância. É um excelente padre, de uma responsabilidade a toda prova. Dom Davi, à época, era administrador da Diocese de Ribeirão Preto, pois o bispo havia saído. Em uma visita inesperada a São Simão, disse:

- Gilberto, estou convidando você para ser cura da Catedral de Ribeirão Preto.

Percebi a intenção dele e falei:

 Olhe, senhor bispo, olhe minhas mãos, minhas mãos estão totalmente com enfisemas.

Tinha vergonha até de dar a Comunhão. Sofria muito com a alergia, nos pés, virilhas, nas mãos.

 Se o Senhor quiser que eu faça isso, que me cure, porque não posso sair daqui onde o povo já está acostumado comigo e ir para a Catedral onde as coisas são mais difíceis.
 Dom Davi, me perdoe recusar neste momento; não vejo outra forma a não ser que o Senhor me dê a graça de ser curado das mãos aos pés.

Muito tempo depois fui curado e a ocasião passou.

Dom Davi era bispo de Santos, mas estava como administrador em Ribeirão Preto, pois a diocese não poderia ficar sem um administrador. Em vez de colocarem um padre de Ribeirão Preto, escolheram o bispo de Santos. Cura da Catedral era o nome que se dava ao padre que cuidava da Catedral, agora não se usa mais esse nome, se usa pároco da Catedral.

Não quero dizer que Dom Davi me chamou para isso, embora foi o que pensei, então quero apenas sugerir, pois não falou diretamente para eu ser bispo. Porque vir até São Simão e me convidar para ser cura da Catedral? E vindo de lá? É curioso! Graças a Deus, Nosso Senhor Jesus tem o seu jeito de comandar as coisas, talvez hoje eu não fosse fundador de vocês, provavelmente não teria tanta petulância assim como tive na fundação desta obra.

Viagem de férias

Depois de dez anos de pároco em São Simão, merecia descansar um pouquinho. Em 1965, fiz uma longa viagem a passeio e conheci alguns lugares. Comecei pelos Estados Unidos, fiquei uns 13 dias lá. Lembro-me bem dos locais onde passei. Encontrei um padre daqui de São Paulo que era professor numa Faculdade católica em Nova York, ele me levou até a faculdade onde dava aula e depois me trouxe de volta. Esse padre me acompanhou um tempo em Nova York.

Estando em Nova York, fiquei numa casa de hospedaria, parece que lá só recebiam católicos, padres e religiosos, então estive num lugar muito bom. Nesse hotel celebrava

missa todos os dias, bem cedinho ou depois do café.

O dinheiro era contado, lembro que era um dólar e trinta *cents* um café da manhã, um copinho de nada e algumas coisinhas mais. Comia isso até o almoço, não tinha muito dinheiro, então precisava guardar um pouco. Aquele padre me levou a uma rádio da Broadway, era muito grande, um salão enorme onde havia demonstrações de danças, enfim, umas duas horas de diversão, onde tive conhecimento do que se fazia lá naquela ocasião, era muito bom.

O padre me levava às vezes para jantar, porque ninguém ia para casa almoçar, tomavam um lanche em qualquer lugar, isso por causa da praticidade. O almoço deles era isso, uma coisa aqui, outra acolá etc., mas uma refeição completa somente à tarde no jantar. Ele me levava para jantar e pagava. Aquele era um bom jantar, eu comia de tudo.

Eu não falava nada de inglês, quando ia almoçar ou comer alguma coisa qualquer ia a essas casas *self service*. Não tinha que falar nada para comprar as coisas, antes de entrar na fila pegava a bandeja com os talheres e depois ia apontando para a moça o que queria, depois mostrava a bandeja para uma outra moça que via o que continha e me dava uma notinha. Depois de pagar, sentava numa mesa, às vezes sozinho.

É interessante porque ninguém morre de fome por não saber outra língua, de jeito nenhum. Viajei sem falar uma palavra em inglês, não falei nada, ia por toda parte, entrava em todo lugar que queria. Se tivesse de pagar alguma coisa, pagava na entrada com o dinheiro que já estava trocadinho. Não tive dificuldade nenhuma em estar uns quatorze dias em Nova York.

Além desse padre que falava português, encontrei uma família da qual tinha feito o casamento em São Simão. Eles estavam morando em Nova York. Assim, logo que cheguei lá, me dirigi para a casa deles. Eles me receberam e me orientaram em todas as coisas de que precisava, almocei na casa deles e tudo mais.

Fui à Catedral de Nova York, que se chama Saint Patrick. Fica bem no centro, perto de onde se localizavam as torres gêmeas que foram destruídas por um ataque terrorista.

No centro vi coisas grandiosas, uma estátua enorme dourada, vi muita coisa bonita. Caminhei no *subway*, um trenzinho subterrâneo, onde ficava vendo os lugares e muitas coisas bonitas. O trem dava uma volta de meia hora debaixo da terra, depois subia. Era tudo muito bonito, guardei uma lembrança interessante, percorrendo tudo sozinho. Andei várias vezes nesse trem subterrâneo em Nova York.

Eu fui ver a Feira das Nações que estava acontecendo em Nova York. Fui de trem, pois era um lugar longe. A feira era muito grande, me lembro muito bem que comi lá. Era coisa fácil e não tive problemas.

Depois fui para Nova Jersey, um estado próximo de Nova York. Lá fui recebido por uma família muito rica. Possuíam um chalé à beira de uma lagoa enorme. Pessoas ricas

tinham casa em volta desse lago.

Em Nova Jersey fiquei uns dois ou três dias, depois voltei para Nova York. Ao todo, fiquei nos Estados Unidos uns treze ou quatorze dias, só fui a essas duas cidades.

Dali de Nova York, fui para Lisboa. Tive que levar a passagem em uma agência para marcar a data da viagem. Quando chegou o dia do embarque, peguei um táxi e fui até o Campo Kennedy. Era muito longe, uma coisa enorme, a ponto de me perder lá. Eu não entendia o que se falava pelo serviço de som em inglês, a única coisa que tinha era o horário do voo, mas não sabia qual avião seria, onde o pegaria. No fim, foi por uma graça de Deus que eu acertei. Pensei:

– Acho que vou lá para baixo, lá para o campo, quem sabe encontro alguém para mostrar o lugar do embarque?

Então desci, pois estava no quarto andar, e fui me infiltrando entre os aviões perguntando:

− É neste que devo partir? Na verdade, não falava, apenas mostrava o bilhete.

Eles diziam lá adiante, lá adiante. E assim cheguei até o avião. Era um avião da TAP, Transportes Aéreos Portugueses. Era um avião apagadinho, meio baixo e esquisito. Peguei meu lugar e o avião começou a decolar e a sobrevoar o mar. Às 3h da madrugada fez um sol terrível, estávamos indo contra o sol e por isso o sol batia muito claro dentro do avião, era luz intensa, dia verdadeiro. Cheguei a Lisboa às 7h da manhã. Então me dirigi para um convento de irmãs onde me hospedei. Não me lembro o nome do convento, sei apenas que era uma congregação de irmãs que cuidavam de muitas crianças e que recebiam hóspedes. Fiquei um tempo lá, acho que uma semana. Lembro que comia muita cereja, pois havia cereja a valer, e comida à vontade.

Em Lisboa, andei muito por lá. Que engraçado, há coisas de que não se esquece. Quando parei em uma das esquinas, uma moça me pegou pela mão esquerda. Olhei para ela e, quando abriu o sinal para passar do outro lado, ela continuou segurando minha mão. Pensei:

– Meu Deus do céu, o que é que vou fazer?

Andei um pouco, meio quarteirão adiante e ela continuou a segurar minha mão, então falei:

- Moça, o que você quer?
- Eu preciso comer, vamos almoçar, estou com muita fome.

Mulher da vida, não? Acho que queria comer e ganhar um dinheiro em troca de viver um tempo com ela. Enfim, neguei totalmente a companhia dela, dei dinheiro para ela e saí para o outro lado. Isso mostra como somos perseguidos em toda parte. É claro que a moça não estranhou que estivesse com um padre, talvez tivesse percebido não sei.

De Lisboa fui de trem até Lourdes. Eu celebrei no Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, era muito grande, lindo. Havia uma praça enorme na frente do santuário.

Visitei também o Santuário de Fátima e fiz pernoite lá. Aquela noite foi grandiosa, houve uma procissão muito linda com sinos, coisa muito bela.

Enfim, fui me abastecer espiritualmente também, rezei muito. Não conhecia ninguém particularmente lá, não conversei com ninguém, porque também não tinha com quem conversar. No dia seguinte, voltei para Lisboa.

Uns quatro ou cinco dias depois de Lisboa, fui para a Espanha. Fui de ônibus, provavelmente por brasileiros que tinham fretado esse carro para percorrer quase toda a Europa. Nos levaram para Madri, onde passamos pelo santuário.

A sensação que tive em estar nos santuários foi maravilhosa. Foi uma coisa de que gostei muito! Eu não os conhecia ainda. Uma coisa que gostaria de conhecer depois era a cidade onde ocorreu o Milagre Eucarístico, a cidade de Lanciano, a uns 170 Km de Roma, poderia ter ido, mas eu desconhecia na ocasião, depois em minhas leituras vi que era perto.

Tirei muitas fotos, eram aqueles slides projetados, mas joguei tudo fora. Tirei uma centena delas, depois vi que não teria serventia nenhuma, não mostrava a ninguém, ninguém ia sentir o que senti. Não sabia que ia fundar o Instituto, senão eu teria acumulado muito mais coisas; ainda tenho uma coisinha guardada para vocês, para se distraírem.

De Madri fui a Santiago de Compostela, daí atravessei os Pireneus cheios de neve e fui para a França, direto para Paris. Fiquei uns dois ou três dias, visitando muitos lugares. Gostei muito do Museu do Louvre, é grandioso. Vi a pintura de Gioconda, de Leonardo da Vinci e outras obras de arte, coisas muito lindas.

Naquela época, não sabia da famosa rua du Bac, onde ocorreu o fato da Medalha Milagrosa. Não sabia que ficava em Paris. Somente quando eu voltar vou passar lá! Antes de ir para o céu, vou dar uma voltinha!

Passei por muitos santuários na Europa. Também fui a Nice, fui a cidades importantes da Riviera Francesa e no Principado de Mônaco.

Da França fui mais adiante, tomei um trem para a Itália, para Roma. Viajei um dia e meio nesse trem, correndo em alta velocidade. O trem era bom, grande, espaçoso.

Chegamos a Roma. No trem havia outro padre comigo. Eu tinha deixado o pessoal do ônibus e peguei o trem de Paris para Roma. Fiquei em Roma num hotel já preparado pela Agência Abreu de Portugal, em Lisboa, que tem filial aqui em São Paulo. Passei por todos os lugares destinados para visitas: Coliseu, com toda a sua beleza, e mesmo o Vaticano...

Conheci o Papa, não conversei com ele, apenas o vi na Basílica de São Pedro e outra vez no balcão em que falava para a multidão, era Paulo VI.

Fui também conhecer Assis.

Queria conhecer a Alemanha, mas não fui para lá.

Pois é,filhos, na Europa fiquei mais ou menos um mês. Só não fui para o Japão porque era muito longe e muito caro. Nesse tempo era padre novo, quinze anos de padre apenas e estava sem dinheiro.

5. Vida em São Paulo

Diretor dos seminaristas em São Paulo

Depois dos doze anos em que fiquei como pároco em São Simão, a saúde recaiu muito, tremia demais e estava muito nervoso. Essa doença era de um estresse profundo.

Nesse tempo, quando fiquei muito doente, e sobre isso não sei se o senhor bispo, Dom Felipe Gaspar da Cunha Vasconcellos, sabia ou não, ele perguntou se queria ir para São Paulo cuidar dos rapazes que estavam no seminário, pertencentes à Província Eclesiástica de Ribeirão Preto, sendo um dos colaboradores em São Paulo.

Na ocasião, os bispos de cada Província Eclesiástica das quatro Arquidioceses – São Paulo, Aparecida, Botucatu e Campinas – resolveram agrupar os seminaristas numa única comunidade em São Paulo. Cada padre cuidaria do grupo de sua província. Ribeirão Preto, por exemplo, era parte de um arcebispado. Nessa época eram apenas quatro Arquidioceses, depois apareceram outras, mas naquela ocasião havia só essas.

Fevereiro de 1967, saí de São Simão e vim para São Paulo. Dirigi-me para a atual UNIFAI. Ali cuidava do grupo grande de rapazes, vocacionados de Ribeirão Preto, uma turma boa. Havia outros rapazes do Nordeste com o grupo de Ribeirão Preto e os fui acompanhando também.

Fazíamos as orações na capela como de costume e uma prática⁴² uma vez por semana para todos. Em particular tínhamos uma reunião semanalmente, cada grupo com o padre orientador que lhes colocava pontos de reflexão.

Ao todo, éramos quatro padres, cada um responsável por sua província, tomando conta dos próprios vocacionados. Semanalmente fazíamos uma reunião, em particular, expondo as dificuldades de cada grupo, e discutíamos os problemas para ter uma orientação uniforme. Um deles era o Padre Francisco Gandolph.

A Faculdade de Teologia foi fundada em 1948, a pedido da Santa Sé, como curso agregado a ela. Era a Santa Sé que escolhia os professores.

Em 1970, os bispos não quiseram mais esse modo de seminário. Todos os seminaristas voltaram para suas arquidioceses. Terminaram os grupos e nós, padres, ficamos sem os alunos.

Mesmo com a partida dos seminaristas, o bispo pediu que eu ficasse em São Paulo, pois o arcebispo de São Paulo, Dom Agnelo Rossi, achava bom continuar como representante da província no seminário em São Paulo. Assim fiquei uns 20 anos ou mais.

Fundação da FAI – Faculdades Associadas do Ipiranga

Assim passou um ano. Em 1º de abril de 1971, pedimos ao novo arcebispo, cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, para ter alguns cursos no seminário, já que estava quase vazio. Posso dizer bem a respeito do início dos cursos da UNIFAI, pois sou um dos fundadores. Primeiro, tive a ideia de fazer um colégio, mas optaram por cursos superiores. Era mais difícil. Tínhamos que fazer todo um trabalho com o MEC – Ministério de Educação e Cultura. Aquela ocasião foi um tempo em que o MEC estava começando a conceber cursos para as Faculdades isoladas, não seria uma Universidade.

Quem colocou a questão de Faculdades isoladas foi o Jarbas Passarinho, Ministro da Educação. Então surgiram ao mesmo tempo muitas escolas isoladas. O cardeal permitiu que montássemos a Faculdade, seria regida por ele mesmo. A nossa Faculdade foi aprovada⁴³ com os cursos de Filosofía, Pedagogia, História e Letras.

Nena

Quando vim para São Paulo, em fevereiro de 1967, a Nena passou a trabalhar na cidade. Ela começou a lecionar em pequenos grupos escolares que eram longe. Logo após a fundação da FAI, coloquei-a no primeiro ano de Letras. Formou-se como professora secundária, com bastante facilidade. Era muito inteligente, o que não tinha era oportunidade, não tinha dinheiro para pagar o estudo. Eu era um dos donos, podia darlhe de graça os estudos, foi o que pude fazer. Logo depois, conseguiu o grau de mestra. Com o tempo, começou a dar aulas na Faculdade, ministrava a disciplina de Prática de Ensino, enfim, era muito boa nisso. Ela queria ser doutora; eu disse que não precisava ser doutora, bastava o título de mestra, então não levou adiante o propósito. Ela só parou de dar aulas por minha causa, pois estava muito doente, isso foi uns dois anos antes da morte dela.

Para mim ela era uma filha de coração, me respeitava muito; comprava todas as coisas de que eu precisava. Cuidava de mim como filho dela. Eu a confessava e a orientava de modo que ela se tornou uma mulher cheia de valor, cheia de um espírito profundo, uma mulher carismática. 44

Até pouco tempo ela brincava comigo a respeito de minha vocação: eu lhe disse que minha mãe me mandou procurar emprego para ajudar em casa. Dizia que eu não queria trabalhar e por isso quis ser padre, eu quis ser padre para não trabalhar! E justamente foi o contrário! Trabalhei bastante como padre! Louvado seja Deus!

Ela participava da minha missa todos os dias, depois da consagração tinha visões, e em geral, depois da comunhão, falava alguma coisa. Contava coisas lindas, maravilhosas.

Aprendi muito com ela, porque, como disse a vocês, não tinha nem tenho nenhuma visão, nenhuma palavra de Deus, nenhum sentimento especial comovente; a não ser uma vez em que, sonhando, me vi de pé perto da minha cama e o Senhor veio a mim no escuro, pois eu não O enxergava, Ele tocava tão forte o meu coração, tão forte e dizia batendo no meu peito:

- Gilberto, tenha paciência; Gilberto, tenha paciência; Gilberto, tenha paciência!

Era tão forte a presença Dele que eu fiquei até hoje com esse pedido gravado no meu coração. Parece que sinto essa presença de Jesus, era Jesus mesmo, não era o Pai Celeste. Posso dizer que a única vez que o Senhor me tenha falado, pelo menos em sonho, foi nesta ocasião. Isso foi por volta de 1995, mais ou menos, acho que tinha uns 70 anos ou mais, não me lembro bem, com certeza no mínimo uns quatro anos atrás. Foi tão forte esse encontro com o Senhor que até hoje sinto a presença Dele.

Um mês mais ou menos antes de sua morte Nena estava bastante triste.

- Minha filha, porque você está tão triste, porque você está assim?
- Ah! Não sei. É uma coisa que sinto!

De fato, era como se estivesse percebendo a proximidade do que lhe iria acontecer.

Nena faleceu em 12 de fevereiro de 2001. ⁴⁵ Meia hora antes de ela morrer, já desacordada pelos remédios, eu a acompanhava em seu sofrimento. Pouco depois que fui embora do hospital, telefonaram para que eu voltasse logo.

Percebi que era um caso muito grave, quando cheguei já estava no necrotério. Louvado seja Deus por tudo. Amém!

Todo dia 12 de fevereiro ou um dia depois, vou ao cemitério e rezo um terço por ela, faço a invocação da ladainha de Nossa Senhora e depois volto tranquilo, mas um pouco triste, pois sinto ainda sua perda. Parece que ainda não se foi daqui de casa, parece que ainda vai aparecer por aqui, é a impressão que tenho. A dor muito grande que senti está pouco a pouco se desvanecendo. Além de ser uma grande mulher, sempre estava na presença de Deus a todo o momento; no trabalho ou em qualquer outra coisa que fazia, até nessas horas dizia ter visões. Era muito bonito isso. Contava para mim tudo o que acontecia, partilhava comigo, então, é claro que senti uma presença muito grande dela em minha vida. Cuidava muito de mim, era extremamente habilidosa e captava todas as

coisas, bastava falar uma palavra que entendia duas. Era assim, uma mulher cheia de fé, cheia de inteligência de Deus. Para mim, foi uma filha verdadeira, a ponto de sua falta ser muito sentida em meu coração: o Senhor a levou.

Dou graças ao Senhor por ela ter ido antes de mim. Pela misericórdia de Deus, o Senhor reservou para mim o sofrimento da sua ausência. Creio firmemente que ela esta no céu e está indo com o Cordeiro por onde quer que Ele vá, porque era uma mulher muito santa, muito piedosa, muito justa e, acima de tudo, caridosa; dava tudo o que ela tinha para os outros, não reservava nada para si. Quero parar aqui de elogiá-la, porque eu falaria o dia inteiro. Que o Senhor a abençoe e a tenha esperado com braços abertos no seu Reino. Esta é a confiança que tenho.

Ter força e vencer

Quando fiz sessenta anos, disse:

− É o último cigarro que vou fumar!

Eram dez horas da noite, fumei o último cigarro e fui dormir. No dia seguinte em que fazia sessenta anos, não fumei e até hoje não pus um cigarro na boca, nem por brincadeira! Foi uma decisão para sempre! Fiz e fiquei firme nisso. Outras vezes tinha conseguido parar um pouco, um mês, seis meses, mas depois voltava a fumar.

Comecei a fumar com uns trinta anos de idade, já era padre. No seminário não se fumava, como padre secular podia fumar. Infelizmente me embrenhei por esse lado. Fumava em média um maço de cigarro por dia. Por trinta anos da minha vida fumei, deixando por alguns momentos. Eu tinha muita vontade de parar de fumar e não tinha força, ou melhor, pensava que não tinha força. Querendo ter força e vencer é possível vencer tudo. Se venci as tentações contra a castidade, não poderia ser derrotado por um cigarro! Então disso me convenci e me esforcei.

Ofereci a Deus e nunca mais coloquei um cigarro na boca, nem por brincadeira.

Efusão do Espírito Santo

Morando em São Paulo, conheci a Renovação Carismática Católica, RCC, primeiro passo que Deus deu para mim. No meio em que estava na Faculdade, não conhecia os carismáticos. Eu era fechado demais e não falava nada. Foi somente depois de ler um artigo de Dom Davi Picão, bispo de Santos e meu amigo de infância, que despertou em mim o desejo de saber o que era RCC. Nele havia uma orientação para os padres da diocese, pedindo que não importunassem esses grupos de oração; eram pessoas piedosas,

boas, e só faziam bem para a diocese. Desde então, comecei a procurar saber onde havia esses grupos de oração; mais tarde, uma moça que tinha participado desses grupos disse:

 Venha aqui em casa padre, pois quero mostrar para o senhor umas películas, uns vídeos.

Fui à sua casa, ela colocou um vídeo sobre a Irmã Brigid Mackena. O vídeo contava tudo o que a irmã fazia, suas palestras com padres e bispos. A moça contou também a própria vida. Foi curada pela graça de Deus, pelo dom do Espírito Santo. Era realmente uma moça toda carismática, no pleno sentido da palavra. Essa moça disse que pertinho da minha casa havia um grupo de oração, dirigido por uma irmã chamada Josefa, das Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração. O grupo se reunia às quartas-feiras à tarde, na capela do colégio. 47

Procurei e fui participar do grupo de oração. Ao mesmo tempo, fui lendo muitos livros que a moça me indicava e outros mais, sendo esclarecido a respeito desse caminho. Fui me encontrando ao ler os livros, com muito ardor. O livro que mais me impressionou, naquele tempo, foi *Jesus está vivo*, do Padre Emiliano Tardif. E assim fui me entrosando aos poucos. Toda semana, ia a esse grupo de oração.

Lembro como se fosse hoje. Estando no grupo de oração, no dia 9 de dezembro de 1987, um dia depois da festa da Imaculada Conceição, a Irmã Josefa⁴⁸ me pegou pelo braço e chamou outra senhora, Dona Clotilde⁴⁹, levando-me para a sacristia da capela na escola. Puseram-me sentado numa cadeira e disseram:

- Padre, podemos colocar as mãos sobre o senhor para invocar o Espírito Santo?
 Respondi:
- Podem colocar perfeitamente, até gostaria de receber essa bênção, essa invocação do Espírito Santo!

Estava bem determinado a seguir o caminho devido às leituras anteriores; estava bem informado do modo como os milagres aconteciam.

Impuseram as mãos e rezaram muito, acho que em torno de uma hora, mais ou menos. De vez em quando perguntavam:

- Padre, o senhor sente alguma coisa? Algum calor, alguma palavra, alguma coisa interior?

Eu dizia:

Não, não estou sentindo nada.

Depois pediram que eu rezasse em línguas. Afirmei que não sabia falar em línguas. Elas continuaram a pedir. Aí eu disse:

– Só se imitar vocês!

Fui imitando o que faziam. Nesse momento, comecei a falar em línguas, sem sentir nada, absolutamente nada. Depois de uma hora, terminaram. Voltamos para a capela

onde as pessoas estavam aguardando o final. Enquanto Ir. Josefa e Dona Clotilde rezavam por mim, o grupo estava rezando por nós. Não sabia que elas iriam fazer isso, não tinham dito nada. Eu não senti nada, tive que falar a verdade. Não poderia dizer que senti alguma coisa, pois não senti nada! Fomos novamente para a capela. Elas acabaram as orações e saímos. Logo depois fui para casa também, pensando naquilo que elas tinham feito.

Nesse tempo, um médico tinha pedido para eu fazer *cooper*. Indicaram-me um lugar perto de casa, atrás do museu, onde havia espaço muito grande para fazer *cooper*. Foi justamente no dia seguinte ao grupo de oração que comecei a fazer caminhada no local. Caminhando, comecei a fazer orações. Sem querer eu fazia orações. Uma dessas orações, guardo até hoje, pois fiz de coração, foi a seguinte:

"Ó Pai Querido, Ó Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, eu Vos adoro, Vos louvo, Vos dou graças e Vos amo pelos dons e frutos que me destes do Vosso Espírito Santo".

Eu repetia constantemente essa oração enquanto fazia *cooper*. Com efeito, fui me afervorando e foi se incendiando meu coração.

Naqueles dias, desejava muito fazer algum milagre, estava realmente desejoso disso. Eu me perguntei: Será que não há algum doente aqui para eu fazer algum milagre, para fazer com que a pessoa seja curada? Não apareceu ninguém.

Depois do dia 9, veio o Natal; no dia seguinte, fui para minha casa em São Simão. Aí tive um fervor muito grande, sentia vibrar meu corpo. O engraçado é que eu perguntava se ali não havia ninguém para ser curado. Pensei: Será que não encontro ninguém para curar? Será que devo ir à Santa Casa? Lá deve haver muitos doentes para curar. Claro que não fiz isso. Eu ainda tinha juízo para avaliar o que devia fazer ou não. Se por acaso aparecesse alguém espontaneamente, aí usaria daquilo que eu pensava poder ter; e não tinha, não. Essa sensação foi crescendo interiormente muito forte, num afervoramento muito grande. Fiz mais leituras nessa fase e assim me tornei realmente carismático. 50

Sempre aparecem pessoas em toda minha vida que peço a Deus para curar. Certa vez, ao entrar numa igreja, parece-me que a igreja do Calvário, uma senhora lá do meio disse:

– Olha o padre que me curou!

Perguntei:

- Do que curei você, filha?
- Ah, padre, foi um câncer que eu tinha, o senhor impôs as mãos sobre mim e fui curada. Ah, quanto tempo fazia que tinha câncer! Ah, quantos anos!

Os casos acontecem. Falam de cura promovida pela misericórdia de Deus por meio da nossa intercessão. Não gosto de pensar nisso. Não sinto que tenho o dom de curar.

Tenho fé e nessa fé peço a Deus que cure as pessoas. Só uso a minha fé, não o meu fervor pessoal. A fé que tenho em Deus me faz rezar por essas pessoas. Assim, na minha vida, houve muitas curas mesmo antes de eu entrar para a Renovação Carismática. Muitas vezes, lembro que orei e pessoas ficaram curadas, outras não.

Participação na Renovação Carismática Católica

Depois de algum tempo, me chamaram para atender às quartas-feiras à noite, no Pátio do Colégio dos Jesuítas, na igrejinha onde se reuniam os carismáticos.

No pátio do colégio iniciou-se o primeiro fundamento da cidade de São Paulo. De lá a cidade foi se abrindo, aumentando, e se tornou o que é hoje. O Pátio do Colégio é mais ou menos perto da Praça da Sé, um pouco mais para lá, onde Frei Galvão é venerado. Quando era seminarista, ia muitas vezes estudar lá.

Nessa igreja, acompanhava o grupo de oração. Lá eu confessava, fazia orações e pregava de vez em quando. Quem comandava o grupo eram a Celina e o Claudionor, um homem cheio de esperança, alto, forte, que falava muito bem.

Saímos do Pátio do Colégio porque não cabia mais pessoas. Eu e mais três homens tivemos coragem e fomos até o cardeal pedir se poderia ceder às segundas-feiras à noite a Catedral. Isso faz mais ou menos uns 10 ou 12 anos. O cardeal cedeu e mandou avisar o padre responsável que havia dado licença para nós. Na outra semana, reunimos o povo na Catedral. Sempre às segundas-feiras à noite, começava às 8:00 h e terminava às 10:00 h. Eu sempre estava lá como diretor espiritual. Era um grupo grande, enchia a Catedral.

Havia vários padres, quatro ou cinco, para atender as confissões de quarenta, cinquenta anos. Era como se fossem missões, vinha muita gente se arrepender dos pecados. Queriam voltar para a Igreja e continuar no grupo de oração.

Havia muitas coisas boas. A Nena, por exemplo, falava e tinha visões. Dizia: aqui neste lugar há uma pessoa que está sendo curada de tal coisa. A pessoa levantava a mão e confirmava: é verdade!

Alguns caíam e precisavam de orações de libertação. Eram levados para a sacristia da Catedral e permaneciam no chão. Assustadas, as pessoas jogavam sal, água benta, sem sucesso. Quando me chamavam, eu chegava perto, pegava na mão da pessoa e dizia: Minha filha, meu filho, levante-se, Jesus está chamando. E a pessoa se levantava. Não que tivesse alguma coisa especial, eu falava com fé! Sabia que o Senhor iria atender, por isso era muito chamado para rezar por essas pessoas pedindo a libertação.

Fiquei uns doze anos atendendo o grupo. Ia todo mês com eles ao retiro que faziam em alguma casa especial. Só deixei o grupo da Catedral quando fundei o seminário. Com

a fundação, não podia mais atender o grupo, era muita coisa. A cada manhã, ia ao seminário. Na parte da tarde e na parte da noite, atendia as pessoas aqui mesmo nessa sala⁵² onde estamos. Atendia constantemente as pessoas, marcando até com seis meses de antecedência em minha agenda. Ficava muito feliz com isso. Quando nosso Senhor chamou para fundar o seminário, larguei tudo! Não pude mais atender todas as pessoas, ficaram uma ou duas que às vezes aparecem para falar comigo, porém isso não atrapalha em nada.

Possível óleo milagroso?

Há uma história muito estranha que até hoje está acima da razão. São coisas que o nosso intelecto não consegue penetrar, somente a fé, ou se aceita ou não.

Tudo começou quando morava à Rua Xavier de Almeida, ⁵³em uma casa alugada, e depois quando mudei para outra casa, na Rua Marcos Portugal.

Eu tinha um vidro de óleo dentro de uma cumbuca de pedras. Ficava aos pés do sacrário de Jesus em minha capela. Certo dia, vi que o vidrinho estava cheio. Olhei para aquelas pedras e vi que estavam molhadas de óleo. O óleo começou a brotar das pedras. Depois de um tempo, até umas rosas ao lado do sacrário começaram a ficar respingadas de óleo. Depois começou a escorrer óleo de uma imagem que tenho de Nossa Senhora das Dores que ficava ao lado dessas pedras.

Aconteceu que esse óleo tomou perfume, um perfume muito gostoso. Sempre ia aumentando a quantidade de óleo na cumbuca. Eu ficava impressionado com tudo aquilo e pensei:

– Meu Deus, será que a Nena está colocando óleo aqui?

Perguntei:

- Foi você que colocou óleo aqui, mexeu aqui sem querer?

Respondeu que nunca mexera ali. Eu não me sentia responsável por tudo aquilo, pensei que fosse ela, várias vezes perguntei e ela me dizia que nunca poderia fazer aquilo. O que podia fazer então?

Ficava espantado com aquele fato, pois via o óleo brotar das pedras. Perguntei novamente e Nena dizia que nunca tinha mexido ali. E sempre o óleo ia aparecendo cada vez mais.

Comecei a distribuir esse óleo, colocava em vidrinhos, com uma fita verde dentro. Dava garrafas inteiras de óleo, óleo puro, óleo de oliva. As pessoas passavam o óleo no corpo e se curavam, havia muita coisa bonita. O óleo que as pessoas levavam também se multiplicava. Dava para as pessoas por ser um óleo de Nossa Senhora e valia, mesmo se

não fosse de Nossa Senhora, valia porque eu dava com fé e muitas pessoas receberam graças por meio desse óleo.

Um dia, tive coragem de estar com um prelado. ⁵⁴Conversei com ele a respeito do óleo, pois tinha receio de tudo aquilo. Ele disse:

- Pelo amor de Deus, Padre Gilberto, não me venha com esse negócio, desapareça com esse óleo!
 - Senhor, se o óleo aparece, como vou fazer?
 - Jogue fora!

Pensei em jogar fora, pensei em dar um jeito de com o tempo desaparecer com isso, mas o óleo continuava, continuava, continuava. Então um dia disse:

 Vou parar com esse óleo. Já que ele não para, vou parar com ele para obedecer ao prelado.

Simplesmente parei. Não quis mais saber disso. Mandei jogar o óleo. Joguei fora as pedras, as flores e tudo mais. Caso Nossa Senhora quisesse, que ela fizesse de outro jeito. Daquele dia em diante não apareceu mais, acabou de vez! Não apareceu mais nada de óleo. Eu escrevia todos os dias o que acontecia depois disso, joguei também fora os escritos.

Pensava em continuar com o óleo. Como tinha a ordem de um prelado, tinha que atendê-lo. Por algum tempo, recusei a atendê-lo, achava que ele não estava certo, todavia depois me convenci que deveria obedecer.

Sempre tivera desconfiança da Nena, uma desconfiança gratuita. Pensava que poderia ser algum transtorno mental, quem sabe poderia ser ela a causa de tudo aquilo. Se fosse, quando dei fim em tudo aquilo, teria aparecido novamente, mas terminei e não aconteceu mais nada. Nossa Senhora se retirou também.

Eu ficava profundamente impressionado, não tinha resposta para isso, se isso era de Deus ou não. Se realmente era de Nossa Senhora, somente ela poderia explicar, eu não tinha explicação. Tinha certeza de que de mim não era.

Não sei de ninguém que ainda tenha um pouco desse óleo guardado. Até hoje me pedem um pouquinho de óleo. Um dia um médico me telefonou dizendo:

- Padre, você poderia dar um pouco de óleo, eu preciso desse óleo!

Pedi desculpas a ele, pois tinha acabado com o óleo e não o tinha mais. Por muito tempo, fiquei triste por ter terminado com o óleo, e não ter continuado. O que o prelado tinha dito ficava martelando dentro de mim: "acabe com esse óleo, acabe com esse óleo". Num dado momento, me enchi de coragem e acabei com o óleo.

O fenômeno mais espetacular que vi foi em Belém do Pará, fenômeno com o sol. Adalberto, homem muito rico que tinha alguns aviões para uso particular, um dia medisse:

– Padre, venha aqui para Belém do Pará, pago a sua viagem de ida e volta.

Fui para lá. Fiquei hospedado na casa desse senhor. Ele me levou a alguns lugares em Belém. Fui chamado para celebrar missa às 6h30 da tarde na igreja Nossa Senhora de Fátima, uma igreja nova, muito bonita, grande, que ficava num extremo da cidade. Antes de começar a missa, estava na parte de baixo da igreja rezando o breviário. Num dado momento me chamaram:

- Padre, venha ver uma coisa muito linda que o senhor não viu ainda!
- Ao terminar o breviário, eu vou.

Rezei mais um tempo e deixei o breviário, subi as escadarias e fui ver o que se passava. A igreja, de tanto em tanto, tinha uma visão para fora, uma janela grande.

Olhe lá.

Olhei e vi o sol muito próximo, uns dois ou três metros. Ora ele corria, ora parava. Dentro e fora dele, havia muito luz em cores diferentes. Eu me espantei quando olhava aquilo, nunca tinha visto o sol se mexer. A primeira vez que vi causou uma impressão muito grande, principalmente por causa das cores do sol. Fiquei um tempo enorme olhando aquilo, era espetacular, era lindo de se ver, o sol, as cores se movimentando dentro do disco solar e fora dele.

Tive que descer sem ver o fim daquilo, pois estava no horário de começar a missa. Eram 18:30 h quando comecei a celebrar a missa. Na verdade, o que aquelas pessoas queriam era que levasse o óleo de Nossa Senhora e eu não levei. Benzi um óleo de lá e fui dando ao povo.

Estive em outros lugares no Brasil em que diziam haver aparições de Nossa Senhora. Havia uma imagem de Nossa Senhora que vertia óleo. Cheguei a ver o óleo vertendo, a imagem ficava toda molhada de óleo. As pessoas recolhiam o óleo e levavam para casa. Parece-me que agora a imagem não verte mais óleo. Se não me engano, a imagem estava no estado do Rio de Janeiro, em Mirassol.

Fui também conhecer um moço, no Estado do Rio de Janeiro, não pus fé nele. Ele esteve aqui conversando comigo, o relato dele absolutamente não me convenceu.

Eu disse:

– Esse rapaz deve ser atrapalhado da ideia.

Não vi nada de mais quando estive no Rio de Janeiro, subindo a montanha onde ele pediu que celebrasse uma missa para ver Nossa Senhora e uma estrela.

Era um lugar muito distante e chovia um pouco também, ele dizia:

Apareceu a luz!

Eu não via luz nenhuma! Voltamos e não confiamos nele.

Fiquei sabendo que o bispo daquela região condenou o padre que acompanhava o rapaz. O bispo proibiu celebrar missas ali, mas o padre desobedeceu e continuou assim

mesmo. Quando vi essa desobediência, tive clareza de que não era nenhuma aparição de Nossa Senhora.

Medjugorje

Esta é uma história muito interessante. Eu também fui a Medjugorje, ⁵⁶ só que desta vez sozinho.

Antes de ir a Medjugorje, fui primeiro para Assis, participar de uma reunião de líderes carismáticos católicos. Foi um evento muito bonito. Depois fomos para Roma, a Castel Gandolfo, pois o Papa João Paulo II se encontrava lá. Ele nos recebeu e comentou algumas coisas conosco, foi espetacular. Sempre o Papa em época de verão vai a Castel Gandolfo, é a residência de verão dele. Aproveitei para conhecer a cidade. Retirado de Roma, é um lugar muito aprazível, agradável de se ver. Eu nunca fui digno de estar pessoalmente com o Papa. Embora tenha ido várias vezes ao Vaticano, só o vi de longe. Estava bem para mim, não precisei me aproximar para dizer "estive com o Papa", não estive perto, mas o vi de longe. O Papa Paulo VI também vi de longe. João Paulo II eu vi algumas vezes. Infelizmente, não pude participar da missa que ele celebrou no Campo de Marte aqui no Brasil.

Disseram-me em Roma que eu podia ir para Medjugorje sem pedir o visto na Croácia, pois não se precisava de nada isso. Peguei o avião e fui para Spet, cidade portuária da Croácia. Olhava para os letreiros e não compreendia, eram letras bem diferentes. Para sair do aeroporto, precisei passar pela alfândega; quando ia saindo, um homem da guarita pediu o passaporte, ele olhou e viu que eu não tinha nada. Pegou meu passaporte, escreveu, bateu o carimbo e disse "pode ir". E saí da alfândega.

Estava procurando um táxi para sair da cidade de Spet e ir para uma outra cidade onde havia um padre me esperando. Percorri uns 18 Km de táxi até chegar à cidade e ir à casa desse padre.

O padre me recebeu, nem ao menos perguntou se eu tinha comido alguma coisa. Ele me colocou no quarto e simplesmente disse que pela manhã viria uma senhora às 7:00 h me buscar para levar ao ponto de ônibus e ir a Medjugorje. É verdade, não estava com vontade de comer mesmo. E se estivesse com fome? Ele me deixou lá sem nenhum copo de água, nada. Não dormi aquela noite, não conseguia dormir.

Quando chegou de manhã, levantei. O padre me deu um cafezinho com leite. A senhora veio às 7:00 h e me levou para o ponto de ônibus, um pouco longe até. Entrei no ônibus que indicou. Quando fui pagar o homem não aceitou o dinheiro. Entendi que

aquele dinheiro não servia, ele queria croata e não tinha. A mulher me levou até uma casa de câmbio, dei R\$100,00 ou R\$200,00 e me devolveram um monte de dinheiro.

Entrei, paguei e fui embora. O ônibus descia uma serra sem fim, descia, descia, descia... Uma paisagem desoladora: tudo era pedra e palhas, quase não se encontravam árvores até chegar lá embaixo em Medjugorje. A estrada estava bloqueada por soldados em guerra. Estava tudo em guerra, mas o nosso ônibus não teve nenhum problema em passar, graças a Deus! Era como se meu anjo estivesse me acompanhando bem ao lado, não me fez perder nada do que eu precisava. Quando cheguei a Medjugorje, o ônibus me levou até a casa dos padres, pois não sabia onde era.

Cheguei na hora do almoço, então os padres me levaram para o refeitório. Comi à vontade lá. Era uma segunda-feira. Na quarta-feira quis reparar se os padres faziam jejum como Nossa Senhora pedia, e vi que eles faziam. Os padres me colocaram para dormir num outro prédio que era para os hóspedes, deram um quarto onde dormi até o sábado em que fui embora.

Foi um caso triste em Medjugorje. Chegando falei com o pároco, disse que gostaria de me encontrar com algum vidente; ele disse que estavam viajando. Fiquei sabendo mais tarde que a Vicka, uma das videntes, estava lá e atendia as pessoas, mas o padre tinha dito que não havia ninguém, então morreu o assunto. 58

Em Medjugorje, celebrava missa todos os dias com os outros padres. Eles rezaram em croata e eu rezava em latim ou em português junto com eles. Na hora da consagração eu fazia em latim ou em português baixinho. E assim passei seis dias lá.

Quando fui a Medjugorje, eu me lembrei de levar o livro de anotações. Nesse livro havia os endereços das pessoas que eu atendia aqui em São Paulo. Quando fui a Medjugorje, já estava com a ideia da fundação e fui até lá como a uma peregrinação, para dispor desse livro, deixando aos pés de Nossa Senhora. Aproximando do altar, em vez de deixar o livro aos seus pés, eu pensei:

Vou precisar desse livro.

Parece que Nossa Senhora queria que voltasse com o livro, pois ele ficaria simplesmente perdido ali, sem utilidade nenhuma, e para mim teria uma utilidade muito grande. Trouxe de volta e está até hoje comigo. Um padre disse que um santo fez o mesmo que estava fazendo quando ele foi fundar sua própria congregação. Ele foi a uma romaria e levou um livro e entregou a Nossa Senhora. Achei que não deveria deixar o livro ali, alguém poderia até jogar fora; trouxe-o de volta e deixo como lembrança para vocês.

Em Medjugorje, primeiramente subi o monte Krizevac. Esse monte é muito alto. Depois fui ao monte Potbrdo, onde Nossa Senhora apareceu. A subida foi difícil, havia somente pedras e mais pedras. Eram umas duas horas da tarde quando cheguei ao alto do

monte. Fui até a cruz de pedra e encontrei uma senhora sentada nos degraus daquela cruz, ela me viu cheio de suor e estendeu um lenço. Eu me limpei e agradeci à mulher, que foi embora. Fiquei sozinho. Pensei:

– Meu Deus do céu, aqui é um monte e o sol já está caindo, está ficando escuro, como vou fazer para descer nessas pedras, vou me quebrar completamente!

Fiquei rezando um pouco ali na cruz e pedi a Nossa Senhora que me ajudasse. Pensei em talvez dormir ali mesmo e voltar no dia seguinte. Naquele instante comecei a ouvir ao longe cânticos de crianças, eram angelicais, lindos.

Disse:

-Meu Deus, não estou vendo ninguém por aqui!

As crianças estavam embaixo de árvores. Então, quando me dispus a descer, apareceram três crianças, e uma delas acho que falava francês. Perguntaram se queria ajuda para descer. Disse que queria. Pegaram-me pelas mãos e foram descendo, descendo, descendo, uma meia hora de descida naquele morro cheio de pedras. Pulavam para cá, pulavam para lá, seguravam minha mão e faziam de tudo para eu não cair. Elas estavam alegres, felizes, falando muito; eu não entendia o que elas falavam. Chegou o fim da montanha, levaram-me um pouquinho mais para lá e eu as abençoei, agradeci e desapareceram, uma foi para cá, outra foi para lá e não as vi mais. Que engraçado, moravam pertinho do monte, pois desapareceram em dois tempos. Peguei o caminho e fui descendo até o lugar onde estava dormindo.

A imagem do anjo da guarda segurando a nossa mão é muito bela. Aquelas três crianças que eu não sabia que estavam lá foram os meus anjinhos da guarda. Apareceram cantando e no final desapareceram. Era tudo normal, foram realmente muito importantes aquelas crianças, eu não teria conseguido descer sozinho aquelas pedras, talvez conseguisse a metade do caminho.

Estava feliz porque Nossa Senhora tinha cuidado de mim, eu estava muito feliz interiormente, embora exteriormente, no modo de se dizer, não estivesse feliz, pois não tinha conversado com nenhum vidente. Sabia que à tardinha, às 6:15 h, a Vicka ficava no coro para ver Nossa Senhora; não fui porque ninguém me convidou, não quis me oferecer também. Disse a Maria que se ela quisesse aparecer para mim ela apareceria. Eu não iria me colocar como intruso. Se Nossa Senhora não quer, porque vou me intrometer? Não vejo Nossa Senhora, não vejo Nosso Senhor, e fico esperando a vinda deles, se não na vida, certamente na morte.

Essa história é muito interessante, essa viagem a Medjugorje para ver Nossa Senhora não me trouxe nenhuma consolação. Não vi nada de diferente, tudo normal. Somente a minha fé dizia alguma coisa, de modo que na minha ida a Medjugorje, por uma semana

inteira, nada se deu de especial, a não ser o caso com as crianças e com a delicadeza daquela mulher oferecendo um lenço para eu enxugar o rosto.

Chegando o sábado, voltei para Roma. Um padre que ia para Split, principal cidade da Dalmácia, me levou no carro até o aeroporto e me deixou ali. Como não sabia falar croata, fiquei olhando os aviões subindo, tentava escutar alguma coisa sobre Roma. Num dado momento, falaram sobre o avião que iria para Roma, tomei então o avião. Chegando, fui para a hospedaria e passei uns três ou quatro dias. Em Roma, descia para a Praça de São Pedro e voltava a pé, pois era perto. Parece-me que somente recebiam padres, freiras ou pessoas católicas.

\sim Parte IV \sim

FUNDAÇÃO



6. Fundação da Fraternidade Jesus Salvador

Grupo de rapazes carismáticos

PRIMEIRO PASSO QUE DEUS me deu ao fundar a Fraternidade foi encontrar a Renovação Carismática, que eu desconhecia completamente. Conheci a Renovação em 1987, ⁵⁹ tenho pouco tempo de Renovação. Quando entrei de fato na Renovação Carismática, comecei a ajudar a Catedral de São Paulo, no grupo da Catedral, AMMI, ⁶⁰ como diretor espiritual. Fiquei muito tempo ali, até quando fundei o seminário.

Um grupo de rapazes da Faculdade ficou sabendo que havia um padre carismático no seminário e foi me procurar. Com o passar do tempo, nas quartas-feiras ou quintas-feiras de cada semana, comecei a receber esses rapazes, eles aproveitavam uma meia hora de tempo que se dava entre uma aula e outra. Eles iam todos para o meu escritório na FAI, ficavam sentados no chão mesmo e falavam sobre as suas dificuldades para viver suas vocações. Meu escritório ia enchendo cada vez mais quando, por fim, no final de dezembro, um dos padres lá do seminário da Faculdade disse que eu estava fazendo exorcismos, bênçãos no meu escritório e que, em razão disso, deviam me tirar do seminário. Quando voltei de férias, esperei que comunicassem minha saída da Faculdade, mas isso não se confirmou.

Devido a isso, não continuei mais com aquela reunião em meu escritório, percebi que estava atrapalhando a vida dos colegas, embora a fizéssemos com muito cuidado, nem falávamos alto, mas o fato era que não gostavam de que nos reuníssemos ali para isso. Então comecei a receber os rapazes aqui em casa. 61

Um dos rapazes, que hoje é padre, dizia-me para fundar um seminário carismático para eles. Eles reclamavam que os superiores não permitiam que rezassem publicamente o terço, não podiam ir aos grupos de oração, não permitiam que participassem do movimento dos carismáticos. Eu ficava vendo o sofrimento daqueles rapazes que estavam no seminário das diversas congregações religiosas e seminários diocesanos também. Os rapazes pediam insistentemente que eu fundasse um seminário, porém, naquela ocasião, eu estava longe de fundar um seminário, nem saberia como fazer, somente mais tarde é que me veio uma forte vontade de preparar alguma coisa nesse sentido, para ajudar os rapazes que nessas congregações não podiam se manifestar.

Conferências da Fraternidade Jesus Salvador

Depois de um tempo chamei um grupo de leigos que conhecia, pessoas que atendia espiritualmente, principalmente os leigos que participavam do grupo de oração AMMI, ⁶² o grupo de oração da Catedral. Chamei-os para conversar a respeito do meu desejo de fundar um seminário carismático. Fizemos vários retiros, conferências para dar início à Fraternidade

A última conferência que fizemos foi num dos salões dos camilianos. ⁶³ Nessa conferência, houve uma divergência quando eu disse que iniciaria a fundação da Fraternidade, alguns se opuseram dizendo que ainda não era tempo, que não estávamos preparados para isso. Diante daquela divergência eu disse:

– Bem, a minha parte que cabe na formação de sacerdotes missionários eu já inicio imediatamente. Quem quiser que me acompanhe!

No outro dia, ninguém quis me seguir! Tomei a resolução de repensar num modo de fundar esse seminário, pois não tinha nenhuma ideia de como fazer isso.

Primeiro passo para a Fundação

Conversei a respeito do meu desejo de fundar um seminário carismático com um padre da diocese de Santo Amaro que era muito meu amigo, Pe. Eugênio Maria La Barbera Pirovano. Expus para ele que receava pedir para algum bispo aqui de São Paulo para fundar um seminário carismático. Pe. Eugênio me disse:

-Pe. Gilberto, por que você não vai conversar com nosso bispo de Santo Amaro? Ele é muito receptivo, talvez poderá atender o seu pedido.

Então, por meio desse sacerdote, recorri a Dom Fernando Antônio Figueiredo, bispo da Diocese de Santo Amaro. Padre Eugênio me levou ao senhor bispo, um pouco antes das quatro horas da tarde. Entrei numa repartição onde estava o senhor bispo, que me atendeu de pé mesmo, pois estava se preparando para fazer uma reunião com os padres que já estavam na sala de reuniões. Então falei o que queria, rapidamente expus os pensamentos principais, em cinco minutos, fiz um resumo e informei toda a minha intenção de fundar um seminário carismático, carismático porque os rapazes que eu estava acompanhando pediram que eu fundasse um seminário carismático. O senhor bispo disse:

Pode fazer, pode ir adiante.

O pensamento de fundar um seminário foi para acolher os rapazes que desejavam um seminário próprio para eles, onde pudessem se expandir, cantar, rezar, viver o modo

carismático como nós vivemos. Para isso, precisavam realmente da acolhida de um bispo.

Mais tarde, procurei novamente o senhor bispo e disse que se eu fundasse esse seminário gostaria de receber somente rapazes que tivessem um princípio de Renovação Carismática Católica, aqueles que nas suas cidades já conhecessem mais ou menos esse caminho. Assim o bispo me disse:

– Perfeitamente, você pode receber somente jovens carismáticos.

Então, com toda essa liberdade, comecei a buscar um local para o seminário, procurei por muitos lugares aqui em São Paulo. Procurava por casas pequenas, pois não tinha ideia de que poderia ser um seminário grande, pensava em uma casa, onde pudesse colocar alguns rapazes, e noutra casa algumas moças, que iniciariam um convento de irmãs.

A partir daí, a nossa vida foi um sofrimento muito grande. Não tínhamos nada de dinheiro. Nada que desse para fazer alguma coisa, levantar alguma casa especial. Começamos do zero.

Depois de muita procura, o senhor bispo disse que havia uma casa que estava meio abandonada. Ficava na chácara São José, ⁶⁶ um local para retiros com uma casa nova atrás e na frente uma repartição com vários quartos. Ele me disse que poderia utilizá-la pagando um montante. A princípio me pediram quatro mil reais, naquela época quatro mil era muito dinheiro, mal podia imaginar o que eu iria gastar! Achava que quatro mil era muito dinheiro. Então baixaram para três mil, eu propus dois mil e assim ficou, de setembro até o fim do ano. Depois do final do ano eu decidiria o que fazer.

Arranjei uma turma de leigos que vieram ajudar a arrumar a casa da chácara São José. Ficamos um dia inteiro arrumando, limpando. Mandei pintá-la também. A casa de retiro era nova, muito bonita, com muitos quartos, havia um salão que era muito grande, nós o aproveitamos para fazer as entrevistas com as pessoas. Pudemos trabalhar bem nesse lugar, a não ser a casa de baixo, que era velha e bastante suja, estava muito abandonada. Da saleta que existia fizemos uma capela, e da outra sala maior à direita fizemos uma sala de reuniões.

Primeiro encontro vocacional

Quando estava tudo arrumado, comecei a chamar os rapazes que me escreveram, aqueles que se interessavam por entrar no seminário. Fiz uma reunião com todos os eles, que ficaram três dias: sexta-feira à tardinha, sábado o dia todo e domingo até depois do almoço. Queria falar um pouco com eles e saber a história de cada um para aceitar

aqueles que achava prudente receber. Para essa mesma finalidade, pedia que os rapazes fizessem uma autobiografia, uma história pessoal pequena em três paginas ou mais, desde a concepção, se eles sofreram algum problema antes de nascer, ao nascer se foram batizados, com quanto tempo foram batizados, crismados. A maior parte eram rapazes de curso secundário. Determinei que receberia somente rapazes da Renovação Carismática com uma caminhada ao menos de um ano, também eles deveriam ter o segundo grau completo e até hoje é assim.

Em agosto de 1994, começamos a morar naquela casa. Eu lembro que, naquele primeiro ano de 1994, havia uns vinte rapazes, e até o fim do ano tínhamos já vinte e dois rapazes.

Fundação dos institutos

A Fraternidade, Seminário Maior e o Convento das Irmãs nasceram no dia 17 de setembro de 1994.

Dias antes, conversando com Dom Fernando, ele marcou o dia 17 de setembro para a fundação. Esse dia era a festa litúrgica dos estigmas de São Francisco de Assis, festa que não existe mais no breviário moderno. Ele escolheu esse dia porque era uma data especial em sua vida: foi no dia 17 de setembro que ele, com 17 anos, ingressou na Ordem dos Frades Menores.

No dia 17 de setembro de 1994, Dom Fernando Antônio Figueiredo veio de manhã e trouxe por escrito o que ele queria deste seminário, aprovou e no mesmo dia fundou o Seminário e o Convento das Irmãs. Nesse dia ele celebrou a Santa Missa às 10:00, recebeu os meus Votos Perpétuos, em que li a minha consagração de padre salvista, reitor e superior geral do seminário. Para as irmãs, havia duas moças bem espertinhas, coloquei uma como superiora e a outra como vice-superiora.

Primeiros anos do seminário

Ficamos na chácara São José no ano de 1994 e também em 1995. Para o ano de 1996, o bispo nos ofereceu o Seminário Diocesano, pois estava vazio, mas nos cedeu somente por um ano, porque no outro ano precisaria do prédio. No fim de 1995, mudamos para o Seminário na Rua Santo Alberto Magno, em frente ao cemitério Campo Grande. Tivemos que arrumar todo o seminário, tomado por insetos. Antes da limpeza, chamamos uma empresa para dedetizar o lugar e acabar com todos aqueles bichinhos.

Houve muitas coisas bonitas nesse ano de 1996. Era um seminário grande, muito bom, havia uma capela muito boa. Recebíamos excelentes padres e bispos que celebravam as missas. Eles nos deixaram recordações muito abençoadas, excelentes pregadores, dentre os quais posso citar o padre norte-americano Robert DeGrandis, que celebrou a missa e fez uma pregação muito bonita, o Fr. Raniero Cantalamessa, Pregador da Casa Pontifícia, Padre Eduardo Dougherty, Presidente da Associação do Senhor Jesus, Padre Jonas Abib, da Canção Nova, que celebrou e pregou para nós, e muitos outros padres que estão marcados em nossas crônicas.

Nesse ano, atingimos um grande número de candidatos, eram uns 75 rapazes em nosso seminário. O senhor bispo tinha se queixado desse número excessivo que recebi; não tinha muita experiência de seminário. Pude pagar para eles comida, remédio, médicos etc.. Cuidava também das irmãs que estavam em outra casa, pagava para elas o aluguel e o resto elas faziam sozinhas, elas se defendiam.

Desde o início, separei um ou dois rapazes para fazer o livro das crônicas. Lembro bem isso porque, desde o começo, entreguei a um dos rapazes essa incumbência. Desde o início de 1994, tudo o que aconteceu está relatado nesse livro.

Nesse ano de 1996 perdi um número grande de seminaristas e de irmãs. Dos seminaristas, parece-me que somente alguns deles guardaram a vocação de padre. As irmãs que saíram se engajaram num lugar próprio para irmãs. Até o dia de hoje, muitos outros seminaristas saíram e hoje já são padres ou no caminho. Louvado seja Deus! Nem todos, por terem saído da nossa Fraternidade, perderam a vocação.

Tenho um coração paternal e sinto profundamente a saída desses irmãos e irmãs, mas o que posso fazer a não ser rezar por eles? Até hoje rezo uma oração duas vezes por dia no breviário:

"Senhor, abençoai aqueles e aquelas que outrora participaram das nossas fileiras e que hoje já não se encontram mais entre nós, dai-lhes a graça da perseverança final".

De modo geral, não tive maldades nem quis mal a nenhum de vocês, até mesmo desses que nos deixaram. Sempre fui muito tranquilo e gostei muito das pessoas, nunca ficava zangado com elas. Deus me deu essa graça de não fazer mau juízo das pessoas, até hoje não faço, procuro não fazer mau juízo de um seminarista ou de um padre, ou de um bispo, porque não corresponde à realidade do meu interior.

Os três primeiros anos de seminário foram muito difíceis para mim e para o senhor bispo. Nunca perdi a conversação com ele, procurei ser muito sincero, dizendo todas as verdades. Ele me dizia:

- Padre, o senhor tem que morar no seminário!

Expliquei que era devido à minha saúde, ⁶⁷ sou um pouco doente e preciso de médico a toda hora, e na minha casa tenho quem me leve para o médico. Semanalmente, teria que sair do seminário para o médico e era muito longe. Pedi ao senhor bispo que me permitisse morar fora do seminário até encontrar o caminho que Deus quisesse. Até agora Nosso Senhor me mostrou que Ele me quer aqui em casa, porque não tenho mais a saúde necessária. Na parte da manhã, rezo missa, minhas orações, uma parte do breviário, tomo café, depois vou me deitar, pois não aguento de tanto sono.

O sonho de uma casa

Não queria entrar nesse assunto, mas já que é uma pequena história, posso revelar. Um padre prometeu uma ajuda para comprarmos uma casa. Confiei nesse padre; ele disse que daria o suficiente para comprar uma casa grande que servisse para nós.

Começamos a procurar um local para o seminário. Naquele tempo, existia um prédio no bairro do Brooklin em São Paulo, que estava fechado. Era um prédio grande, muito lindo, que ficava num local muito bom, pois não queríamos sair daquela região onde estávamos. O prédio ficava mais ou menos perto da Paróquia Sagrado Coração.

Esse padre que nos prometeu a casa começou a negociação com o dono desse prédio; conversa vai, conversa vem e no fim o negócio não foi fechado.

Depois, o padre me disse para eu procurar uma casa grande, e assim fiz. Encontrei uma casa grande que podia ser aumentada e adaptada para Seminário, precisaria de um pouco de dinheiro para isso. O padre me perguntou se eu tinha encontrado a casa e disse que sim, mas custaria certo montante para adaptá-la e torná-la um seminário; o padre disse que era muito dinheiro e que deveria ir atrás de outras coisas.

Passou o natal daquele ano e eu precisava entregar o prédio do seminário para o bispo⁶⁸ e simplesmente esse padre disse:

−É, se você não conseguiu, paciência!

E o padre me deixou na mão! Naquela situação eu não tinha procurado nada para alugar, pois o padre comprar-me-ia a casa e faríamos um acerto de ajudar na obra que tinha. Como recebíamos constantemente dinheiro dessa obra, eu confiei nele; mas, infelizmente, ele deixou de lado o acordo e a casa, sendo assim fiquei na mão.

Uma caixinha de fósforos

Quando chegou o fim do prazo para mudar do prédio do seminário do senhor bispo, mandei dois rapazes procurarem uma casa em Santo Amaro e enfim encontraram. Era

uma casa inadequada para o seminário, porém tivemos que adaptar devido à situação em que nos encontrávamos. Era final de 1996 quando a encontramos e nos mudamos, consequentemente a casa não tinha muito espaço. Naquele ano tive que escrever para os rapazes vocacionados para não vir, porque não havia lugar; nesse ano não recebemos nenhuma vocação, foi um ano que falhou.

Mudamos então para a casa da Álvaro Nunes. Na época, foi horrível a vida do seminário nessa casa, ela recebeu um apelido: caixinha de fósforos! Era tão pequena e tão cheia como uma caixinha de fósforos, era muita gente! Nessa casa lembro bem o tempo de mal-estar que sofremos, era muito apertada, tinha quartos afastados. O refeitório se transformava em sala de estudo.

Passamos um aperto considerável; mas, graças a Deus, nunca nos faltou nada. Lá eu perdi uns oito rapazes de uma só vez, alguns conservaram a vocação em outros seminários, na diocese mesmo há uns cinco que hoje são padres e podiam ter sido nossos, no entanto, Nosso Senhor sabe as nossas dificuldades! Hoje Deus não quer mais aperto para nós.

Além das dificuldades financeiras nos três primeiros anos, com o passar do tempo, o bispo⁶⁹ foi pressionado pelos seus colegas, dizendo que não gostavam desse seminário carismático etc. E, nesses três anos, fui sofrendo muito com tudo isso.

Depois dessa casa mudamos para a Rua Princesa Isabel, ⁷⁰ alguns de vocês ⁷¹ devem ter conhecido a casa. Essa casa era bem melhor, pudemos adaptá-la bem para um seminário.

Ordenação dos primeiros padres

Os primeiros padres que tivemos se formaram no fim de 2000,⁷² foram três; em 2001,⁷³ mais seis se formaram. Esses padres estão nas diversas comunidades ou no seminário. Eu tinha que pagar ainda a sustentação deles, porque, nas paróquias, eles não tinham nada e não podiam nos ajudar por enquanto; são paróquias muito pobres e não têm como pedir ao povo.

Providência Santíssima

Naquela época a manutenção do seminário era da mesma forma que agora, oriunda da contribuição dos padrinhos e madrinhas que mensalmente nos fazem uma doação, também com o que tenho de participação na direção da UNIFAI, que é Centro Universitário da Assunção. Ainda participo desse conjunto de padres que orientam a faculdade e recebo um bom dinheiro para sustentar essa casa e o seminário.

- Padre, está faltando tanto!
- -Olhe, filho, hoje não tenho, quem sabe amanhã consigo.

E assim não ficamos nenhum mês com dinheiro sobrando, pois todo mês o dinheiro acaba. Graças a Deus, na confiança que tenho em Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo e em Nossa Senhora, consigo sempre terminar o mês pagando tudo e não devendo quase nada no mês seguinte, e assim tem sido nossa vida até o presente momento. Nosso Senhor vai concedendo graças sobre graças constantemente. Nunca ficamos muito tempo devendo dinheiro para o mês seguinte. Graças a Deus, pela parte que recebemos dos padrinhos e madrinhas, conseguimos vencer as dificuldades e problemas de cada mês. E assim vivemos a providência com a intercessão de Nossa Senhora e São José, e conseguimos superar todo mês os nossos problemas.

Havia um desejo muito grande de que encontrássemos uma casa para o seminário. Eu acreditava, confiando no Senhor, que Ele nos daria uma casa pronta e grande. Quando a Nena estava viva, ela teve uma visão de um campo verde com uma casa grande e que o Senhor iria dar para nós. E foi o que aconteceu, ela via justamente o que temos agora. O Senhor deu essa casa para nós, em termos diferentes daquele que pensei. O Senhor nos levou a uma residência livre e grande. Essa casa é muito grande, muito cheia de valor, e Deus quis nos dá-la pela nossa oração da Providência Santíssima que rezamos. Por essa oração confiamos na Providência Santíssima de Deus. Deus nos entregou a casa, não como uma dádiva de simplesmente pegar e aceitar como presente, Ele fez questão de que ganhássemos por caminhos difíceis e impensáveis.

Ultimamente estamos morando nessa chácara, ⁷⁴ não há frutas, é razoavelmente grande, mas a casa já está cheia.

Nossa família salvista cresce a cada ano; neste ano, ⁷⁵ temos 14 rapazes no noviciado, eles estiveram comigo no começo do ano e pouco tempo atrás passaram o dia todo comigo. Na parte da manhã, conversamos bastante nessa sala grande e eu dei algumas orientações para eles, depois almoçaram e saíram para visitar o Museu do Ipiranga e a casa onde morou a Santa Paulina; uma irmã mostrou para eles tudo o que havia lá, no quarto do mosteiro, os pertences da santa. Eles foram lá nas vésperas da canonização de Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, foi num sábado. Nessa casa ela morreu em 1942, um ano antes de eu entrar no Seminário do Ipiranga, então não conheci pessoalmente a Madre Paulina.

7. Carisma fundacional

Doenças

UERO DIZER A VOCÊS sobre algumas doenças que tive, doenças que agora procuro identificar com minha vida futura de fundador. Foi para isso que Nosso Senhor me deu todo esse caminho de perfeição, a fim de sempre e cada vez mais ter muita paciência comigo mesmo, suportando todos os entraves que recebi durante a minha vida.

Em meados de 1980, eu estava de férias em São Simão, mais precisamente no mês de julho. Na época, estava com um resfriado muito forte e comecei a perder minhas forças, senti que não tinha forças nem sequer para andar. As pessoas que estavam ao redor combinaram de me levar a São Paulo para consultar os meus médicos.

O médico que consultei, Doutor Amílcar, disse que havia possibilidade de não ser doença de locomoção, talvez outra doença, entretanto, pediu que fizesse alguns exames. Era domingo, no princípio de agosto, veio um rapaz do laboratório, coletou o sangue conforme o pedido do médico, e em torno de duas horas depois já trouxe o resultado. O exame constatou que eu tinha um problema nas veias e que precisava relatar ao médico o quanto antes. Telefonaram para o médico e este pediu que falasse com outro médico, Doutor Zukerman, muito experiente no campo da neurologia.

No final de julho, um dia à noite, o Dr. Eliova Zukerman me examinou e, quando viu o quadro da doença, percebeu a situação. Disse que era preciso o quanto antes ir para o hospital Albert Einstein, pois era lá que esse médico atendia os pacientes. Levaram-me à noite daquele mesmo dia para o hospital. O médico logo chegou e coletou um líquido; no dia seguinte eu já tinha o resultado: estava padecendo de uma grave doença dos nervos, poliradiculoneurite, um mal na raiz dos nervos. Eu estava com esse mal em todos os nervos de locomoção. Com isso, meu rosto e a boca ficaram entortados, eu nem podia conversar direito. Quem me acompanhou nesse momento foi a Nena, ela não saiu um instante de perto de mim. Eu não conseguia me mover na cama, até mesmo para me virar tinha que pedir a alguém, nem para colocar um pé sobre o outro eu tinha forças, então praticamente eu ficava imóvel. O médico disse que não havia remédio para esse mal, pois o vírus que me atacou consumiu toda a película interna que envolvia os nervos. Explicou que os nervos são como um fio de eletricidade, eles possuem uma camada avermelhada, depois da camada de fora que a protege, e foi justamente essa camada

interna pequena que o vírus consumiu, aí reside toda a força da locomoção. O vírus atacou essa película e acabou com toda ela no meu corpo; em pouco tempo eu me sentia completamente sem forças, o que podia fazer era esperar mais tempo para ver como ia se comportar a evolução da doença. Fiquei uns quatro ou cinco dias no hospital, o médico dava apenas um remedinho simples, era vitamina E, eu tomava somente isso porque não havia outra coisa para tomar. O médico tinha dito que não havia cura a não ser que meu próprio corpo reagisse, a doença não havia tomado os nervos do pulmão, o que me permitia respirar ainda, pois se tivesse tomado o pulmão e a deglutição que eu tinha um pouco, já estaria morto.

No quinto dia em que estava no hospital, eu disse:

- Hoje é dia quatro de agosto, dia do Santo Cura d'Ars, acho que vou ser curado.

Assim falei. No quinto dia, o médico apareceu e começou a espetar várias agulhas por todo o meu corpo para medir a gravidade da doença. Foi espetando nos pés, depois na coxa, depois na cabeça e media a intensidade num aparelho que tinha trazido. No final, quando ia embora, disse:

- Padre, o senhor vai sarar.

Ele só falou isso e não disse mais nada, não explicou mais nada, fiquei com aquilo na cabeça, na esperança de chegar o tempo da minha cura. Fiquei mais uns 12 dias no hospital até que o Dr. Zukerman disse que a doença não tinha piorado, nem melhorado, então poderia ir para casa, pois ficar no hospital seria um gasto muito grande. Indo para casa poderia ter um assistente para me visitar com certa frequência, para ver o meu estado e me comunicar.

Levaram-me para casa, eu não tinha nenhuma força, ficava sentado na cadeira. Davam-me comida na boca já meio triturada, meio papa e assim fui me alimentando. Quando chegou o fim de agosto, falei:

– Nena, no dia 8 de setembro, na Natividade de Nossa Senhora, quero celebrar a missa, então você me leve para a sala interior e coloque uma cadeira, que eu rezarei a missa sentado.

Tinha percebido que já podia levantar um pouco as mãos, estava com força suficiente para levantar o cálice, então disse que queria celebrar a missa. No dia 8 de setembro, de fato, Nena me carregou até a mesa, preparou o altar e eu celebrei toda a Santa Missa sentado, pronunciando direitinho as palavras. Depois da missa, levantei, dei a volta na mesa que era grande e fui sentar no meu lugar de sempre. Aí percebi que tinha melhorado bastante.

Quando o assistente do médico veio uma última vez para me ver, constatou que eu já estava mexendo o corpo um pouco e foi relatar isso para o meu médico, para ver o que se devia fazer. Um dia depois, a Nena telefonou para o Dr. Zukerman e disse que ela me

levaria até o consultório dele, e ele ficou espantado por eu poder ir até lá. E fui até o médico, já estava andando um pouquinho, escorando nas pessoas, mas estava andando. Quando cheguei ao seu consultório particular, ele mandou que eu andasse um pouco para cá e para lá. Quando viu o milagre de eu conseguir fazer isso, ele disse:

- Realmente existe milagre! Em toda minha vida tratando essa doença nunca me aconteceu isso, é realmente um milagre!

O médico depois receitou fisioterapia. Vinha um moço à minha casa e comecei a fazer exercícios. Fazia um dia sim e um dia não, depois disso eu melhorei bastante. Com o tempo, dispensei o fisioterapeuta e comecei a andar tranquilamente e cuidar das minhas coisas. Esse foi um fato bastante importante na minha vida, porque eu mesmo não tinha esperança de sair daquela doença; entretanto, Nossa Senhora, que sempre cuida de mim, me resgatou para continuar a vida mais um tempo.

Antes de 1980, quando tive polirradiculoneurite, tive também outra doença muito grave. Foi uma doença mais psíquica, neurológica realmente, eu me sentia muito mal, com muito medo; às vezes, nem rezava a missa por medo de celebrar, era um medo muito estranho.

Fiquei com isso desde o Seminário Menor, aquele medo que tive avassalou a minha vida até ter a polirradiculoneurite.

Depois da polirradiculoneurite, fiz cirurgia para retirar a vesícula, estava cheia de cálculos. O método foi videolaparoscopia.

A última doença que tive foi a pior de todas. Já na época da fundação da Fraternidade, percebi que não estava andando bem, tinha problemas nas pernas, mal me sentava. Então me recolhi em casa e não pude mais andar.

Fui levado⁷⁶ para a Beneficência Portuguesa⁷⁷ e ali o médico foi me acompanhando, juntamente com outros que queriam explorar o que seria esse meu problema, se era neurológico ou fisiológico, e não chegaram a descobrir o que eu tinha.

Lembro que passei uns dias na UTI do hospital. Eu estava amarrado e sem conhecimento de nada, estava fora de mim. O médico disse para a Nena que fosse descansar em casa porque não adiantaria ela continuar ali, ele iria informá-la de todos os passos.

Numa tarde, ele telefonou para casa e disse:

– Olhe, o Padre Gilberto não vai passar dessa tarde!

Ela continuou rezando e passou toda aquela noite em oração, ficava sentada numa cadeira, rezando constantemente. À noite o médico telefonou dizendo:

- Olhe, ele passou a tarde, mas dessa noite não vai passar, espere meu comunicado.

Ela não recebeu nenhum comunicado. No dia seguinte, parece que eu havia acordado e o médico deu uma esperança para ela.

Nessa ocasião em que eu estava na UTI, tive muitos sonhos, sonhos dolorosos para mim. Eu sofria muito nesses sonhos, que não eram maus, não eram cheios de medo, mas me sentia um pouco fora do mundo. Estava numa sala muito grande com pessoas da Coreia e da China, onde eu pedia que me deixassem dormir ao lado do balcão e me deixaram. Nesses sonhos chovia muito, sempre chovia muito, houve uma tempestade, a ponto de a chuva penetrar na casa por causa do telhado mal feito. Enfim, era um mal estar que sofria.

Então essas coisas foram passando, passando, eu já não tinha mais conhecimento de onde era a minha casa, não tinha noção de onde se entrava na minha casa. Durante muitos dias, estava sonhando com coisas desse tipo, sempre em casas de hospitais, com um mundaréu de pessoas que estavam morrendo. Às vezes, me sentia amarrado na cama, na verdade, estava amarrado com os dois braços na cama e isso me afligia muito.

Depois que minha consciência voltou, disse para a Nena:

- Tire essas amarras, tire essas amarras!

Quando as enfermeiras viram que estava melhor, desamarraram-me; nesse momento, fiquei aliviado, tranquilo. Depois de uns dias, sei que me levaram para um quarto onde havia duas camas: uma para mim e outra para a pessoa que me acompanhasse. Em todas aquelas noites, havia sempre uma pessoa que me acompanhava, ora era a Nena, ora o Gilberto Dealis, ⁷⁸ ora outra pessoa ou um rapaz lá do hospital.

Fiquei quase um mês tomando um remédio, se não me engano intracateter. O médico disse para mim:

Olhe, depois de amanhã você pode voltar para casa.

Naquela ocasião, depois que saí da UTI e fiquei no quarto, eu estava com uma pneumonia muito forte, debilitado pelos remédios fortes que tomava. Foi aí que conheci a Meire Marciel Leite. A Meire é uma enfermeira que hoje fica comigo na parte da manhã e à tarde vai para o serviço no hospital. A Nena combinou com ela que ficasse comigo na parte da manhã, porque ela estava livre nesse período. A Meire está até hoje comigo, a Nena se foi, está no Céu, mas a Meire continua aqui comigo ajudando bastante no meu sofrimento, nas minhas necessidades e em tudo de que preciso, muitas vezes até a comida ela prepara.

Assim, estou vivendo um tempo de verdadeira penitência, porque não consigo andar mais sozinho, não tenho mais equilíbrio suficiente. Calculo que não tenho equilíbrio por causa dos ossos, da osteoporose em toda a extensão da região lombar. Quando começo andar, tombo para cá e para lá, não tenho mais equilíbrio.

Ando um pouquinho, quando alguém fica ao meu lado esquerdo; vou andando com a bengala até o quarto, vou para a capela e volto, mas sempre acompanhado de uma pessoa para me segurar porque não tenho mais pleno equilíbrio. Por esse motivo fica muito

difícil ir ao seminário. Eu fico pensando, se não sarar da osteoporose, não vou andar mais

A história da minha vida termina por aqui, porque Nosso Senhor não quis me levar para o Céu, o que tanto desejei. Como digo, já estava arranhando o Céu naquela UTI com todo aquele sofrimento, mas Nosso Senhor não quis me levar. Quando disse para o senhor bispo, Dom Fernando, que não sabia por que Nosso Senhor me conservou, ele disse:

- É porque você tinha outros serviços para continuar fazendo, continuar a conservar a obra que Deus lhe deu.

Disse para vocês a respeito daquele sonho que tive com Deus, uma intimidade com o Senhor Jesus Sacramentado; ele pedia que tivesse muita paciência. Tudo isso foi para mim motivo de muita animação na compreensão de nossa Fraternidade. Quero ter sempre toda a paciência necessária, esgotando-me até o fim nessa paciência. Entendi que não há humildade sem que haja paciência e não há paciência sem que haja humildade, as duas virtudes estão juntas, muito juntas, porque quem é paciente procura compreender sempre o outro, e quem é humilde se põe abaixo do outro para maior glória de Deus.

Realmente, não tenho perdido tempo ficando sentado sem fazer nada; mesmo sentado, fico sempre a orar ou ler alguma coisa, além do jornal que leio diariamente, pois ainda a minha vista dá para isso. Faço as orações, meditações, mais na copa do que na capela. Frequentemente tenho necessidade de uma coisa ou outra, e na capela não dá para chamar as pessoas; só se chamasse com campainha, mas isso iria aborrecer muito pelas minhas chamadas contínuas.

Agora, estou bem de saúde, ontem⁷⁹ mesmo estive no consultório do Dr. Osmar Monte. É ele quem está cuidando da minha diabete, eu a tenho já faz uns vinte anos ou mais. Não sei quando começou, não tinha noção de que era diabético, somente depois é que tomei conhecimento disso. Hoje tomo insulina três vezes ao dia, juntamente com outros remedinhos.

Louvado seja Deus por essa vida de total entrega ao Senhor! Ao menos no fim da minha vida, Ele me deu tempo para fazer mais penitência e me santificar mais e rezar pelos meus filhos do seminário e minhas filhas do convento, que de longe estou acompanhando. Uma vez ou outra no mês, vou ao seminário, pois é um pouco longe, assim vou me mantendo informado pelos seminaristas e pelas irmãs que também vêm frequentemente aqui em casa, almoçam e jantam comigo e eu fico muito feliz por recebê-los constantemente. Obrigado, que Deus abençoe todos vocês.

Carisma salvista, o louvor de Deus

Falarei agora sobre o principal carisma dos Servos e Servas de Jesus Salvador, o Louvor de Deus.

Quando comecei a escrever as Constituições, sobre qual carisma deveria reger todas as nossas atividades espirituais e temporais, logo de princípio me veio a ideia de um carisma essencial para o nosso Instituto. Essa ideia foi um presente imenso que Deus colocou em mim para nosso Instituto, apenas lembrei uma palavra da Sagrada Escritura que está no livro do Apocalipse. Essa passagem fala do Louvor de Deus:

Amém. O louvor, a glória e a sabedoria, a ação de graças, a honra, o poder e a força pertencem ao nosso Deus para sempre. Amém. (Ap 7, 12)

A Sagrada Escritura coloca sempre o Louvor de Deus nos seus momentos principais; quando, por exemplo, aqueles três jovens dançavam no fogo, estavam louvando e agradecendo ao Senhor (cf. Dn 3, 24).

Ficava com aquele pensamento: Louvor de Deus ou Louvor a Deus? Eu preferi o Louvor de Deus porque é mais firme, mais constante e mais forte. Não apenas olhando uma parte desse louvor e sim uma continuação da vontade salvífica de Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo, que morrendo na cruz fez um sacrifício de Louvor a Deus Pai e esse sacrifício foi aceito por Deus Pai. Seu Filho o louvava mesmo no grande sofrimento da sua Paixão. O Espírito Santo também nos evoca esse Louvor de Deus, como também os santos e santas, não só da nossa época, mas também de todas as épocas, louvavam a Deus constantemente pela sua misericórdia. Por isso, é com muita alegria que eu participo também desse Louvor de Deus, para que a nossa fé seja sempre fortificada no Louvor de Deus.

O Louvor de Deus se manifesta em nós pelo desejo de estar unidos a Deus, louvando pelo que Ele é, por essa Trindade feliz, por essa Santíssima Trindade que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Nós nos entregamos completamente à vontade de Deus e a vontade de Deus é esta: a nossa santificação. Se nós quisermos ser santos, temos que louvar a Deus, porque através do louvor nos santificamos e santificamos também a comunidade em que estamos vivendo.

No Louvor de Deus encontramos toda a perpetuidade da nossa vida sempre terna, iremos louvar o Senhor constantemente. Todo momento que existirmos será um ato de louvor a Deus, é sempre um constante louvar a Deus.

As criaturas na Terra louvam a Deus por sua majestade, grandeza, infinitude e poder. Deus fez todas as criaturas para que Ele possa sempre ser louvado por elas. O salmista fala que os céus narram a glória de Deus, e nesse narrar a glória de Deus cantamos os seus louvores pelos seus infinitos feitos. ⁸⁰ Amém!

Por isso, é um grande presente de Deus para nós estar constantemente ouvindo e louvando o Senhor pelos séculos eternos. Que desça sobre nós essa magnitude da grandeza de Deus Criador, para que possamos exaltá-lo constantemente com a nossa vida e a nossa existência: isso é o principal do Louvor de Deus, existir louvando a Deus. Nossa própria existência é um louvor continuado na santidade de Deus. A nossa vida constantemente fala do Louvor de Deus.

Diante de tudo isso, não tive nenhuma dúvida de que o principal, embora houvesse outros carismas, mas o principal de todos seria o Louvor de Deus. No Louvor de Deus tudo se encontra e é nele que vamos permanecer na misericórdia, na feliz eternidade, louvando constantemente a Deus. Para isso fomos criados por Deus, para a glória do seu louvor. O Louvor de Deus é uma coisa tão profunda que recolhe todas as coisas que pensamos de Deus.

Temos outros carismas também, é claro, como o carisma de pertencer à Renovação Carismática Católica. Deus permitiu que em nossos tempos se pudesse agradá-lo e louvá-lo com um louvor muito especial, com louvores e ação de graças contínuos. Em nossas preces, nos nossos trabalhos, nos nossos sacrifícios e em tudo que fizermos, cantemos o Louvor de Deus.

O Esplendor Litúrgico

O Louvor de Deus para nós deve ser manifestado sobretudo no Esplendor Litúrgico, pois a Liturgia na Igreja de Deus tem grande importância e é expressão de toda a verdade em que a Igreja acredita. O Louvor de Deus se expressa carinhosamente na Liturgia, por isso nas nossas Constituições a Liturgia vem em primeiro lugar, pois é a forma mais concreta, mais autêntica e mais eclesiástica de louvar a Deus. As orações, na missa, são todas carismáticas; convém perceber que sempre nos dirigimos a Deus Pai, fazemos um pedido por Nosso Senhor Jesus Cristo na unidade do Espírito Santo.

Em minha formação seminarística, vivi envolto por esse Esplendor Litúrgico, tanto no Seminário Menor como também no Seminário Maior. No Seminário Maior o Esplendor Litúrgico era algo muito importante e muito bonito. Nas Vésperas cantadas havia seis rapazes usando capas magnas, na frente do povo, convidando-os para cantar, em seguida a incensação e depois a bênção do Santíssimo Sacramento finalizando as Vésperas, tudo era muito bonito.

É simples entender isso. Se falhamos nesse Esplendor Litúrgico, falhamos também na condução dessa Liturgia, rezamos mal se não rezamos com interesse ou rezamos rapidamente, esquecemos a presença divina e o povo que está à nossa frente. Pelo

Esplendor Litúrgico, tomamos um conhecimento maior das coisas que fazemos diante de Deus e do povo, para que o povo de Deus possa louvar mais primordialmente a Deus. Então a Liturgia da igreja é o suprassumo, por assim dizer, da nossa expressão de amor a Deus.

O Esplendor Litúrgico seria também nas suas últimas consequências, dando todo um toque de profundidade em toda a Liturgia. Que na adoração a Jesus Sacramentado, façase com que essa espiritualidade carismática apareça aos olhos do povo como uma coisa santa e necessária para esse povo de Deus. O povo precisa muito de criatividade, precisa de coisas bonitas, de cores, de velas, de flores, de cânticos, porque o povo de Deus somente vai pelo que lhe é tangível, pelo que vê, pelo que sente, pelas práticas que fazemos.

O salvista tem por missão formar o povo na Liturgia, é um dos pontos de que a nossa Constituição fala, principalmente do Esplendor Litúrgico. A movimentação que acontece no altar, a reverência ao Santíssimo, a saída para um lado e para o outro, enfim, tudo isso é captado pelo povo. Não digo um teatro propriamente dito, mas se aproximando dessa realidade palpável e visível de uma espécie de "Teatro de Deus". O povo se encanta com essas coisas, seria muito interessante que os salvistas dessem cursos de Liturgia para o povo, dessem aulas ao povo para que cada vez mais entendam aquilo que se faz no altar, porque muitas vezes pensamos que o povo entende, mas, às vezes, não está entendendo, então é preciso explicar.

Os grupos de orações que fazemos com o povo de Deus são muito importantes, são momentos lindos que afervoram muito o povo, dando um sentido eclesial à nossa vida e à nossa vida de oração. Portanto, é importante levar ao povo essa adoração, como algo simples; quanto mais simples, mais intuitiva. Não pode se alongar muito, porque o povo se distrai facilmente, então, para retê-lo na atenção, não se deve prolongar em muitas coisas, a adoração deve ser feita de modo mais concreto e mais rápido. Não podemos deixar de fazer isso, mesmo que outros padres ou pessoas não aceitem esse modo de louvar a Deus como o fazemos.

Devoção eucarística

A nossa devoção eucarística é um corolário, é um resultado, uma finalização. Nós adoramos o Senhor Jesus Sacramentado que se deixou ficar conosco eternamente de um modo invisível, místico, mas também realmente presente.

Nós adoramos essa divindade não como fazem os protestantes ou evangélicos, apenas como um pão abençoado, mas fazemos a adoração do Senhor acreditando naquilo que o

sacerdote diz na hora da consagração: "Isto é o meu corpo... Isto é o meu sangue" (Mt 26, 26-28).

Realmente é uma realidade muito apropriada e que nos faz muito bem sabermos que Deus está conosco. Ele disse que permaneceria conosco até os fins dos dias, e assim permanece nos muitos lugares pelo mundo inteiro, até em lugares difíceis de serem entendidos, lugares muito distantes, não cristianizados. Por meio do sacerdote, as palavras da santificação levam a presença do Senhor até mesmo aí.

A nossa devoção eucarística não é uma coisa que deva se dizer superficial, pois é totalmente necessária para nós. Sem a comunhão não teríamos forças para atender as determinações da Santa Igreja, como a castidade voluntária feita por amor a Deus, vivida pelos santos, seus eleitos aqui na terra. O sacrifício do sacerdote unido ao sacrifício de Jesus na Eucaristia torna um só esse sacrifício, por isso queremos louvar o Senhor pela nossa castidade querida e dirigida principalmente pelo Espírito Santo e por Nossa Senhora, que cuida de nós constantemente, ela que é Mãe de Deus e Nossa Mãe.

Desde o começo da missa, já entramos no mistério da comunhão sacramental, não é naquele momento exato em que o padre pronuncia as palavras místicas, santas e verdadeiras que Jesus se transforma, o pão no Seu Corpo e o vinho no Seu Sangue, mas é desde o início da missa. Há uma perene ligação do início ao fim da Santa Missa, numa só adoração a Jesus Sacramentado. Por isso, a nossa ligação à Eucaristia é uma ligação de amor profundo ao Mistério de Deus que se faz presente a partir do início da missa até o final do santo sacrifício. Assim é que entendemos essa participação no Corpo e Sangue de Cristo.

A adoração é para nós um presente grandioso que Deus nos deu. Em nossa Fraternidade, por meio dos superiores, se determinou a adoração da Eucaristia de uma hora durante o dia até à tardinha, para que de dois a dois fizessem a adoração eucarística. Não dá para entender alguém que tenha o Rei na sua casa e o deixe abandonado; essa é a razão principal pela qual o Senhor nos inspirou a adoração constante. Embora toda a comunidade não possa estar presente totalmente em todas as horas, ela se faz presente através de um ou de outro seminarista ou irmã, com o propósito de não deixá-lo sozinho, para que sua presença penetre em nossos corações e se abra em nossos corações o amor a Deus.

Devoção à Senhora de Pentecostes

A nossa devoção eucarística se une com a devoção a Nossa Senhora. Falei com o senhor bispo se eu poderia colocar Maria como nossa padroeira com título de Nossa

Senhora de Pentecostes. Ele aprovou e continuou dizendo: "Nossa Senhora de Pentecostes, rogai por nós que recorremos a vós!"

A inspiração do ícone de Nossa Senhora de Pentecostes, ⁸³ nossa padroeira, foi muito singular. Nunca encontrei escrito em algum lugar onde Nossa Senhora fosse invocada como Nossa Senhora de Pentecostes. Foi um momento em que minha alma exultou de alegria por essa inspiração. Então ficou decidido que tudo seria através de Maria, por meio de Maria, Nossa Senhora de Pentecostes nos traria na invocação do seu nome a graça do Espírito Santo. Foi assim que a minha alegria foi plena, muito grande, abençoada. Hoje já é costumeira essa evocação entre nós.

O padre Mário Hugo Schacheri⁸⁴ disse que um padre do seu Instituto, do PIME, ⁸⁵ padre Fúlvio Francesco Giuliano, que morava na cidade de Lucca, na Itália, poderia fazer esse ícone para nós. Telefonamos para ele, e ele me perguntou como queria que se fizesse o ícone de Nossa Senhora, pois ele só fazia ícones bizantinos. Em geral, gosto muito dos ícones bizantinos, disse a ele que gostaria que o fizesse da seguinte forma: Nossa Senhora louvando a Deus e Dele recebendo o Espírito Santo entre os Apóstolos num ato de assunção aos céus, mostrando o louvor que ela queria dar a Deus, Nosso Senhor. O padre entendeu perfeitamente minha explicação e assim, depois de um ano, nos mandou o próprio ícone que está colocado⁸⁶ em nossa capela do Seminário Maior. Esse ícone veio lá da cidade de Lucca, foi um presente muito grande, padre Fúlvio não cobrou nem os gastos que teve para mandar o quadro. Fomos buscá-lo no porto de Santos, pois o ícone viera de navio.

Para nós foi uma graça muito grande o padre ter sentido, ter percebido qual era a nossa intenção: Nossa Senhora acima dos Apóstolos, com eles fazendo parte do Colégio Apostólico e, ao mesmo tempo, em atitude de louvor, com os braços abertos. É muito lindo esse ícone, ele vai se perpetuar na nossa Fraternidade para todo o sempre. Amém!

Quando vi o quadro pela primeira vez, disse:

− É isso mesmo! É isso que eu tinha imaginado.

Era como se o padre estivesse a um passo de mim, à minha frente ouvindo o que queria. Através do Espírito Santo, ele tinha captado aquilo que eu pensara e pedira a ele. Temos então um ícone todo santificado, inspirado por Deus para nós.

Gostaria de deixar a devoção a Nossa Senhora sob este título e o ícone para a criatividade de nossos rapazes e moças que cultuam o ícone em seus lugares de oração, como na capela do seminário ou na capela das irmãs. Eu gostaria que essa devoção penetrasse mais intimamente no coração de cada um, para mostrar o que devemos fazer de especial para que Nossa Senhora de Pentecostes seja mais conhecida e mais venerada.

Não sei o significado das cores do ícone de Nossa Senhora, não conversei mais como padre que o fez, não perguntei nem sequer o que significam aqueles escritos de cada lado

de Nossa Senhora, parece-me que são palavras em grego e eu não entendo muito bem o significado elas. Alguém, a qualquer momento, vai nos explicar com toda certeza, porque Nossa Senhora quis ser cultuada por um grupo de pessoas carismáticas como nós o somos.

Theothókos, Mãe de Deus, é o título maior e mais venerável que podemos dar a Nossa Senhora. Essa invocação "Santa Maria, Mãe de Deus" precisa ser explicada melhor para o povo. Esse título está fundado na maternidade, em razão de seu Filho, pois ela deu à luz o Filho de Deus e Filho dela também. É necessário compreender profundamente o significado de Deus, Verbo Encarnado, Deus que se encarna no seio de uma Virgem. Maria, dando à luz esse menino, tornou-se a Mãe de Deus, porque a mãe dá à luz na totalidade, Jesus como Filho de Deus e Filho de Maria. Por essa razão, podemos chamá-la Mãe de Deus.

Nossos irmãos separados, os protestantes, não aceitam a expressão "Mãe de Deus". Mas a Igreja se reuniu no Concílio de Éfeso, declarando nossa Senhora como Mãe de Deus, explicando porque ela era realmente a Mãe de Deus: porque ela dera à luz na totalidade, um filho que, ao mesmo tempo, era Deus e Verbo Encarnado num ser humano. Então, com grandiosidade, é a melhor expressão que pode chamar Nossa Senhora. Esse título deve ser explicado ao povo para que entenda que Nossa Senhora é Mãe de Deus porque deu à luz a Deus, portanto o ser completo para quem Nossa Senhora deu a vida é Filho de Deus e Filho dela.

Tendo Maria como nossa padroeira, como nossa intercessora, devemos seguir o seu silêncio em nossa vida salvista, que é pertinente pela santidade pessoal e santidade comunitária.

Quando uma comunidade é quieta no Louvor de Deus, não falando muitas palavras inutilmente, guardando silêncio nos momentos em que é pedido guardar silêncio, agrada muito ao Senhor, tudo isso importa nesse Louvor de Deus. Isso não impede que despertemos para uma conversa mais animada, como nos recreios, quando podemos fazer tudo isso, mas nos momentos de silêncio deve-se guardá-lo, o silêncio que Maria viveu.

Via espiritual da fé

Às vezes, no breviário, em alguns momentos de oração, em uma leitura espiritual, não sentimos nenhum gozo espiritual, ou até mesmo na adoração não sentimos a presença da ação de Deus. Isso se dá porque Deus escolhe alguns para um sacrifício total, sem fervor, sem maiores pensamentos, sem entusiasmo, sem alegria. Mas o que

vale é permanecer na adoração. Não é o nosso fervor que nos santifica, mas a oração. Basta a nossa presença diante do Santíssimo para receber os fluidos deste Santo de Deus, que é Jesus Cristo Senhor Nosso. É Dele que recebemos todas as graças, é Dele que recebemos a nossa espiritualidade, é Dele que recebemos toda a nossa inspiração para O louvar constantemente, para adorar o Senhor, para dar-lhe ação de graças e amá-lo em profundidade.

Não sentir esse gozo não indica um problema conosco, Nosso Senhor não exige isso. Não pensem que faltando o fervor possa faltar o nosso amor. O nosso amor é a nossa vontade de Deus, é o querer ficar adorando o nosso Deus, é muitas vezes ficar sem rezar uma palavra, sem rezar uma ave-maria, sem dizer nada, mas apenas ficar recebendo os refluxos do Senhor Jesus Sacramentado que se derrama sobre nós sob a ação do Espírito Santo.

Esse permanecer na presença de Deus sem nada sentir nos santifica grandemente; do contrário, eu estaria perdido, porque não sinto fervor, dificilmente sinto algum momento de fervor. Falo isso com tranquilidade, espero que vocês não fiquem escandalizados por eu não sentir esse fervor. Deus não pede de nós o sentimento, ele pede o nosso assentimento, o estar com Ele é estar na graça de deus e estar na graça de Deus é estar com Ele constantemente e louvá-lo constantemente. Longe de ser uma falha de nossa parte, é algo muito mais positivo permanecer sem nada sentir do que se tivéssemos naquela hora inteira com um fervor religioso. É bom sentir isso, não é mau, é como Nosso Senhor quer. Ele mesmo tira completamente esse gozo de alguns, para que vivam os seus passos somente na via espiritual da intimidade da fé, bastando apenas o assentimento do nosso coração e da nossa mente. Não peca aquele que não fica rezando mentalmente ou vocalmente quando não sente unção em si, mas peca aquele que, estando diante de Deus, procura propositalmente se distrair com outro pensamento, isso se deve evitar.

Meditação e contemplação

Há uma diferença entre meditação e contemplação. Contemplar é como alguém que, estando no alto contempla um horizonte muito bonito, muito grande, lá longe, apenas vendo o que se passa na sua frente, contemplando a Deus, sua magnificência, sua grandeza, seu poder. É na contemplação que subimos até Deus. A meditação é mais discursiva, como ler um texto fixando num ponto e meditando naquilo. Depois de ter meditado uns dez minutos nesse ponto, passo então para um segundo ponto, pode ser meia hora, pode ser uma hora, o que importa é que a gente faça essa meditação.

No terço de Nossa Senhora, contemplamos os mistérios e, ao mesmo tempo, louvamos a Deus rezando o pai-nosso e a ave-maria. Enquanto rezamos vocalmente a ave-maria, meu pensamento está contemplando o mistério rezado naquela dezena, não é necessário ficar rezando e lembrando-se das palavras da ave-maria e do pai-nosso, mas lembrando no nosso coração a contemplação de Deus e o mistério ao qual Deus nos quer levar.

Eu não diria que a contemplação seria um estágio mais elevado do que a meditação. Para mim é mais fácil contemplar, pois não sou capaz, por exemplo, de ficar meditando, rapidamente me escapa o pensamento. Se fico contemplando é mais fácil, mais agradável. Fico mais tempo na contemplação do que na oração vocal e do que na meditação.

A intimidade do salvista com o Espírito Santo

Somos partícipes da Renovação Carismática Católica como outros movimentos carismáticos maravilhosos que estão surgindo nesses últimos tempos, todos com a marca de identidade própria dos carismáticos. Só pelo fato de participar desse louvor do Espírito Santo, já estamos adorando o Espírito Santo. Os cânticos que elevamos são todos voltados para a adoração a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. São palavras muito belas as que falamos. É bom contemplar aquilo que estamos dizendo e o que estamos cantando, agrada muito mais o Espírito Santo essa união de contemplação do que apenas um discurso sobre o Espírito Santo.

A intimidade que o salvista deve ter com o Espírito Santo é total. É uma consagração pela vida inteira permanecendo fiel à efusão do Espírito Santo. Essa união como o Espírito Santo aumenta cada vez mais, basta estar um instante recolhido e meditar no Espírito Santo que nos vem um fervor especial. Se não externo, vem um fervor interno e muito profundo, fazendo com que adoremos a pessoa do Espírito Santo. Eu costumo rezar todos os dias o "Vinde Espírito Santo", ao menos uma vez por dia, para santificar o dia. O desejo de fazer essa oração é realmente adorá-lo com seu Espírito. O nosso desejo de santificação não se reparte em vários pedaços, é um todo em nossa vida. Nessa hora em que estou falando com todos vocês, estou unido ao Espírito Santo de Deus, para que ele possa movimentar a minha imaginação, o meu pensamento, o meu desejo, aquilo que eu quero expressar a respeito do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Os dons do Espírito Santo são diferentes dos frutos do Espírito Santo. O dom é um presente, é uma presença do Espírito Santo em nós como um presente. Ele nos inflama de tal maneira que não precisamos ser motivados por um pensamento ou por uma leitura,

visto que brota espontaneamente no nosso coração, até mesmo durante nosso repouso. Estes são dons do Espírito Santo porque é Ele quem nos dá esses presentes. Quando recebemos esses dons podemos afastá-los de nós, mas se conservamos esses presentes, esses dons, eles continuam inefavelmente entre nós, produzindo sempre mais santificação. Essa santificação se dá por meio de coisas simples: não ofender ninguém, não desejar mal a ninguém, querer bem a todos como irmãos e irmãs, amar o mundo inteiro; até os piores facínoras da história da humanidade, temos que rezar por eles para que sejam convertidos e salvos pelo Espírito Santo.

Os frutos já são diferentes dos dons do Espírito, são realidades que partem de nós. É claro que o Espírito Santo também participa desses frutos fazendo com que sejam suscitados entre nós. A paciência, por exemplo, é um fruto; se eu sou impaciente, se não tenho esse fruto do Espírito Santo, tenho que pedir a graça de ser paciente com todos. A humildade também é um fruto do Espírito Santo, enfim, todas essas virtudes que já conhecemos são frutos do Espírito Santo, que nós nos esforçamos para ter. A santidade de Deus se comunica conosco através dos resultados desses frutos espirituais.

Os dons carismáticos do Espírito Santo estão enunciados no capítulo doze da Primeira Carta aos Coríntios, em que São Paulo fala desses dons do Espírito Santo, dons da fé. A fé é um dom excepcional que a criança recebe no batismo e pela graça de Deus a conserva pela vida toda, se for orientada pelo mesmo Espírito Santo de Deus.

Os salvistas devem lidar com os dons carismáticos tratando-os com bondade, recebendo-os carinhosamente e partilhando com outros a nossa alegria. A alegria espiritual é fruto do Espírito Santo, por isso é que nós temos que externar a nossa alegria para que os irmãos nos vejam contentes e alegres e assim possam também participar desse fruto do Espírito Santo.

Os votos

Hoje, 87 liturgicamente, é a festa do Apóstolo e Evangelista São Mateus. Dizem que era o mais culto dos Apóstolos. Ele exercia a função de coletor de impostos exigidos por Roma. Os coletores eram chamados de publicanos ou de pecadores, pois tiravam dinheiro dos judeus. Toda a Judeia e a Palestina estavam sob o domínio dos romanos, essas províncias eram obrigadas a pagar tributos à central, que era Roma. Os judeus se desgostavam muito disso porque esses publicanos tiravam-lhes dinheiro para ajudar uma potência estrangeira.

Quando Mateus estava coletando impostos, no seu lugar de recolhimento de impostos, Jesus passa e olha para Mateus e o chama dizendo: "Segue-me!" (Mt 9,9).

Mateus, com certeza por inspiração divina, largou tudo e seguiu Jesus, levou-o para a sua casa, onde deu um banquete aos Apóstolos, aos Discípulos de Jesus e a outras pessoas.

O que interessa nessa explanação de São Mateus é o discernimento de Jesus Cristo tal como ele se apresentava aos olhos de Mateus. Mateus parece não ter duvidado de Jesus, ao menos o Evangelho não diz nada a respeito, diz simplesmente que ele deixou tudo e seguiu Jesus.

Para nós, sacerdotes da Fraternidade Jesus Salvador, de modo especial, já que somos carismáticos, ou seja, aqueles que aceitam o Espírito Santo com muito amor em seus corações e pelo qual Nosso Senhor nos converte para Ele, de bons nos tornamos melhores, de maus nos tornamos ao menos bons. É isso que faz a nossa caminhada na Renovação Carismática, seguimos muito mais de perto Jesus na piedade, no amor que Jesus tinha ao Pai e no que ele pregava constantemente, o Reino do Pai Celeste.

Na caminhada, certamente, Jesus mostrou algumas coisas importantes para os Apóstolos que Ele reuniu. Depois de uma noite de oração ao Pai Celeste, convocou pela manhã os discípulos e escolheu doze. Esses doze tinham por obrigação seguir os ensinamentos de Jesus, seu Mestre.

A castidade

Uma das qualidades do Senhor Jesus era a santidade de vida pessoal. Jesus não se casou, não pensou em nada disso, apenas procurou ser fiel a uma virtude que é muito quebrada entre os humanos: a castidade.

O Papa João Paulo II coloca a castidade em primeiro lugar. Antigamente era tido em primeiro lugar o voto de pobreza, e o da castidade em segundo ou terceiro lugar.

Esse voto é mais incompreendido pelos homens. Há uma falta da prática da castidade, castidade que é exigida, em certos termos, até mesmo para os casados, pois há uma castidade também para os casados. Não se acredita que um ser humano, ou dizendo melhor, um homem se consagre a uma vida de castidade, de pureza total, sem que ele procure outras mulheres, outras pessoas. Isso traz uma desconfiança dos homens, mas Jesus não quis atender a voz do mundo que pregava o que era do mundo, de um mundo tornado imundo.

Nesse sentido, os salvistas aceitam fazer esse voto de castidade.

O voto de pobreza

Junto com o voto de castidade, fazemos também o voto de pobreza, que a Igreja coloca em segundo lugar; como o voto de castidade, é mais difícil de ser compreendido, de ser praticado como deve ser, e exige dos consagrados uma fidelidade a toda prova, um desapego dos bens terrenos. A castidade, por exemplo, pede o desapego de ter um filho, isso para desapegar totalmente do mundo e conservar a castidade. O voto de pobreza exige ainda mais, pois deve levar o homem ou a mulher que se consagram ao Senhor, não a um desprezo das coisas do mundo e sim a um sublimar da sua vida, desapegando-se dos bens terrenos, do poder, do ser, do estar à frente, do desejar cargos...

Assim, o sacerdote salvista deve se imbuir dessa grande virtude da pobreza, não adianta se escamotear perante os superiores, não adianta esconder os bens que tem, colocando numa conta bancária, por exemplo, ou recebendo dinheiro de outras pessoas e guardando-o para si. Isso não é pobreza, ao menos como Jesus compreende a pobreza. Ela é realmente um desapegar verdadeiro que a pessoa faz pelo voto, para que nada possua, nada tenha, nada retenha. Desapegar-se daquilo que nos agrada é mais dificil ainda que a castidade. Há muitas pessoas, muitos sacerdotes e até religiosos que vivem no fausto de uma casa rica com todas as comodidades, embora nada tenham em seu nome. Essas pessoas estão tranquilas porque não lhes falta nada, o que vai acompanhado de um apego a tudo isso.

O voto de pobreza é um voto muito difícil de ser entendido e principalmente de ser praticado; é nisso que reside a santidade do salvista.

O voto de obediência

O terceiro voto é o voto da obediência, não menos exigente do que os outros dois, o da castidade e o da pobreza. O voto de obediência é um voto que faz com que a pessoa se suprima pacificamente, deixe de querer aquilo que é justo e válido, tanto aos olhos humanos quanto aos divinos, coisas boas, santas, mas que ela deixa de lado para mais desprendidamente seguir o Senhor na obediência que ele teve ao Pai Celeste. Cumprimos esse voto de obediência na voz de nossos superiores.

O voto de fidelidade ao Papa

Na realidade, esses três votos seriam suficientes, mas nós salvistas nos obrigamos ao quarto voto, o voto de fidelidade ao Papa e a seu Conselho, as chamadas Congregações Romanas, que são o meio de que se vale o Papa para dirigir a igreja em cada um dos tempos e termos dessa vida religiosa eclesiástica. Essas Congregações são meios de que

o Papa se vale para ajudá-lo a carregar a Santa Igreja. Por isso, aquilo que o Papa fala nem precisa ser escrito para nós, basta que tenhamos a certeza de que são palavras do Papa, seguimos tranquilamente sua palavra, conforme o nosso voto de fidelidade ao Papa.

Penso que deu para entender perfeitamente esses quatro votos. Primeiramente professamos por três anos seguidos os chamados votos temporários. Terminado esse tempo de provas, de promessa, o rapaz, fixado profundamente nessa verdade, como também as irmãs que fazem a mesma coisa, professam esses votos para todo o resto da vida.

Tudo isto está detalhado nas Constituições Salvistas, basta que o candidato ou a candidata à vida religiosa espiritual faça de acordo com o que foi prescrito. Eu vejo o padre e a irmã salvista cumprindo aquilo que as Constituições determinam. Fazendo o que as Constituições determinam, eles estão preenchendo totalmente a sua vida daquilo que está escrito, pois lá está tudo o que deve um salvista fazer. Portanto, as Constituições estão longe de ser uma argumentação, são mais uma direção que estamos dando para que o povo de Deus, por meio dos sacerdotes e irmãs salvistas, avance cada vez melhor no seu testemunho de fé.

Missionários

Foi um desejo do meu coração que todos fossem chamados de missionários. O próprio Dom Fernando, conversando comigo, sugeriu isso. Quando perguntei qual o melhor nome para chamar essa fraternidade, ele disse que seria bom colocar missionários no nome e eu aprovei imediatamente, porque era esse o meu desejo, que todos os membros da fraternidade, principalmente os consagrados, tivessem o nome de missionários. Isso para que nessa instituição os homens e as mulheres chamados Servos e Servas de Jesus Salvador fossem não apenas servos, mas também enviados pelo Senhor aonde a Igreja precisasse de nós, aonde a Igreja nos chamasse. Lá estaríamos não por vontade própria, mas talvez por vontade daquele que nos envia, seja o Papa ou diretamente os superiores.

Uma grande realidade está crescendo e se fortificando por meio do empenho de cada irmã ou de cada seminarista, quando são chamados para pregar missões no Brasil ou em outras terras do mundo. A pessoa vai com o sinete da santidade no desapego total da família ou das coisas da terra, por isso somos chamados missionários.

Teremos uma cruz maior em nossas mãos quando formos enviados como missionários para terras distantes. Se se tratar de missões entre não batizados, dever-se-á

simplesmente ensiná-los o nome de Jesus, a amar o nome de Jesus, pois a prática perfeita é amar a Deus e seguir os seus mandamentos. É isto que o missionário prega, os mandamentos de Deus, também os mandamentos da Igreja, é claro, mas de modo mais forte os mandamentos de Deus.

Além de nossos padroeiros, Nossa Senhora de Pentecostes e São José, identifico com a Fraternidade os santos que mais se dedicaram às missões.

Santo Antonio de Maria Claret saiu da Espanha para ser bispo de Cuba. São João Maria Vianney, pela vida de pároco exemplar que teve e com sacrifício, foi ensinando o povo rude e pequeno de sua paróquia, vinham até pessoas de paróquias de longe para ouvi-lo e confessar-se com ele. Outro grande missionário foi Santo Afonso Maria de Ligório, um homem ardoroso, cheio de Jesus Cristo, que escreveu uma obra maravilhosa sobre Nossa Senhora, *As glórias de Maria*. Santo Afonso, como advogado que era, entregou-se como instrumento mais perfeito na explicação da moral para nós, portanto, é exemplo de moralidade, de grande mestre da cultura missionária, e em razão disso o temos como um dos nossos principais colaboradores da nossa missão. Há muitos santos e muitas santas que foram missionários. São Francisco de Assis foi um grande missionário, São Domingos de Gusmão, São Felipe Néri e tantos outros santos missionários.

Olhemos para esta irmã que morreu a pouco, Tereza de Calcutá, ⁸⁸ exemplo grandioso de missionária querida por todos pela fé e contemplação em Calcutá entre os miseráveis. Ela desejava que as suas irmãs cuidassem dos miseráveis mais miseráveis, o retardatário, como se diz, da sociedade, daqueles vários que são totalmente abandonados. Ela fundou uma Congregação ⁸⁹ que cresce maravilhosamente na Igreja.

Olhemos para Santa Terezinha do Menino Jesus, que sem sair do seu convento tornou-se a padroeira das missões, por tanto desejo que ela tinha de ser missionária. Portanto, o desejo de ser missionário é o mais importante para nós, não só o fato de ser missionários. O fato de desejar ser missionário é contado entre as graças de Deus para cada um de nós. Jesus quis ser missionário!

Devemos inculcar em nossos seminaristas e irmãs o desejo das missões, porque por meio das missões, vamos levando a Palavra de Deus e tornando conhecido Nosso Senhor Jesus Cristo, Nosso Salvador, e o Espírito Santo, Nosso Santificador.

Um olhar sobre a obra

Sempre confio no Senhor e rezo diariamente a Ele para que esses dois Institutos continuem enchendo o mundo inteiro de salvistas, de irmãos e irmãs. Que possam ir

pelos séculos afora com o mesmo ardor com que iniciaram a sua entrada na vocação salvista, estejam em terra de missão ou não, mesmo que estejam em lugares paganizados pela cultura atual. Que eles não tenham fim.

Temos sido muito abençoados por Deus quanto ao número de vocações. Peço constantemente em minhas preces e orações que o Senhor envie o maior número possível de candidatos e candidatas ao nosso noviciado. Temos mais ou menos quinze candidatos por ano que entram nas fileiras do nosso apostolado missionário e carismático. Todos os que chegam até nós têm que ter ao menos um ano de Renovação Carismática. Nisso nós encontramos força, sabedoria e conhecimento, pedimos a Nosso Senhor que Ele possa escolher para nós no mundo rapazes e moças cheios de espiritualidade carismática, cheios de piedade carismática. Por isso, não faltam para nós vocações, elas procedem do Brasil inteiro e são chamadas por Jesus.

Aos padres e irmãs que forem envelhecendo em nossa Fraternidade, espero ter uma casa apropriada suficientemente grande, com um terreno para poderem passear, um lugar tranquilo para esses padres e irmãs. Que cada um de nós possa ser preparado para o tempo futuro da graça que virá mais cedo ou mais tarde, e vivendo assim num lugar preparado com muito amor pelos novos salvistas.

Hoje⁹⁰ eu não conto mais, já estou indo, estou caminhando para a estrada que me leva para o Céu. É uma grande alegria, para mim, terminar a vida abençoada por Deus, pois Ele me deu a perseverança até este momento e Ele me dará, justo juiz, o prêmio da Vida Eterna que espero receber de Suas mãos. Estou sempre pronto a cair no meu leito e partir. Alegro-me com tudo isso porque está acabando meu tempo de guerra neste mundo e só me resta receber, como diz São Paulo, a coroa da glória que o Senhor me dará na vida eterna. Passei tantos problemas na minha vida, tantos desgostos, tantas doenças, quatro delas ao menos podiam ter me levado embora num dado momento, mas Deus, que é santo e sábio, sabe até quando me deve reter aqui. Ao menos estou contando uma pequena história da minha vida a vocês, que tanto pediram.

Mensagem para os futuros salvistas

Deixo então uma mensagem para os futuros salvistas que talvez não venham a me conhecer.

Eu tenho 77 anos de vida e mais de 52 de sacerdócio. Pelo fato de o Senhor ter colocado seus olhos benignos sobre mim e me escolhido para fundar essas duas congregações religiosas dos servos e das servas de Jesus Salvador, coloco-me olhando para o futuro, para os futuros servos e servas de Jesus Salvador.

Falo para que, não me vendo, acreditem em mim, assim como disse um escritor sagrado. Embora não vendo mais Jesus, acreditem em Jesus, que amem o Senhor Jesus embora não o tenham conhecido e com mais ardor ainda que os que o conheceram. Para essas pessoas, também falo a mesma coisa: não me vendo nem me conhecendo, não nego para eles o meu coração cheio de amor a Deus e vontade de santificar a todos. Tenho um amor muito grande pelas crianças, pelos adultos e também pelos velhinhos. Que esses futuros salvistas encontrem sua verdadeira vocação.

Tudo isso está compendiado nas instruções que o Senhor permitiu que deixasse aos servos e às servas, está no compêndio que escrevi sobre a vontade do Espírito Santo nas Constituições. Ali está declarada toda a vontade de Deus. Aqueles que seguirem essas Constituições tenham a certeza de que estão no caminho certo de santidade na vida pessoal e comunitária e assim, santificando-se pessoalmente, santificam também o lugar onde habitam e outros irmãos ou irmãs vivificados pelo seu apostolado.

A mensagem que deixo são os escritos relatados nas Constituições, principalmente a segunda edição da Constituição de 1995, pois ela repete a primeira e a completa mais. É isso que eu gostaria que continuasse a existir para todos os discípulos e discípulas que me seguirem.

Que Deus abençoe a todos aqui na Terra como no Céu, pois já temos alguns salvistas, pessoas da Fraternidade que estão nos céus, eles estão rezando por nós na comunhão dos santos, nós os rogamos com muito amor porque estão rezando ardentemente pela nossa Congregação, se não fosse isso não teríamos essa explosão de vocações que anualmente vêm até nós.

Que Deus abençoe todos com a sua bênção do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Que essa bênção de Deus permaneça para sempre! Amém!

Padre Gilberto Maria Defina, sjs Pai-fundador da Fraternidade Jesus Salvador

ESCRITOS

PARTE I

Carisma da Fraternidade Jesus Salvador⁹³

Finalidade

A Fraternidade Jesus Salvador é uma obra inspirada por Deus para os nossos tempos e os vindouros. Sua finalidade principal é promover o crescimento espiritual-doutrinário e missionário-evangelizador de seus membros, por meio dos princípios que norteiam a Renovação Carismática Católica, em seus aspectos fundamentais.

Objetivo

Seu objetivo principal primário é o Louvor de Deus, sob todas as suas formas, a litúrgica, em primeiro lugar; e o objetivo secundário, como consequência desse louvor, a santificação pessoal e comunitária, por meio da consagração ao Espírito Santo, Deus-Amor

Meio

O meio principal, dentre muitos outros importantes, para a consecução de sua principal finalidade e de seu principal objetivo, para que nenhum desvio substancial jamais aconteça, é o "Sensus Ecclesiae et Christifidelium", consubstanciado na total e incondicional obediência e acatamento aos ensinamentos e determinações emanados do Sumo Pontífice Romano, o Papa, mesmo em seu magistério comum e normal.

Modo

O modo que a Fraternidade empregará para atingir sua finalidade-objetivo-meio é a soma de seus empreendimentos espirituais, culturais e espaço-temporais.

Finalidade, objetivo, meio e modo necessitam de explicações quanto à extensão de que compreende cada um desses princípios primordiais.

Objetivo principal primário: Louvor de Deus

- O objetivo de uma ação ou de uma pessoa, no caso, de uma pessoa jurídica como é a Fraternidade, pode ser o mesmo que sua finalidade. Aqui, porém, há razão para distingui-los. Pode servir também de meio, tal objetivo desta Obra. Mas também aqui se quer separá-la da finalidade e do meio. A distinção procede da razão essencial da Fraternidade e da Obra do Senhor Jesus: o Louvor de Deus.
- Finalidades, meios e modos empregados em todos os atos e movimento da Fraternidade se resumem como que, essencialmente, ao Louvor de Deus.
- Portanto, o objetivo primário é o Louvor de Deus. Seria preciso aos carismáticos, aos irmãos e irmãs salvistas, apor razões e justificativas? Não há sequer um que siga os caminhos da RCC que se lhe precise explicar a essencialidade da mesma Renovação: tudo reside na glória de Deus e para a sua glória Ele tudo criou. No louvor a Deus está implícita toda a Adoração, o Agradecimento e amor que Lhe são devidos como Divindade Una e Trina. E por meio deste louvor é que nos advêm, pelo seu Espírito, todo o bem, salvação e cura, toda a Graça.

O Objetivo secundário: a santificação pessoal e da comunidade

- Ele nos vem, este objetivo secundário, precisamente, por meio do objetivo primário: do louvor a Deus nos vem a santificação pessoal e a santificação de toda a comunidade na qual se vive e se trabalha.
- O Louvor a Deus necessariamente santifica a quem O louva: é um corolário teológico. E quanto maior e mais constante a louvação que alguém Lhe tribute, maiores serão as graças e favores derramados; maior, mais sublime e mais elevada é a santificação dessa pessoa e dessa comunidade.
- Esta santificação procede da nossa consagração à Pessoa Divina do Espírito Santo. Ele opera hoje na Santa Igreja, a partir, de um modo formal e distinto, do dia do advento de Pentecostes.

- Os renovados pela ação do batismo no Espírito Santo dão-lhe toda adoração, e
 Dele recebem tudo o que agora são.
- A transformação em nossas vidas, que o Pai e o Filho operam em nós, é-nos dada através do Espírito Santo. E podemos dizer com toda a fé e com toda a segurança teológica que agora, desde o nosso batismo sacramental, tudo quanto recebemos do mesmo Pai e do mesmo Filho, só nos advém das operações de seu Espírito santo. Tudo quanto pedimos ao Pai Eterno e a seu Filho Eterno, Jesus Cristo, passa-nos só através do Espírito Santo. A 'descoberta' que os da Renovação fizeram foi justamente colocar em evidência, para toda a Igreja, essa verdade, que estava um tanto esquecida entre os cristãos de ontem e ainda o é de hoje, para muitos.
- Por conseguinte, a Fraternidade Jesus Salvador é a Ele, Espírito Santo, totalmente consagrada. É Ele, padroeiro e patrono desta Fraternidade. E será cultuado de maneira singular em três ocasiões do calendário litúrgico: Anunciação do Senhor, Batismo do Senhor e Pentecostes. Na Anunciação do Senhor, é Ele que nos gera Jesus no seio imaculado de Maria; no Batismo do Senhor, é Ele que 'santifica' Jesus e O envia a evangelizar o Reino; em Pentecostes, é Ele mesmo que vem a nós como o Enviado de Jesus; vem para santificar a sua Igreja, para preparar a 'Noiva do Cordeiro', através dos séculos, até à Parusia. O Espírito Santo liga, une e acompanha, passo a passo, toda a existência de Jesus sobre a Terra: desde a sua geração, passando pela sua vida, através do batismo, e concluindo-a até a Ascensão. Por isso é que 'Jesus exultou de alegria no Espírito Santo' (Lc 10, 21), e será sempre, em sua vida, 'conduzido pelo Espírito' (Mt 4, 1), até que por esse 'Espírito que dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus, nos faça clamar: Abbá – Papai' (Rm 8, 15-16), e que 'intercede por nós com gemidos inefáveis. É Aquele que perscruta os corações, sobre o que deseja o Espírito, o qual intercede pelos santos, segundo Deus' (Rm 8, 26-27).

O Esplendor Litúrgico

• Observe-se o que vai assinalado no objetivo primário: que este Louvor de Deus seja dado, principalmente, através de formas litúrgicas da Sagrada Liturgia da Santa Igreja Católica. Desde já, deve-se dizer que a Fraternidade empregará e usará de todo o esplendor litúrgico para tal louvor a Deus, no uso

apropriado das vestes, objetos, cantos, no desenvolvimento harmonioso do rito e das rubricas, no uso mesmo do Latim e do Canto Gregoriano, quando isto for útil e apropriado para tal louvor a Deus e para edificação dos fiéis.

Sob um único e grande Carisma

- O Louvor de Deus. É um carisma fundamental: por força de nosso batismo sacramental, que destruiu em nós a mancha do pecado original e nos tornou filhos e filhas de Deus, é que sobrevém, através da Ressurreição do Senhor, a sua promessa: 'Sereis batizados no Espírito Santo' (At 1, 4-5).
- A prática deste Louvor de Deus se traduz pelos consagrados irmãos e irmãs salvistas, 'perseverando na doutrina dos Apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações' (At 2, 42); na fraternidade e na partilha, santificação pessoal e comunitária; no apostolado dos carismas da Renovação Carismática, através da Fraternidade Jesus Salvador.
- O que nos leva a este constante louvor divino é a procura do 'Único Necessário' em nossa vida; é estar com Deus, pois, nele mergulhados, 'vivemos, respiramos e existimos', pois 'tudo Ele criou para a sua glória'. Nestes tempos, que são os nossos tempos, àqueles que entendem os sinais dos tempos que Ele mesmo nos quer mostrar, reserva-nos maravilhas para o nosso espírito. Ao lado de um mundo que se dessacraliza, anticristão, vivendo toda a impiedade da idolatria, em que se blasfema o nome santo do Senhor, em que 'se levantam os reis da terra e os príncipes se reúnem em conselho contra o Senhor e contra o seu Cristo' (Sl 2, 1s), o clarão do seu Espírito Santo vem 'renovar a face da terra'. Então, poderemos exclamar: 'E nós vimos a sua glória, a glória que um Filho único recebe de seu Pai, cheio de graça e de verdade. Todos nós recebemos de sua plenitude, graça sobre graça' (Jo 1, 14-16).
- Sob este único e grande carisma do Louvor de Deus, cláusula pétrea desta Fraternidade, agrupam-se como dons necessários outros carismas. E um daqueles com que mais nos importamos é guardar com toda a fidelidade o 'Depósito da Fé', que os Apóstolos e seus sucessores nos transmitiram, a Tradição o conserva e o Magistério da Igreja nos dá a conhecer, crer e amar.

- Guardar o Depósito da Fé significa, em primeiro lugar, a adesão incondicional ao magistério do Sumo Pontífice, o Papa, mesmo através de seus ensinamentos comuns e normais. Reter a sua palavra e defendê-la. Pois é-nos preferível, se fosse o caso, errar com o Papa, a acertar com a multidão. A multidão não tem nome, mas a Santa Igreja tem um rosto, o de Cristo Senhor. Não devemos ceder o mínimo de terreno a tal respeito, por mais que os tempos sejam maus e muitas sibilas nos sussurrem aos ouvidos: esses tempos já estão ultrapassados, os ventos são novos, este mundo não tem volta, esqueçam a cristandade...
- Os que nesta Fraternidade Jesus Salvador emitirem votos, mesmo se temporários, por dever de regra de vida, além dos votos de castidade, pobreza e obediência, deverão emitir um quarto voto em especial: o de obediência formal, efetiva e afetiva, ao Santo Padre, o Papa, às suas palavras e escritos, e como se afirmou, mesmo em se tratando de seu magistério normal e comum. Aliás, o terceiro voto, o da obediência, em si já encerra tal conteúdo.
- Deve servir como corolário decorrente a este quarto voto, a obediência às normas e instruções emanadas das Congregações da Cúria Romana ou Dicastérios, como a um Senado do Romano Pontífice, que auxilia o Papa no governo de toda a Santa Igreja. Não se façam, nem se ouçam comentários dissonantes das orientações da Santa Sé. Se o nosso entendimento não alcança suas determinações, alcancem-nas nossa fé, obediência e humildade. 'Vigiai! Sede firmes na fé! Sede homens! Sede fortes! Tudo o que fazeis, fazei-o na caridade' (1 Cor 16, 13).
- O Depósito da Fé abrange de modo igual: as Sagradas Escrituras, a Santa Tradição e o Santo Magistério da Igreja Católica. A obediência ao magistério papal é, em resumo, expressão e síntese de quanto a nossa Igreja Santa, Católica e Apostólica crê e ensina em razões relativas à Bíblia, como Palavra de Deus; à Tradição, como verdades independentes do tempo e do espaço eclesial; e em tudo quanto se refira a questões de Doutrina e de Moral.
- Assim sendo, todas as instituições desta Fraternidade devem aplicar-se assiduamente à leitura, ensino, estudo e prática dos documentos e ditames das Congregações da Cúria Romana; às suas interpretações bíblicas; e principalmente, às Encíclicas papais e em tudo quanto o Santo Padre empenhe seu específico magistério.

- Devem aplicar-se à leitura e estudo da Patrística e da Patrologia e aos Santos Doutores e Doutoras da Igreja, desde os inícios da Tradição cristã.
- Conhecimento adequado das últimas Encíclicas e de importantes documentos dos Papas deste século XX, de modo especial, as cristológicas, pneumatológicas, marianas e de sua doutrina social, a partir da *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII.
- Exige-se, de modo fundamental, o ensino, o estudo e a prática de quanto é ensinado pelo Catecismo da Igreja Católica, da consequente Encíclica *Veritaris Splendor*, e da carta apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*.
- Devem ser conhecidos suficientemente os documentos e as instruções dos diversos Dicastérios da Cúria Romana relativos à Vida Consagrada (Institutos Religiosos e Seculares), às Sociedades de Vida Apostólica, e, entre outros: Pastores Dabo Vobis, Ministério e Vida do Presbítero, Sabedoria Cristã, (acerca do Ensino nas Faculdades eclesiásticas), a Liturgia nos Seminários, Christifideles Laici, Domninum et Vivificantem (sobre o Espírito Santo na Vida da Igreja e no Mundo), Optatam Totium, Marialis Cultus, Redemptoris Mater, etc.

Os quinze pontos da espiritualidade carismática salvista

A Fraternidade Jesus Salvador é carismática:

- Porque acredita que os carismas ou dons enunciados nas Escrituras, em especial I Coríntios 12, 13 e 14, e os frutos do Espírito, em especial Gal 5,22-25, podem hoje de novo acontecer nos que invocam e esperam, pelo mesmo Espírito Santo, um novo Pentecostes em suas vidas de cristãos.
- Porque acredita e confia mais na ação direta e na união do Espírito, do que na capacidade dos homens e de suas refinadas técnicas.
- Porque acredita e confia mais nas inspirações divinas, amando a Palavra de Deus na Bíblia, tendo-a como companheira e nela meditando dia e noite.
- Porque obedece, como Cristo obediente até à morte e morte de cruz, na perfeita obediência a Deus Pai e, por isso, na obediência filial à Santa Igreja e

à sua Hierarquia.

- Porque, obedecendo ao seu Senhor e à sua Igreja, dá testemunho do Evangelho, sem medo nem covardia.
- Porque vive os mistérios de Deus e de seu Cristo no Espírito, por meio dos Sacramentos recebidos com frequência, na participação do Santo Sacrifício da Missa e da confissão pessoal, nas orações, sacrifícios e jejuns frequentes, nas visitas aos doentes e mais atos de misericórdia cristã, no testemunho pessoal de suas vidas, edificando o povo de Deus, assim repetindo hoje os cristãos da Igreja Primitiva.
- Porque se aplica com assiduidade nas preces e cânticos de louvor a Deus e de suas maravilhas, fazendo-o de alma e de corpo, levantando os braços para Ele, o Criador de todo o nosso ser, não se preocupando com os olhares reprovadores do mundo que os julgam alienados, porque não compreendem de que vinho estão inebriados.
- Porque vive nas profundezas do Espírito, da oração contemplativa, sem se preocupar em demasia com o agito que dispersa, no social que não converte, nem proclama Jesus Cristo e seu Evangelho.
- Porque prefere tornar-se um místico e um asceta, a um trabalhador da vinha que não consegue se deter para a escolha da melhor parte.
- Porque acredita salvar mais almas para o Céu, por meio do apostolado da oração, alma de qualquer apostolado, do que trabalhar confiando mais em suas próprias ideias e próprias forças.
- Porque tem certeza de que o Pentecostes da Igreja Primitiva, em que ocorriam milagres, curas, sinais e prodígios, de fato se repete no "hoje" de nossos tempos e de nossas vidas; só não ocorrendo vê-lo os que não se detêm a perceber "os sinais dos tempos" de que Cristo nos alertou.
- Porque professa sua total adesão à Providência Divina, e desacredita de quaisquer coincidências e fortuidades de cada momento em nossas vidas, de toda força mental psicológica ou parapsicológica, como de todo instrumento interativo em nossas faculdades mentais ou físicas, que não sejam diretamente remetidas ao poder de Deus, ao senhorio de Jesus sobre todos nós, e na ação

de seu Espírito, pois "qual de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só centímetro à duração de sua vida? Não andem com vãs preocupações, homens de fé muito pequena. Até os cabelos de suas cabeças estão todos contados e nenhum cabelo cai de suas cabeças sem que o pai o queira. Busquem antes o reino de Deus e a sua justiça, e todas demais coisas lhes serão dadas por acréscimo" (Lc 12, *passim*. Instruções aos discípulos e as vãs preocupações).

- Porque acredita e professa a promessa de Cristo ressuscitado de que "sereis batizados no Espírito Santo" (At 1,5), aos que esperam, também, o cumprimento da promessa do Pai, "que ouvistes, disse Ele (Jesus), de minha boca" (At 1,4b), em muitos, ontem e hoje, derramando em Pentecostes seu Paráclito, àqueles que perseveram unanimemente na oração, juntamente com Maria, Mãe de Jesus (Cf. At 1,14).
- Porque acredita e acolhe com humildade e interesse cordial as revelações particulares que o Senhor faz hoje, como sempre o fez na história da Igreja e dos Santos, aos simples de coração: "Jesus exultou de alegria no Espírito Santo, dizendo: 'Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, bendigo-te, porque assim foi o teu agrado" (Lc 10,21). Não as contrapondo à Revelação, nem à Tradição, mas aceitando o que a mesma Santa Igreja aceita no discernimento do Espírito, algumas delas mesmo elevando às honras da Liturgia Sagrada. Não se julgando no direito de colocar limites à bondade e à misericórdia do Senhor, que inspira, fala e opera no coração de seus fiéis, quando quer e como quer.
- Finalmente, embora outras considerações poderiam acrescentar-se a estas, sendo isto o fundamento principal desta Obra do Senhor Jesus, esta Fraternidade se propõe levar adiante, pelos tempos afora, este Sopro Divino que Ele hoje acendeu para renovar a face da terra com o seu fogo de Amor, e levá-lo a perpetuar-se no mundo, como tocha esplendorosa de uma era, que irá deixar de ser infiel e voltar-se-á toda para o Senhor, convertida e purificada como Noiva do Cordeiro.

Escola de Louvor

- Acreditamos que, sendo Obra do Espírito de Deus, a Fraternidade só pode ter a Ele como Dono e Senhor. É propriedade do Senhor Jesus. Por isso, esta Fraternidade poderá ser conduzida por homens e mulheres sobre os quais paire o Espírito do Senhor, nunca porém, dela usando em benefício exclusivo, pois a Obra do Senhor Jesus não lhes pertence, nem sequer está vinculada a um determinado Grupo de Oração, por mais carismático que o seja!
- Os que trabalham para que esta Fraternidade se torne assim acolhedora desejam que neles acreditem que assim o será, pela divina graça de Deus e Senhor Jesus Salvador.
- Todos reunidos para um só fim: o Louvor de Deus, e com isso alcançar o que Ele quer: 'Sede santos porque Eu, vosso Deus, sou santo'.
- A Fraternidade Jesus Salvador como sua Obra estará atenta constantemente aos sinais dos tempos, desejando que se perpetue através dela, em sua existência, o derramamento do Espírito Santo de Deus, que o Seu Amor Misericordioso, como em um Novo Pentecostes, derramou nos corações de muitos cristãos desta geração. E para que isso continue acontecendo através dos tempos vindouros, seus servos e servas se reúnem numa Fraternidade de Amor ao Senhor Jesus, em Aliança com Ele, a fim de que não se perca, pela segunda vez(ao menos na forma como Ele se apresenta a nós hoje), a Sua presença sensível, através de sinais, de prodígios e milagres, como outrora se manifestou, para seu crescimento e sustentação, nos primórdios de sua Igreja, e até os nossos dias, em seus santos e santas.
- Uma vez constituída e firmada em seus autênticos carismas, se for da vontade divina, manifestada através de Suas inspirações, esta Fraternidade poderá desdobrar-se, dentro da mesma, em outras feições ou grupos que configurem instituições e de caráter comunitário, tais como: Institutos Religiosos (masculino/feminino); Institutos Seculares /(masculino/feminino); Sociedade de Vida Apostólica, ou outros. Tais Institutos poderão formar-se e viver comunitariamente em residências separadas, em terrenos da Fraternidade e alhures, conforme o Espírito os inspirar.
- É de capital importância e *conditio sine qua non*, que esta Fraternidade Jesus Salvador, conforme foi por Ele inspirada, tenha obrigatoriamente o seu próprio Seminário Maior filosófico-teológico, pois, em virtude de seus peculiares

carismas, possam os seus estudantes exercitarem-nos com a necessária liberdade, de acordo com as inspirações do Santo Espírito, e debaixo da observância e obediência de seu Moderador Maior (Prior Geral) e do Sr. Bispo Diocesano, onde a Fraternidade vier a existir e se fixar.

• Esta Fraternidade, conforme inspirada e querida pelo Senhor, só terá pleno sentido se este Seminário Maior tornar-se realidade e for a irradiação de toda esta Obra do Senhor Jesus.

Escola de Discípulos e Ministros do Reino: Escola do Louvor de Deus

- Dentre as disciplinas que irão compor o Currículo de Estudos do Curso Superior de Teologia do Seminário Maior da Fraternidade Jesus Salvador, constarão estudos específicos de formação espiritual e doutrinal da escola de Discípulos e Ministros do reino de Deus, não propriamente visando a técnicas de pregação (Retórica) e evangelização, mas de formação de Ungidos do Senhor.
- Ungidos ou cristos formarão uma escola de preparação condigna para que os futuros obreiros da Vinha do Senhor se tornem homens e mulheres apostólicos. Formará esta Escola sobretudo pessoas capazes espiritualmente e moralmente de anunciar com desassombro o Evangelho do Cristo, de serem testemunhas e, se preciso, por Ele sofrerem o martírio.
- Esta Escola preparará leigos e leigas para se tornarem aptos, em todos os sentidos, de ser Coordenadores, Pregadores, Conselheiros, Ministros, Missionários da Palavra e da Eucaristia, para os diversos ministérios leigos, e deverá ter Diáconos permanentes, a fim de que os acima citados ministérios possam eles animar, servir e santificar juntamente com os sacerdotes, o Povo de Deus, por todas as partes.
- A preparação de tais ministros e ministérios exigirá deles um longo tempo de formação e de estudos semelhantes aos dos seminaristas maiores. Desta escola sairão leigos e leigas teólogos teóricos e práticos para o bem da Santa Igreja.
 Alguns poderão receber a ordenação de diáconos permanente, acólitos e

leitores, pelo Sr. Bispo Diocesano; e, para outros, o "Envio Missionário", realizado durante a Santa Missa.

- Igualmente, o Currículo de Estudos terá uma Disciplina singular: formará, à parte, uma Escola do Louvor de Deus, pois que assim a Fraternidade, em seu Carisma essencial, se move, respira e tem existência: a glorificação de Deus. Só a glória de Deus interessa à Fraternidade Jesus Salvador.
- Sendo esta uma Obra do Senhor Jesus, sentimos que Ele e a Virgem Maria não nos deram nas mãos uma Obra completa e com seus contornos perfeitos. Apenas estamos nos colocando à disposição da Vontade do Senhor, que ainda não nos inspirou tudo o que esses Sagrados Corações têm em vista para a Sua e nossa Fraternidade. Sejamos humildes na espera de quanto Eles querem desta Obra do Senhor. Os que se sentirem intimamente atraídos, ainda que surpresos pelo tamanho da tarefa, e apostarem suas esperanças 'no quanto é bom e doce o Senhor', com certeza não ficarão, de forma alguma, decepcionados.

PARTE II Meditações sobre a Paixão de Cristo

Meditatio Prima

Jesus sabia que a memória do homem é curta, e que logo os seus discípulos de então e os de fora facilmente esqueceriam seus grandes sofrimentos, a sua Paixão padecida na cruz. Por isso, institui o Memorial de sua Paixão, dando-se em Eucaristia, em sua constante presença real e viva, em pessoa viva, entre nós, através dos tempos até o fim. Assim, encontra, em sua infinita sabedoria, o meio eficaz de lembrar às gerações futuras o grande mistério de sua morte por nós, por toda humanidade, aí recapitulando todas as maravilhas de seu Divino Coração. Vivendo nos esplendores do Céu, viverá na terra na obscuridade do sacramento. Pela fé será reconhecido pelos fiéis nos resplendores da glória; pelos sentidos, como nada, sem movimento, sem forma definida!

Jesus, na sua Paixão, além de todos os maus tratos em seu corpo, sofreu ainda mais em sua honra, tratado como criminoso, sedicioso, revolucionário. E é diante deste homem, homem das dores, que todo joelho deve se dobrar, que toda alma deve adorar e amar. Jesus se mostra tímido diante da visão de seus sofrimentos e, ao mesmo tempo, certo de sua vitória. Na cruz, clama ao Pai por que O abandonou e, ao mesmo tempo, presenteia ao "bom ladrão" o paraíso. Em meio a um mar imenso de opróbrios, morrendo faz tremer a terra, obscurecer o sol, fender as pedras, ressuscitar mortos, rasgar o véu do santuário, de alto a baixo, ser reconhecido como Filho de Deus. Mas, ainda antes, quando vivia sua vida mortal, lá, na última ceia, já realizara mais do que só perder toda a honra, sofrer todos os ultrajes, morrer como ímpio: procurou descer o último degrau do ser humano: aniquilar-se no seu mistério eucarístico. Aí já não havia mais a descer nenhum outro degrau. Esvaziou-se totalmente. E no pão consagrado perdeu a própria forma humana. E embora presente e vivo, deixaria se amar só pela fé, se quiséssemos aceitá-lo assim. Isto seria incrível senão fosse verdade!

Eu te adoro, Senhor, em cada uma de tuas chagas, em cada uma de tuas lágrimas, em cada um de teus suspiros, principalmente teu suspiro em que, inclinando a cabeça, entregaste teu espírito ao Pai. E não quero me esquecer daquela última chaga, que

mesmo depois de tu estares morto, rasgou à lança o teu divino e dulcíssimo coração, donde nascia a tua Igreja. Meu dia de aniversário começa a se contar daí.

Meditatio Secunda

"Oblatus est quia ipse voluit" (Ele ofereceu-se porque quis) (Is 53, 1).

O Senhor Jesus morreu na cruz não porque foi condenado por um tribunal humano, mas porque quis ser condenado. Queria salvar a humanidade, por isso sofreu livremente. E a salvou, soberanamente. Erramos se pensarmos que Ele precisa sofrer e morrer para nos salvar. Poderia salvar-nos completamente de outro modo, mas o que Ele fez não foi de sua vontade, Ele obedeceu ao Pai, porque este assim predispôs para que fôssemos salvos pelo seu Preciosíssimo Sangue derramado. E bastaria, como diz São Tomás de Aquino, uma só gota de seu sangue para lavar todo o pecado do mundo. E por ser Jesus infinito como Homem-Deus, bastaria só uma prece ao Pai para nos salvar. Mas o que seria suficiente para nos salvar não era suficiente pelo seu grande amor. Como amou os seus! Amou-os até o extremo, até o extremo, até o fim (Jo 13, 1).

Jesus, pela Vossa Sacratíssima Paixão, não nos abandoneis por causa de nossos muitos e tão grandes pecados, vós que pagastes por nós ao Pai um tão grande preço, vós que pregastes na cruz o documento de nossa condenação tornando-o inválido diante do Pai.

Meditatio Tertia

O mundo tem horror à dor, ao sofrimento, e só lhe interessa o poder, o possuir, o prazer. Mas Jesus deu-nos um programa de salvação que contraria todo esse programa do mundo. "Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e sigame" (Mt 16, 24). Este é o único que nos conduz à vida eterna.

Estamos muito longe de compreender a noção de pecado. Por isso, estamos muito longe de compreender toda a extensão da Paixão do Senhor Jesus. Lembremo-nos de que o pecado por nós cometido, por menor que ele seja, se cometido em consciência plena, constitui infinita ofensa que fazemos a Deus, porque Ele é o infinito. Mas, por ser infinito, infinitamente nos perdoa quando arrependidos.

Dobremos então os nossos joelhos diante da Eucaristia, Hóstia da Paixão do Senhor, diante de Jesus no seu Santíssimo Sacramento de Amor, Mestre que nos ensina sem erro, o caminho de nossa santificação, de nossa salvação eterna.

Meditatio Quarta

"Post biduum pascha fiet, et filius hominis traditur, ut crucifigatur". "Daqui a dois dias será a Páscoa e o Filho do Homem será crucificado" (Mt 26, 2).

Jesus prediz, ou melhor, determina com certeza que logo mais irá morrer e ser crucificado. Determina o tempo e amaneira em que vai morrer. Prediz e determina, porque livremente se entrega. Não é uma circunstância, uma coincidência de estar ali em Jerusalém, mas para ali subiu livremente para padecer e morrer. Ele é o Senhor do tempo como da eternidade. Não é nenhum ser humano que vai dispor seus atos e de sua vida, mas é Ele que dispõe de todos os acontecimentos de sua Paixão.

Adoremos o espírito profético de Jesus que assim se prepara para inventar os sacramentos amorosos da Eucaristia e de sua Paixão Redentora. Os seus lábios pronunciam a profecia mais bela e tão solene de toda sua vida, que está para entregar em benefício de toda a humanidade.

Só faltam dois dias. Ele sabia desde o primeiro instante de sua divina concepção quando iria sofrer por causa de nós e por causa da obediência a seu Pai. Daqui a dois dias; fará com os seus discípulos a última ceia, lavará os pés deles, instituirá a Eucaristia, ordenará sacerdotes para a sua Igreja, lhes dará seus últimos conselhos, fará uma longa prece sacerdotal; à noite, no Monte das Oliveiras, sofrerá a terrível espera à crucificação, e no seguinte dia morrerá na cruz, entre gemidos e brados.

Senhor do tempo e da eternidade, em cuja presença estão o passado e o futuro, a mim que me coloco constantemente presente diante de ti, não me preocupando com meu passado, nem com meu futuro, mas com meu presente constante, porque moras em mim com tua presença trinitária, nada mais me comove, nada mais me interessa, nada mais me preocupa, nem mesmo com minhas preces derramadas diante de Ti, meu grande Senhor. Porque as palavras já não respondem ao que mais Te quero dizer. Já não mais têm sentido. Já são ocas, destituídas daquilo que mais Te desejo falar. Então, prefiro quedar-me diante de Tua infinitude e divina grandeza. Nada mais pronunciar-te, qualquer palavra, nem mesmo uma prece, porque, para mim, és grande demais, e me envolves todo, todo o meu ser, conheces o mais recôndito dos meus pensamentos, das minhas palavras, antes mesmo de elas nascerem em minha inteligência, em meu cérebro. Por isso, permanecem mudas diante de mim, com estupefação, surpreso, suspenso, pendente diante do infinito que és Tu. Os fatos de meu tempo presente, considero-os como que necessários para saber, conhecer e interpretar o quanto acontece com meus irmãos de todo o mundo, é para amá-los a todos, dar-lhes o Teu perdão se Te ofendem, ajudá-los, por eles intercedendo diante de Ti, ser Moisés para

eles, para a obra que me deste a realizar neste mundo. Mas não quero me prender, apegar-me a ninguém deste mundo, a coisa alguma, pois, agrada-te um coração indiviso e isto quero ser para contigo, só para Ti, meu grande Senhor. Amém.

Meditatio Quinta

Ao mesmo tempo que Jesus, o Senhor, anuncia a Santa Eucaristia, anuncia igualmente a sua morte, dando-nos a entender que uma não se separa da outra: ao darnos Sua pessoa, Ele a dá como o preço de Sua própria vida, porque, na Eucaristia, quer estabelecer o memorial, a lembrança constante, dia e noite, pelos séculos, de sua Paixão, Morte e Ressurreição. Quem julga que, após o sacrifício da Santa Missa, cessa a Sua presença eucarística durante as outras horas do dia e da noite, esquece-se de que Ele quis exatamente o contrário: para que este alguém não pense que o Senhor, ao realizar tão grande mistério e milagre, tenha querido ficar cada dia só por um momento conosco, nele, em Jesus, em tudo quanto faz por nós, o faz sem limites de tempo, pois o Senhor Jesus, tendo amado os seus, amou-os até o fim. Tudo é grande no Senhor, e são sem limites o seu amor e a sua misericórdia, por isso Ele se chama Emanuel, "Deus Conosco". Seu prazer é estar entre os filhos do homem. E se pode assim estar pela Eucaristia, porque é Homem e é Deus, assim o fez.

Meu Senhor, assim o creio e assim Te adoro e Te amo, porque sempre assim a Tua Igreja-Esposa acreditou. Eu sei em quem depositei a minha fé, a minha esperança, não há parapsicologia, nem ciência deste mundo que me faça duvidar, sequer por um momento. Eu creio e amo, não serei confundido 'in aeternum'. Por isso, dobro os joelhos e Te adoro, Senhor do Céu e da Terra e de todo o universo, porque a Ti pertencem o poder,a glória a majestade, pelos séculos. Amém.

Meditatio Sexta

Apesar de o Senhor Jesus saber pela sua infinita sabedoria, pois Ele é a Sabedoria, que Judas, e através dos tempos, outros fariam milhões de comunhões sacrílegas, ofensivas ao seu divino coração, assim mesmo quis instituir o sacramento e o sacrifício de sua Paixão, constantemente atualizado pelos seus discípulos sacerdotes, fazendo acontecer a cada ato sacerdotal a continuidade da sua instituição eucarística e o memorial de sua Paixão, Morte e Ressurreição. O Senhor Jesus não renova esse mistério, mas o faz constantemente presente quando os seus ministros o fazem, na pessoa dele, dizendo e

fazendo o que ele mesmo fez quando ainda permanecia em sua vida mortal, e o continua fazendo, agora em sua vida imortal e gloriosa.

O Senhor Jesus vê, através dos séculos, infindas comunhões indignas, as Missas sacrílegas dos sacerdotes e as Missas negras oferecidas aos demônios, as traições dos seus amigos, iguais à de Judas. Ele vê o abandono em que O deixam no Sacrário os católicos e cristãos de todas as nações e de todos os tempos, a descrença da realidade de sua presença eucarística, quer nas Missas, quer no Sacrário. Vê o esfriamento da fé, em sua própria Igreja, além de teólogos, bispos e padres que ensinam diferentemente do que o Magistério da Igreja ensina, em todas as épocas e idades da história do cristianismo, inclusa a época em que vivemos, testemunhas que somos de tantos desvios doutrinários e morais.

Perdão, Jesus, pela defecção de Teus Apóstolos, de Teus discípulos, por tantas traições de todos os tempos, pelas heresias, pelos cismas. Perdão pelas almas do purgatório que ali se encontram, purgando os seus pecados de traições a Ti. Meu grande Senhor, livra-me de todos esses males, porque, Senhor, por tantas omissões de amor a Ti, deixei de cumprir os meus deveres de Apóstolo. Para onde irei, meu Deus e Senhor, se não me der e me voltar todo a Ti? Todo pecado, mesmo pequeno, é uma traição que cometo contra o meu grande Senhor. Prefiro antes a morte que realizar tal traição e ofensa. Para mim, tanto o pecado grave e o pecado leve, só há diferença de maior ou menor, mas é sempre ofensa e traição. Prefiro, meu Senhor Jesus, meu grande amigo, morrer do que Te magoar com qualquer um deles. Dói-me muitíssimo Te entristecer em qualquer falta de delicadeza contra o teu amor, contra a tua divina pessoa. A confidência que Jesus fez aos Apóstolos, a fez a mim também, por meio do Evangelho. Certamente, algumas vezes em minha vida, como os Apóstolos, também traí o meu Amigo e Senhor. Maria Santíssima, Mãe de meu Senhor e minha Mãe, alcançaime o perdão de todas as minhas ofensas e traições ao Senhor meu Deus.

Meditatio Septima

Et concilium facerunt "quómodo eum dolo tenerent et occíderente, timebant vero plebem". "E fizeram uma reunião para tramar como, em dolo, o prendessem e o matassem". "Mas temiam o povo" (Mc 14, 1; Lc 22, 2).

Não era a morte de Jesus a razão daquela reunião: isto já o queriam de há muito tempo; era o modo como fazê-lo matar. Assim deliberavam, no mesmo momento que o Senhor Jesus profetizava a sua Paixão e Morte, anunciando aos discípulos a forma de suplício que iria suportar: morte de cruz. Iria ser crucificado. Mas anunciava igualmente

a sua ressurreição, logo em seguida: depois de três dias. Os Apóstolos não queriam acreditar nisso. Pedro, em certa ocasião chegou até a se irritar contra Jesus, quando Ele lhes dizia isto. Porque era muito duro para eles ouvir toda a profecia.

Os que tramavam a morte de Jesus fingiam invocar a razão de que Ele devia morrer por causa de suas palavras que ofendiam a Deus, a Javé, e porque dizia que o Templo seria destruído, etc. As palavras de Jesus recriminava constantemente a hipocrisia de suas atitudes e discursos com que enganavam o povo simples. A morte que desejavam para o Mestre não era por causa da ofensa que o Senhor fazia à Lei, mas eram raivosos com as palavras Dele contra o modo de proceder desses "grandes", sob um jugo insuportável legalista. O que na verdade desejavam era assassiná-lo.

Meditatio Octava

O Sinédrio, parte 1:

O Sinédrio ou Grande Conselho dos Judeus era Corte Suprema de Justiça, à semelhança do nosso Supremo Tribunal de Justiça, civil, enquanto o Sinédrio representava o civil e o religioso entre os judeus. Diferenciava-se da Corte de justiça dos Romanos, no caso, de Pilatos, que não se detinha em casos religiosos dos judeus. Compunha-se o Sinédrio de 71 membros. Normalmente, o presidente era o Sumo Pontífice. O grande Conselho distribuía-se em três câmaras, de 23 membros cada uma: 1) a câmara dos Pontífices, composta só de judeus sacerdotes; 2) a câmara dos Escribas, composta de levitas e homens leigos, versados nas Sagradas Escrituras; 3) a câmara dos Anciãos, composta de homens influentes e respeitados de toda a nação.

Naquele momento histórico do tempo de Jesus, havia dois presidentes como Sumo Pontífices: Anás e Caifás, perfazendo o Sinédrio 71 homens.

A maioria deles, assim colocados no alto das decisões nacionais de Israel, estava raivosa contra Jesus. Ele os humilhara várias vezes diante do povo, apontando a soberba e hipocrisia desses homens, que

colocavam nos ombros do povo um peso tão grande, que eles mesmos não levavam, que fingiam fazer jejuns e longas orações só para serem vistos como santos pelo povo. (cf. Mt 6, 16; 23, 4.14)

Meditatio Nona

Jesus esperava dois momentos de sua vida com muito desejo; se não fosse nem pecado, nem imperfeição, Jesus esperaria esses dois momentos ou dois acontecimentos "com impaciência": a instituição da Eucaristia, que a um só tempo se daria em alimento

e em presença contínua entre os homens, e o momento de ser crucificado e morrer pela nossa redenção e salvação.

O seu próprio nome indicava esse último momento: Jesus, Ieshuá: Javé salva, Javé Salvador. Ele já nos profetizava o terceiro momento, e este era glorioso: a ressurreição.

O momento e o fato de sua ressurreição, o mais importante para a nossa fé, não era o mais importante para Ele próprio, que era eucaristizar-se e morrer pelo nosso resgate.

"Eu desejei com imenso desejo comer esta Páscoa com vocês".

A firmeza com que Jesus profetiza sua morte, se olharmos só da parte de homens que o iriam condenar à crucifixão, que eram livres na escolha de o matarem ou não que, já não procede senão da divindade de Jesus. Só Deus conhece de antemão o que os homens livremente irão executar.

"Sabeis que daqui a dois dias será a Páscoa, quando então o Filho do Homem será traído para ser crucificado" (Mt 26, 2). Esta profecia realiza-se exatamente assim.

Por que o Senhor falou assim aos Apóstolos? Porque, quando acontecesse tal escândalo aos olhos de todos, eles seriam confirmados na fé, logo após a defecção, logo após a fuga e deserção. Após a ressurreição, e depois de terem levado tão grande susto, compreenderam tudo o que o Senhor lhes havia dito antes de morrer. O Espírito Santo lhes fizera entender toda a verdade.

Meditatio Decima

O Sinédrio, parte 2:

Jesus anuncia e profetiza o momento de sua morte e a qualifica: morte de cruz, logo daqui a dois dias. Enquanto assim Ele fala e marca momento, o grande conselho dos Judeus também vota pela morte e crucificação de Jesus. Este grande Conselho não se reuniu nessa ocasião para decidir sobre a morte de Jesus. Isto já tinha sido decidido há bom tempo. O conselho agora só se reúne para decidir qual o momento e os meios que irão empregar para matar o Senhor.

Primeiramente, como prendê-lo, a quem assalariar para isso e outras mais providências.

"Non in dia Festo". Não no dia da Páscoa, é perigoso para o Sinédrio; pode haver tumulto: "ne forte tumultus fieret in populo" (Mt 26, 5). Esse homem que tanto humilha tais judeus nem merecia uma condenação em regra. Valia tudo, de qualquer maneira, de qualquer jeito que acontecesse, mas que não causasse tumulto entre o povo e contra eles.

Algo bem sumário, rápido. Essa conspiração acontecia à noite, contra todas as regras, na casa de Caifás, o Sumo Pontífice daquele ano.

"Et concilium facerunt quomodo eum dolo tenerent, et occiderent" (Mc 14, 1): E fizeram uma reunião para tramar de que modo, com dolo, o prendessem e matassem. Com dolo.

Em Português se usa a mesma palavra que o Latim. Na expressão jurídica, o crime com dolo é mais grave, e a pena é bem maior porque supõem intenção proposital de fazer algo de mau; intencionalmente passar por cima da lei, violando-a, quebrando-a maldosamente.

Assim fez todo o Sinédrio, se bem que, posteriormente, alhures o Evangelho diz que alguns não tinham concordado com essa decisão do Grande Conselho (José de Arimateia, Nicodemos...). Várias vezes, Jesus escapara das mãos daqueles judeus, mas dessa vez Ele não escaparia, porque iriam usar de dolo, enganando a uns e assalariando outros. O ressentimento era tanto entre eles, que não queriam apenas colocá-lo em prisão perpétua, mas matá-lo de uma vez, para que não mais viesse perturbar. Vocês não entendem nada, disse-lhes Caifás, é preciso que um só homem morra por toda a nação. O Evangelista anota que o Pontífice não dissera tal frase por si mesmo, mas, como era o Sumo Sacerdote daquele ano, fora o Espírito Santo que o dissera pela voz daquele homem. Coisa estranha! O Espírito Santo dizendo um oráculo sobre Jesus, usando "aparentemente" de um homem pecador. Mas ele era autoridade. E Deus sempre respeita a liberdade que dá à Autoridade, seja de um governo civil, seja de um governo religioso. No caso, esse homem detinha ambos esses poderes entre os judeus. Assim, podia decretar a morte de alguém dos judeus, ainda que os judeus estivessem privados, por Roma, de declarar penas de morte.

Mas, esta era a vontade do Pai. Caifás era o depositário da autoridade divina.

"Introivit autem Satanas in Judas... abiit ad summos sacerdotes, ut proderet Iesus illis.Et locutus est... quemadmodum illum traderet eis. Qui ...et promiserunt ei pecuniam... At illi constituerunt ei triginta argenteos. Et spopondit, [...] traderet illum sine turbis" (Mt 26; Mc 14; Lc 22).(Entrou Satanás em Judas... foi ter com os principais sacerdotes para lhes entregar Jesus. E tendo falado... sobre como lhes entregaria a Jesus e lhe prometeram dinheiro. E pagaram-lhe trinta moedas de prata. E concordou [...] para lho entregar sem tumulto).

Meditatio Undecima

Era uma tardinha da semana. Essas conversas davam-se às tardinhas, ou às noitinhas desses dias, antes de sexta-feira, antes da preparação do dia sagrado daquele grande sábado, da Páscoa dos judeus.

O grande Conselho também, ao mesmo tempo, preparava o assassinato de Jesus para logo depois da Festa! "Non in die festo, ne forte tumultus fieret in populo" (Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo). (Mt 26, 5). Mas acontece um imprevisto. Um discípulo de Jesus foi se oferecer para ajudá-los a prender o Mestre, por meio de uma traição, numa emboscada. Eles não podiam de jeito nenhum perder essa oportunidade, mesmo que acontecesse pelos dias da Páscoa. Preferiam correr o risco do tumulto do povo a largar mão desse oferecimento. Só um discípulo de Jesus poderia fazê-lo, de tal sorte que tudo desse certo e rápido. Quem melhor do que um traidor, um dos discípulos desse homem, que conhecia de perto os costumes dele, para não levantar suspeitas? Quanto ao povo, dariam um jeito de controlá-lo, ou mesmo até poderiam ajudá-los a levar Jesus à morte, com incitações, pragas, mentiras, falsas acusações...

"Intravit autem Satanas in Judam..." (Lc 22, 4). E Satanás entrou em Judas! Frase terrível e mais terrível ainda o que expressa. Entrou, e não saiu mais. Entrou também Satanás em Pedro, mas saiu, não ficou. Ambos traíram o Mestre. Ambos se arrependeram... Judas, o traidor desesperado. Pedro, traidor perdoado. Para Judas, um final infeliz. Para Pedro, um final glorioso. E ambos foram traidores, pecadores. Jamais nos desesperemos de alcançar o perdão; a salvação, a coroa de glória, nos está reservada se formos encontrados fiéis. Para trair Jesus, Judas fez uma proposta ao Conselho dos Judeus: "Quid vultis mihi dare, et ego vobis eum tradam?" (Mt 26, 15), "O que quereis dar-me para que eu lhes entregue?". Então, entraram em negociação. Acertaram tudo pelo valor de compra e venda de um escravo: trinta moedas de prata. Estava selada a morte de Jesus. A diferença entre o pecado de Judas e o de Pedro estava na intenção. Judas urdiu a traição intencionalmente, em dolo; Pedro, ao negar que era discípulo de Jesus e que andava com Ele, diante de uma simples empregada, foi de pura fraqueza diante do testemunho que devia dar. Não passara por sua cabeça mentir. Traiu porque estava todo confuso. O Mestre, que tantas vezes se saíra bem, por que deixou-se agora enredar? Ele, que podia tanto, como se deixara prender tão facilmente?

Ó meu Senhor Jesus, quantas vezes eu, Gilberto, fiquei também confuso com Tuas atitudes comigo. Por isso errei, pequei, mas, pela Tua graça e misericórdia, aquela que usastes com Pedro, também Tu usastes comigo. Por isso, chorei; por isso, de novo, Te encontrei.

Ao passares pela janela de minha vida, me dirigistes o Teu olhar, enquanto Te levavam de um interrogatório a outro. E eu fiquei confuso. Como podia ser? Tu, Senhor, vilipendiado tanto assim? E eu tive vergonha de me apresentar diante dos homens, sem algo que me distinguisse dos outros, com medo de me reconhecerem como discípulo Teu?

Quantas vezes disfarcei a minha condição de sacerdote, ou não Te servi nos meus irmãos, com medo e até vergonha de ser de Tua amizade e companhia? Perdoa-me, querido Senhor, perdoa-me, a mim, que tanto Te traí! Mas, Tu sabias que isso acontecia, não porque deixasse de Te amar, mas por causa de minha grande fraqueza. Por isso, me perdoaste com Teu olhar carinhoso, e por isso, me atraíste de novo a Ti. Exclamo com Santo Agostinho: "Oh, beleza tão antiga e sempre nova, tarde te amei, muito tarde te amei!". Se eu conhecesse, meu Senhor, os dons de Teu Espírito que hoje recebo por meio da espiritualidade da RCC (Renovação Carismática Católica), que há apenas nove anos Tu me deste conhecer e apreciar, quanta omissão deixaria de haver em mim, nos meus trabalhos pastorais, apostólicos, evangelizadores, quantos trabalhos afanosos teria trocado por outros que mais salvassem pessoas e as atraíssem só para Ti, para a glória do Pai, pelo Reino. Quanta vaidade em tudo o que fiz, quanto desvalor, quanto tempo desperdiçado. Se não de todo inúteis esses trabalhos, pouco acrescentaram para minha santificação pessoal e da comunidade a quem pensava servir tão bem! Agora vejo, Senhor, que em muita coisa mais era Eu que Tu, mais era a minha pessoa que fazia, do que a Tua divina pessoa que eu tentava atrair. Agora, Senhor, também exclamo com Santo Inácio de Antioquia, quero ser o trigo de Deus, para ser triturado pelos dentes das feras, para me tornar hóstia para a salvação de muitos, sobre o meu altar de cada dia, na Santa Missa. Diariamente, me ofereço contigo como vítima ao Pai, porque não posso fazer menos do que isso, porque assim Te ofereço no Sacrificio, e eu devo identificar-me contigo nesse oferecimento cotidiano, para o Reino, para o bem de meus irmãos e irmãs. Medito a Tua Paixão, e quanto mais a medito e contemplo, mais vontade me dá de assim me oferecer. Pelos meus, pela Obra⁹⁴ que me deste realizar, já no fim, com meus cabelos brancos, já sem forças, até o fim. Deixa, Senhor, que esta candeia se consuma até se esgotar todo óleo, para Te dar o máximo a Ti e a meus irmãos, as minhas irmãs, aos filhos e filhas que me deste já na velhice. Cumulaste-me, Senhor, com uma infinidade deles, que me prolongarão pelos séculos, no ser religioso e sacerdotal, com que me ornastes desde muito tempo. É-me sumamente aprazível, e eu Te bendirei eternamente. Meu corpo não ficará inerte, mas sempre Te dará glória e santificação para meus irmãos e irmãs. Eu Te digo, Senhor, como Santa Terezinha, que passarei meu Céu fazendo o bem na Terra, para todos. Continuarei a dar testemunho para o teu louvor, através das gerações.

Meditatio Duodecima

Judas, o traidor:

"Que quereis dar-me para entregá-lo a vocês?", propôs Judas ao Sinédrio. Ele não pensou em "explorar" o Conselho pelo grande valor daquela importante mercadoria. Qualquer coisa serviria. Se assim o quisesse, os judeus lhe dariam toda a riqueza do Templo, todo o seu tesouro em razão do valor daquela oferta. Judas, parece, não estava tão interessado propriamente no dinheiro, mas em algo diferente do valor da pessoa que desejava entregar. Que seria? O que passaria pela mente de Judas, para dar tão pouco valor àquela preciosa transação, ele que, conforme o Evangelista, era o que detinha na mão a economia do grupo e, como diz o Evangelista, era ladrão, pois tirava da bolsa comum o que queria?

Algo mais do que o dinheiro detinha a sua mente tenebrosa. Quando durante a Ceia do Senhor Jesus lhe entregou a Comunhão de seu corpo e de seu sangue, anota o Evangelista, Judas logo se retirou daquele lugar, como de repente. Isso foi notado por todos os Apóstolos. Até pensaram que ele assim se retirava para ir comprar alguma coisa para os pobres. E o Evangelista anota: era noite! Essa precisão do tempo tinha a ver com o mistério: trevas exteriores. Por que sair assim tão fora de costume? À noite? Parecia ao Evangelista algo estranho. E era. Havia, no coração de Judas, muito ódio daquele grupo de discípulos de Jesus. E o próprio Mestre lhe parecia o pior deles. Parecia romper com aquelas amizades.

Já não lhe convinha mais. Os ensinamentos do Rabi, as suas colocações e regras de vida e de comportamento não lhe eram suportáveis, nem convenientes a seus intentos, ao que ele procurava, e ao fim que se propunha. Pensaria que aquele Mestre iria fazer uma sublevação, alguma guerrilha, salvar a nação do jugo romano? Muita coisa era possível que esperasse da chefia do Senhor! Entretanto esse homem só falava em sofrer, que iria morrer numa cruz, coisas de louco, incompreensíveis.

Não dava mais para continuar com aquele grupo, com aquela companhia. Qualquer coisa que lhe dessem serviria. Por dentro, ele não se entrosava mais, andava meio de lado, não defendia mais a causa de Jesus. Havia tempo que já não se sentia do grupo. Estava na hora, na hora certa de acabar com Ele e com eles. Não era, pois, o dinheiro que mais lhe interessava ao entregar o Chefe. Era a doutrina do Mestre e seu modo de agir. Por isso, espanta-nos a todos, e em todos os tempos, Judas ter dado tão pouco valor a tão preciosa mercadoria, tão desejada pelos chefes dos judeus e tão odiada por eles, que em troca dariam ao traidor todo o tesouro do Templo. Dar a Judas só trinta dinheiros, valor do preço de um escravo, era só para selar um compromisso para não se romper um contrato. Mas como o demônio entrara no coração de Judas, feito o negócio, traído e já entregue o prometido, preso a quem tanto pretendia prender, tudo estava terminando. Arrepende-se, mas era tarde. Não há volta possível, o Sinédrio não cede, não volta atrás. Judas, vendo o que fez, sai, joga o preço de sangue no Templo, e vai dar fim à vida. O

demônio não lhe permitiu arrepender-se e voltar ao Mestre. Entrou no coração de Judas o desespero. Julgou que para ele já não adiantava o arrependimento e buscar o perdão junto ao Mestre. Entrou em demência. Enforcou-se. Fim, fim?...

"Um dos doze". Jesus o amava. E o amava com predileção. "Nonne ego vos duódecim elegi?" Não vos elegi os doze?(Jo 6, 70). Tinha-o encarregado de um santo e confiante ministério entre os doze, de ser o ecônomo daquele pequeno grupo de eleitos pessoalmente por Cristo. Não lhe faltou a confiança do Mestre, nem a sua escolha preferida. Quem entrega a alguém tal encargo, é porque confia de modo especial. Talvez fosse a inteligência de Judas e o seu jeito de fazer as coisas, de forma a entusiasmar as pessoas.

Com certeza foi por isso que o grupo também o elegeu para tal tarefa. Fosse talvez por se achar esperto e inteligente, que teve a cobiça desperta? A partir daí começou o erro, tanto que os Apóstolos começaram a perceber que ele estava desviando o dinheiro, as economias da Comunidade.

Meditatio Tertia Decima

Pedro arrependido:

Um lugar, entre os doze, ficou vazio. No momento, nenhum dos discípulos pensava nisso. O Mestre estava preso e o seu fim parecia iminente. Na ocasião do beijo traidor de Judas, no Horto das Oliveiras, naquela madrugada cheia de agonia para o Mestre, os discípulos, vendo-o preso, fugiram para todos os lados, espavoridos. Dois, porém, não ficaram muito longe, espreitando mais de perto o que iria acontecer com o Senhor, como iria acabar aquele horror que viam começar a acontecer. Um deles, João, o discípulo que amava e era amado pelo Mestre, aproveitando da amizade que tinha com alguns que prenderam Jesus, pôde participar e até como que tomar parte naqueles acontecimentos, os quais nos relata em seu Evangelho. Detalhes que só podia contar quem acompanhasse bem de perto o que ia acorrendo naqueles tribunais que acabariam condenando o Senhor, para morrer na cruz. Chegou até a pedir a alguém que deixasse seu amigo Pedro a entrar no pátio, outro discípulo que também ficara ali por perto para ver o fim do que estava acontecendo.

Foi um favor inesperado, e mais inesperadas as tentações em que Pedro iria sucumbir por três vezes. Por três vezes iria afirmar, até com imprecações, que não conhecia aquele homem que estava sendo julgado como sedicioso. Tal era a sua confusão mental e espiritual, que negara conhecer o Mestre diante de perguntas de simples moças, empregadas de casa. Tremia, por causa do frio daquela madrugada, e por causa dos

arrepios de medo de ter perdido aquele em quem depositara a confiança de sua própria vida. Chegara a dizer ao Mestre que sempre O defenderia. Chegou até a mostrar-lhe espada que iria usar se alguém se atrevesse a atentar contra a vida de seu Mestre. Na cena da traição, chegara até a esboçar uma defesa do Mestre, cortando a orelha de um servidor do Conselho que viera, com outros, a prender Jesus. O Senhor o detém, não deixa. Não deve usar da espada contra ninguém para defendê-lo. Uma legião de anjos o poderia fazer, num instante. Mas não era essa a vontade do Pai. A confusão de Pedro começa aí. Não dava para entender o Mestre. Nessa confusão, começou a negá-lo. Afirmaria, então, que não era de sua amizade, nem de sua companhia. O Mestre passava por uma janela do corredor da Casa do julgamento. Pedro olhava o Mestre passando preso e com as mãos atadas. E o Mestre olha para Pedro ainda no pátio. Esse pormenor só é contado por Lucas em seu Evangelho. Foi quanto bastou para Pedro. O olhar do Mestre, naquele estado, golpeou terrivelmente o coração do discípulo. Saiu dali para chorar convulsivamente o seu pecado, de tê-lo negado três vezes. Naquele momento, o galo cantou. Esse canto lembrava-lhe, dolorosamente, a profecia do Mestre.

Paro por aqui, porque não dá mais para continuar.

Essa passagem me toca muito fundo no coração.

Por que teria Lucas feito essa observação? Entretanto, foi o momento da graça do Senhor para Pedro. Não o seria também para mim, que tantas vezes, muito mais que três, neguei o Mestre, o meu Senhor?

Agora, Jesus, sei que sempre me amaste! Porque o teu perdão é muito generoso. Pela Tua misericórdia, correspondia até hoje a este amor irreprimível. Dá-me, Te peço, a perseverança até o fim.

Meditatio Quarta Decima

O Mestre, naquela noite estranha, acabou de ser vendido. E aquele também estranho negócio foi fechado com um beijo. Era o selo com que se fechava aquele comércio de compra e venda. Noite, realmente, muito estranha! Ao começo dela, à noitinha, o Mestre deixava-se ficar para sempre entre os homens, eucaristizando-se no pão e vinho consagrados, transubstanciados no seu corpo e sangue. Houve, do momento da Ceia, passando pelo julgamento e pelos ultrajes dos soldados, e culminando na crucificação e na morte do Senhor, um tempo que parou na história, e continua parado até a consumação do mundo. Porque esse tempo não é repetido, não há uma sucessão de tempos igual àquele, pois continua o mesmo para sempre.

Cada sacerdote e cada fiel que hoje participa daquela imolação para no quadro da salvação como participante atual do acontecimento. A Santa Missa não é a repetição dessa cena. O fato é irrepetível. Estamos todos, a humanidade inteira, todos nós participando dos dolorosos acontecimentos da negação, da vendição, do julgamento, do flagelo, da coroação de espinhos, do carregar da cruz, da pregação dos cravos, do levantamento do madeiro, das palavras pronunciadas, do abandono torturante divino, da morte, do descanso da cruz, do acolhimento de braços maternos de um filho crucificado, do sepultamento, da ressurreição, da ascensão, e do Espírito derramado sobre o mundo. Uns de um lado, fiéis, outros, de outro lado, infiéis. Afinal, não era Ele, para o mundo, e sempre o será, um sinal de contradição, uma pedra de tropeço, a bênção e a maldição, para uns e para outros? Realmente, um estranho mistério! E realmente, não dá para entender, com a nossa finita inteligência. Vamos nós agradecer a Deus que nos tornou fiéis, por uma pura bondade e misericórdia de seu amor. Vamos, não tenhamos medo, mas coragem e perseverança, pois somos chamados em Cristo a uma herança eterna, a herança que é o próprio Pai celeste.

Meditatio Quinta Decima

"Súrgite, eámus hinc...". Levantai-vos, vamo-nos daqui. (Jo 14,31) "Egressus est cum discipulis suis" Saiu juntamente com seus discípulos (Jo 18, 1).

Terminara o Senhor de lavar os pés de seus discípulos e de fazer uma profunda oração sacerdotal, dirigida ao Pai: por si, pelos seus e por toda a sua Igreja e todos os tempos. Pelos que ali estavam e por todos os que, no futuro, iriam crer em suas palavras e o seguiriam.

Mas, antes de sair do Cenáculo para sofrer a sua Paixão, deixara-se ficar no mundo e viver entre os homens, vivo, sempre vivo, real, atuante e presente na Eucaristia. Deixava-se permanecer, na sua Igreja, como pão para alimentá-la e como vinho por dessedentá-la e dar-lhe forças contínuas e vida saudável até o fim da história humana. Dava-se como alimento e bebida eucaristizados. Fazia-lhe mais ainda, a fim de que essa Eucaristia, que era a sua presença corporal e viva, permanecesse constantemente. Pelos séculos, desde o início e até o fim da história, Ele continua conosco, ao nosso lado, não como alguém que se foi e só está Vivo e glorioso à direita do Pai, mas entre nós, que, após a celebração da Santa Missa, podemos continuar convivendo com Ele, durante todos os dias, vinte e quatro horas por dia, constantemente. Assim a Igreja acredita e adora, encerrado no Sacrário. Pois a lei de crer é a lei de orar, como a lei de orar é a lei de crer. Alguns teólogos dizem que, após o sacrifício da Santa Missa, o Senhor só se

torna presente enquanto durar o sacrifício. Por que aceitar essa pretensão e deixar de crer o que a Igreja ensina e crê? Como o Senhor se "desfaz", uma vez tornado presente?

Ó Senhor, eu Te adoro presente no Sacrário! Creio como crê a Santa Igreja. Amém.

Meditatio Sexta Decima

Cenáculo! Assim chama a Tradição da Igreja o lugar onde Jesus, tendo lavado os pés de seus discípulos, instituiu a Eucaristia. A casa que Ele escolheu para passar a última ceia com seus doze seguidores com certeza não é a que hoje se costuma visitar na cidade de Jerusalém. Para nós, católicos, é uma decepção muito grande ver uma sala tão pequena e tão desprovida de móveis e adornos. A mim, pessoalmente, foi-me estranho vê-la tão "desqualificada" daqueles sentimentos que nutrimos pela Santa Eucaristia. É verdade que muitos séculos se passaram e as coisas não podem ser as mesmas do que foi naquela memorável noite em que o Senhor Jesus realiza os dois maiores atos de sua vida toda: deixar-se ficar presente e continuar vivo e já ressuscitado, no pão e no vinho eucaristizados. Esse é o primeiro ato de uma realidade que perdurará enquanto a história do homem sobre a terra perdurar. O segundo ato acompanhará também o precedente: a do sacerdócio. Aqueles doze sacerdotes, doze bispos deveriam perpetuamente, por meio de seus sucessores, fazer o mesmo que Jesus fizera: "Hoc facite in meam commemorationem" (Fazei isto em memória de mim). Assim como ele disse: "Hoc est corpus meum, hic est cálix saguinis mei" (Este é o meu corpo) (Mt 26, 26), (este é o cálice do meu sangue) (cf. Lc 22, 20), assim disse: Fazei isto mesmo por mim. Na verdade não eram dois atos, mas um só, um não podia subsistir sem o outro. Esse mesmo ato continua até sua morte na cruz. São momentos de um só ato: Eucaristia, sacerdócio, Paixão de morte e de ressurreição. Igualmente continua um só ato até o fim do mundo, sem interrupção, pois as coisas dentro do tempo só podem ter existência se reduzidas uma após as outras. Só na eternidade as coisas permanecem sempre presentes e vivendo imutáveis.

Meditatio Septima Decima

"Et hymno dicto" (Dito o hino) (Mc 14,26). "Et egressus ibat secundum consuetudinem in monte Olivarum. Secuti sunt autem illum et discipuli". (E, saindo, foi, como de costume, para o monte das Oliveiras; e os discípulos o acompanharam) (Lc 22, 39).

Após a ceia da instituição da Eucaristia e do Sacerdócio, e depois de todos terem dito, rezado e cantado o Grande Hallel, Salmos de ação de graças pela Festa da Páscoa, não sem antes ter o Senhor feito aos discípulos a sua Oração sacerdotal, saíram todos, já à noite, atravessando a pequena torrente do Cedron, a continuar as orações no horto da colina das Oliveiras. Jesus costumava recolher-se ali para rezar ao Pai, e talvez descansar um pouco. Esse sítio, em que várias árvores de oliveiras já há tempos existiam, e que até hoje, após dois mil anos, ainda perduram vivas e dão frutos, com muita probabilidade pertencia a um de seus discípulos. Como Jesus ia lá com frequência, Judas conhecia o lugar. E foi aí que, acompanhado pelos esbirros dos adversários, o traidor O entregou às autoridades do Sinédrio.

Meditatio Duodevicesima

Muito, através dos séculos, se escreveu sobre as orações, sofrimentos e agonia do Senhor, daquele dia, daquela madrugada, que precedia à prisão, condenação, Paixão e morte de nosso Salvador Jesus Cristo. Páginas — profundamente comoventes, enternecedoras e mesmo literárias — foram escritas para nós, os pósteros, acerca dessa tremenda Paixão do Senhor, antecedentes à morte da cruz. Faz parte da meditação e da contemplação dos fiéis devotos que rezam o primeiro mistério doloroso do terço e rosário de Nossa Senhora.

A poucos é dado compreender em profundidade o grande mistério da oração e da agonia do Senhor no Horto das Oliveiras. A poucos é dado contemplar e sofrer com o Senhor tão grande dor. Só para as almas místicas escolhidas isso é possível, ainda que uma multidão de pessoas santas consigam aprofundar-se e viver tão grande sofrimento do Senhor Jesus. Acredito que as torturas que Jesus sofreu, todo o tempo, pregado na cruz equivalem ao seu sofrimento durante as horas passadas na Agonia do Horto das Oliveiras. Foi tão terrível como na cruz.

Diz Marcos que ali o Senhor começou a passar terror e pavor, a ponto de suar sangue que escorria pelo chão. De tão grande pressão de pânico psicológico quase talvez não se tem notícia na história humana. Na cruz igualmente Ele dizia: "Pai, por que me abandonastes?" (cf. Mc 15, 34). Aqui Ele diz: "Meu Pai, passe de mim esse cálice, mas, faça o que queres"! (cf. Mc 14, 36). Também, ocorre-me dizer que, em ambas as situações, não era apenas um homem que sofria terrores ou que sofria as angústias de uma crucificação. Outros homens também sofreram terrores e foram crucificados, e talvez com o sofrimento de dores semelhantes. Só que, entre esses homens e Cristo, havia um infinito que sofria, e, consequentemente, eram infinitas a diferença e a dor:

Deus, como Homem, sofria dor e humilhação infinitas. Um homem é um homem, mesmo sofrendo o máximo, mas de modo finito. Um Deus e homem, sofrendo dores e humilhações, não há comparação possível. Por isso, Ele é o único na dor. Por isso, é nosso Redentor.

Meditatio Undevicesima

Jardim das Oliveiras. Um jardim, um horto. Não sei bem por que na língua portuguesa aquele local dos sofrimentos de Cristo, na noite da sua Paixão, tomou esse nome de "jardim", de "horto", substantivo que, para nós ou para aqueles que sentem e vibram com as belezas da natureza e da graça, forma acordes nas profundezas do próprio ser.

Hoje sou velho e, como diz o salmo, "com meus cabelos brancos". Ainda agora, como nos tempos de juventude, tais palavras, como tantas outras, possuem o condão de me encantar e enlevar. Por que teria o Senhor escolhido um jardim, um horto, para sofrer os começos de sua Paixão redentora? Por que um jardim? Por que estava perto do Cenáculo ou já conhecia o lugar? Por que estava acostumado a ir lá frequentemente para orar? Certamente, essas eram as razões. Ou para reparar as culpas havidas em outro jardim, o jardim do Paraíso, o Éden, em que nossos primeiros pais prevaricaram, de modo que outro jardim de sofrimentos suplantasse aquele jardim de delícias, amargando condenações justas e injustas, em contraponto ao pecado e sua reparação. Quem poderia reparar tão grande culpa? Outro homem? Sim, mas também Deus. Só alguém igual a Deus, para estar à altura de reparar tal ofensa. Só um igual para aceitar reparação igual. Jardim! Horto! Que contradição! A delícia tornada amargura. Amargura que se torna de novo delícia. Éden transformado em Getsêmani, e que por sua vez transforma-se em Éden de nossa eterna salvação.

Adoro a Sabedoria infinita de Jesus, que molha de sangue a terra de minh'alma para fecundá-la de forças e virtudes e um dia transplantá-la carregada de frutos para o jardim da feliz eternidade. São quatro horas da madrugada, ao lado do sacrário. Ele está aí, tão junto de mim a escrever sobre os joelhos, a adorá-lo vivo em mim. Poderia viver e orar em melhor jardim? Estou "hortus conclusus" (jardim fechado).

Meditatio Vicesima

Horto das Oliveiras! Jardim! Jardim do Paraíso e jardim do pecado. Horto! Horto do sofrimento. Horto da Igreja. A Santa Igreja, um jardim de delícias de santidade e de fraquezas, pecados. Estou inserido, vivendo um tempo de grandeza e baixeza. Em extremos de graças e de pecado. Como, em um só espaço de minha vida, desde que me conheci na luz da razão até hoje, vi um mundo cheio de amor e de ódio! Todos os que amamos o Senhor andamos confusos, nada entendemos do que se passa. Há choques constantes em nosso espírito de emoção e comoção. Deus é tantas vezes ofendido! Também é tão amado e louvado. O seu Espírito Santo está em nós e experienciamos constantemente o Senhor. E vamos de esperança em esperança, de "spe in spem", até que saia para nós o Sol de Justiça.

"Os meus olhos, noite e dia, chorem lágrimas sem fim, pois sofreram um golpe horrível: foi ferida gravemente a virgem filha do meu povo!" Se eu saio para os campos, eis os mortos à espada; se entro na cidade, eis as vítimas da fome! Até o profeta e o sacerdote perambulam pela terra sem saber o que passava. Por que feristes o vosso povo de um mal que não tem cura? Esperávamos a paz, e não chegou nada de bom; e o tempo de reerguer-nos, mas só veio o terror! Conhecemos nossas culpas e a de nossos ancestrais, pois pecamos contra vós! Por amor de vosso nome, Ó Senhor, não nos deixeis! Não deixeis que se profane vosso trono glorioso! Recordai-vos, ó Senhor, não rompais vossa Aliança!" (Jr 14, 17-21).

Meditatio Vicesima Una

O pecado transformou o jardim do paraíso em Getsêmani. Para que a culpa de Adão e de todos os seus descendentes fosse banida do ser humano, era preciso um decreto de Deus, do Pai das Misericórdias, determinando a seu próprio e único Filho que, pelo sacrifício de sua vida em morte de cruz, lavasse em seu sangue em banição da culpa. Diz a Escritura que, pela obediência do Filho de Deus, feito homem, fosse lavada a desobediência de Adão. Deus Pai foi ofendido pela desobediência. O homem por si só não podia reparar tão grave ofensa. Só "um outro deus" igual em substância e poder a Deus Pai poderia dar igual reparação de tão grande pecado de ofensa. Deus Pai, cujo nome é Amor, cuja substância de si próprio é só Amor, deu a chance ao homem para ser reabilitado: Enviou seu Verbo, sua Palavra, igual a Ele em substância divina, para que se encarnasse no seio de uma Virgem, se tornasse Palavra feita Carne, para redimir toda carne, toda a humanidade. "Et Verbum Caro Factum est! Mirábile Mysterirum! (E o Verbo se fez carne. Mistério Maravilhoso).

E feito Homem, se fez também Eucaristia, Pão vivo para sustentar o homem, para que este não voltasse a pecar. Em Jerusalém há um jardim cuja idade de existência vai além de milhares de séculos. Chama-se, ainda nos dias de hoje, de jardim Getsêmani. Nós, cristãos, temos-lhe em imensa consideração. É o mais precioso desta Terra. Ali, orou e agonizou o Senhor do mundo, antes de padecer o suplício da cruz. Para dois bilhões de cristãos, de várias confissões, é um lugar de extrema consideração e veneração. Pela grande misericórdia do Senhor, lá estivemos. Olhando, com admiração e profundo respeito, para aquelas oliveiras nodosas de centenas de anos, nós as mesmas testemunhas mudas, mas a viver sempre viridantes, da grande Paixão de Jesus.

Sei que aqui, no Brasil, em certo lugar, uma pequena muda trazida de lá e plantada pegou raízes e já é um quase arbusto. Quando tivermos um chão próprio para o nosso Seminário Maior, se puder, faremos o mesmo, a fim de que muitos jardins de dor e de amor se espalhem por nossa terra, aqui e alhures. Os sofrimentos de Jesus, no Horto das Oliveiras, constituem algo indizível, não se podem expressar devidamente.

Até mesmo o Pai manda-lhe um Anjo para O confortar e sustentá-lo na tentação. Talvez, tentação de tudo abandonar, fugindo dali, fugindo à própria crucificação e seus tormentos. Mas diz a Escritura, talvez também, para não sucumbir a tais tentações, que apesar de o Anjo querer confortá-lo, Jesus rezava em maior intensidade.

27.02.98

Meditatio Vicesima Secunda

"Iesus dixit discipulis suis: Sedete hic donec vadam illuc, et orem".(Jesus disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar) (Mt 26, 36).

Amo muitíssimo contemplar o Senhor Jesus no horto da dor, Horto das Oliveiras. Talvez sejam reminiscências da infância, da adolescência, do Seminário Menor... quando olhava alguns quadros que assim O representavam. Como um que trazia Jesus sentado num muro, sob doce luar da noite, olhando a cidade Santa de Jerusalém, cidade cujos habitantes em dado momento lhe gritariam que fosse crucificado. Jesus ora, suplicando ao Pai, em dolorosa prece, ajoelhado, com os braços sobre uma pedra, no Horto das Oliveiras. E quantas vezes eu peço ao Pai que Ele faça coincidir minhas preces com as que o Senhor Jesus Lhe dirigia, dias e noites inteiras, em toda a sua vida na Terra. Que o Pai me permita, é o que ardentemente desejo, que eu não reze a não ser as orações de Jesus a ele dirigidas. Para que sejamos um com Jesus, e com o Pai, no seu Espírito Santo.

"Para que eu vá, ali mais adiante, para orar" (Mt 26, 36). Um dos momentos mais emocionantes dos Evangelhos para mim é este: Jesus quase sempre se retira do povo para orar. Frequentemente à noite, e até passa a noite inteira em colóquio com o Pai. Que palavras proferia Jesus? Não sabemos, mas estamos certos de que intercedia por nós. Isso muito me comove; por isso, também peço ao Pai que aceite minhas orações como se fosse a de seu amado Filho.

Ao contemplar o Senhor Jesus olhando sozinho no Horto, percebo que a Via-Sacra deveria começar por aí sua Primeira Estação de dor ou então seriam estações "preliminares" à Primeira Estação, que começa apenas com a condenação do Senhor, já tomando a cruz, rumo ao Calvário.

O Senhor Jesus, lavando os pés dos discípulos, instituindo a Eucaristia, sofrendo no Horto, traído por um amigo, julgado réu de morte pelo Sinédrio, negado por Pedro, flagelado e coroado de espinhos, condenado pelo poder civil, a pedido do poder religioso, seriam outras tantas estações de uma grande Via-Sacra. Tudo isso só num pequeno trecho de tempo, desde Quinta-feira Santa à madrugada do Domingo da Ressurreição, reunindo as quinze atuais estações de sofrimento àquelas acima citadas. E quantas outras no espaço de três anos de sua vida pública!

Meditatio Vicesima Tertia

"Sedete hic, donec vadam illuc et orem" (Sentem-se aqui, enquanto vou, mais adiante, rezar) (Mt 26,36).

Angústia de morte, pavor, suor de sangue, discípulos dormindo... sozinho, muito só. Jesus sentia-se abjeto, abandonado. Padeceu horrores! Nesse momento, Ele percebe que qualquer consolação provinda do ser humano não basta para consolar. Os melhores amigos, as melhores amizades não acompanham todo o sofrer de alguém. Nesses momentos de suprema dor, só Deus basta. Ninguém deste mundo pode penetrar o interior dessa dor. Por essa e tantas outras razões, Ele quis ficar para sempre entre nós, na Eucaristia. Só diante do Sacrário, sabendo minha fé que ali Ele está como Deus e Homem, sou também consolado. Sofri supremas dores. Não as que procedem dos sentidos só, mas as do coração, da alma, é que me puderam consolar plenamente: Só Deus. Só Deus basta, é o único bastante ao coração humano. Infelizes, muitíssimos infelizes os que confiam nas amizades humanas. Por mais que nos queiram bem, são incapazes totalmente de compreender, em toda a sua extensão, as dores humanas em profundidade. Só o meu espírito, nadando nas profundezas do Espírito, pode satisfazer-se totalmente

Meditatio Vicesima Quarta

"Et assumit Petrum, et Jacobum, et Joannem secum" (E tomou consigo a Pedro, Tiago e João)(cf. Mc 14, 33).

Deixou os demais à entrada do jardim das Oliveiras. Só desejou mais próximos dele apenas três dos discípulos. Certamente, julgou-os mais fortes espiritualmente que os demais. E que também fossem testemunhas mais próximas de sua agonia no Horto. Poupou a todos de maiores sofrimentos, para não desanimá-los cedo demais. Quando na cruz pregado, já não haveria modo de evitar a dispersão deles; a fuga, o escândalo, a pedra de tropeço. Só a ressurreição poderia reuni-los de novo. "Ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão". Tomou consigo apenas Pedro, Tiago e João, os mesmos que foram testemunhas de sua transfiguração no monte Tabor e em outras ocasiões. Amor de predileção com esses três. Os pais, em geral, têm amor de predileção por algum ou alguns de seus filhos. Isso se comprova até pelas Sagradas Escrituras. Sabemos disso do carinho que Jacó demonstrava a seu filho José. Dado como perdido este, o seu amor volta-se para Benjamim, filho de sua velhice.

Deus ama a todos igualmente, como os pais dizem de todos os seus filhos, que os amam igualmente. Mas existe um mistério, em Deus e nos pais terrenos. Por alguma razão ou razões inexplicáveis frequentemente, há um amor de predileção muito claro, muito evidente, por determinados filhos. Não convém, nem é possível entender plenamente esse fato, justamente um mistério. Se o entendêssemos, deixaria de ser mistério. Assim acontece com esses três Apóstolos. Pedro, apesar de logo mais trair e negar Jesus, arrependido, por três vezes a pedido do Senhor já ressuscitado, confirma-lhe o seu amor ardente. E o Senhor o constitui definitivamente como seu "sucessor". Ecoam aquelas belas palavras de outrora: "Serás chamado Pedra, rocha... Tu és Cefas... e sobre esta pedra estabelecerei a minha Igreja e as portas do inferno, nada e nunca, poderão vencê-la, derrubá-la...".

Tiago e João, ardentes e amorosos discípulos, Apóstolos do Senhor, são aqueles dois irmãos Boanerges, "filhos do trovão", cuja mãe pediu a Jesus que um deles se sentasse à direita e outro à esquerda quando o Senhor tivesse instalado o seu reino. Até prometeram a Jesus que, se fosse preciso, dariam suas vidas, derramando sangue, sorvendo o mesmo cálice de dor que o Mestre iria tomar. Esses três, de modo especial, não poderiam deixar de ser "especiais" ao olhar e ao coração de Jesus. O primeiro vai a Roma proclamar o Evangelho diante do maior império do mundo de então. Lá derrama seu sangue, dá sua vida pelo Senhor, é o primeiro chefe da igreja de Jesus Cristo. O segundo foi morto pela espada por Herodes (At 12, 2), bem poucos anos depois da ressurreição do Senhor. Era o Chefe da igreja que presidia em Jerusalém. O terceiro, João, foi o discípulo, que na

última ceia reclinou a cabeça no peito do Senhor Jesus, tal era o amor deste pelo Mestre, o discípulo que Jesus amava e lhe confiara a própria mãe, do alto da cruz, pedindo-lhe que cuidasse dela. Após Jesus ter entregado o Espírito ao Pai, João leva Maria para a sua casa. Ela não o larga mais e vai com ele morar em Éfeso...Apocalipse...Casa de Loreto...

É para se perguntar porque essa preferência de Jesus por esses três Apóstolos. Não podemos nos esquecer de que o Senhor Jesus não só era Deus, mas também homem: pregava, cansava-se, suava, tinha sono, dormia, sofria, amava...Entretanto, acima dessa humanidade de Jesus, residia uma alma profundamente sensível e de perfeições divinas. Ele não ficaria indiferente aos que mais o amavam. Por isso os queria mais perto de si, mais íntimos. Ou ele não nos ama, sensivelmente, mais que a milhões de outros. Somos íntimos dele; tem uma preferência por nós. Ao menos, assim é que me sinto. Como poderei negar que eu O amo e Ele me ama, em profundidade. Não que o mereça, mas assim o quis.

Como posso negar, ou por alguma falsa humildade, não reconhecer que o Senhor tem preferido a mim, mais que a muitos outros? Então, por que tanto me provou, na alma e no corpo? Por que, quase ao fim de meus dias sobre esta Terra, quis Ele servir-se de mim para organizar uma Obra sacerdotal, religiosa, missionária, fiel a toda prova? Lembra-me no momento a comparação ou semelhança daquele pai de família que retira do tesouro de sua arca coisas antigas e novas. Pois é de nosso intento resgatar, redescobrindo muitos tesouros de sua Igreja que ficaram estranhamente velados, esquecidos, empoados, encobertos, enterrados. Importa trazê-los de novo à luz do sol de sua Igreja: não velharia sem valor, mas valores que sempre valeram e sempre valerão. O tempo em que vivemos espalhou camadas de superficialidade sobre tais tesouros sempre válidos através de todos os tempos. É obrigatório resgatá-los, desenterrá-los. É preciso remar fortemente contra a correnteza de infidelidade do tempo presente e sermos fiéis a Jesus, com Pedro, com o Papa.

Meditatio Vicesima Quinta

"Coepit pavere" (Mc 14, 33), Jesus começou a ter pavor.

Não se apavorou, mas começou a sofrer tremendas angústias. Muitas pessoas neste mundo, tantas tão perto de nós, sentem grandes angústias. Sofrem-nas na mente e as perpassam pelo corpo. O coração começa a bater fortemente, às vezes chegando ao paroxismo, o fôlego quase se afoga, e uma tortura ao ponto às vezes de julgar não poderem resistir. Vital é a intensidade do que hoje a medicina denomina "síndrome do pânico". Mas, se não se experienciá-la, se permanece longe dessa denominação

esdrúxula. Pois, eu o senti. E quantas vezes, ao longo de minha vida. Por isso posso avaliar o que sofreu o Senhor Jesus, na expressão do Evangelista Marcos: "Coepit pavere" (Mc 14, 33), começou a ter pavor. Alguns traduzem: começou a apavorar-se. Contudo, o verbo assim expresso dá-nos a impressão de que Jesus começava a perder o controle de seus sentimentos. Não. Isso posso afirmar, pois, até nas maiores angústias, consegui não perder meu controle. Eu sofria tremendamente, e constantemente rezava ao Senhor, à Senhora, que me libertasse de tamanho sofrimento. Como o Senhor Jesus, eu sofria na mente e no corpo, não dores, mas um mal e o modo extremo e de morte próxima. Por isso, mesmo, pela razão de graças tão grandes que recebi em toda a minha vida, aprendi pelo sofrimento a compreender todas as pessoas, a amar todas elas. Amo todos, do jeito que são, incapaz de julgá-las. Somos todos tão diferentes apesar de, aparentemente, tão iguais, ou melhor, tão semelhantes.

Meditatio Vicesima Sexta

Hoje, Domingo de Ramos da Paixão do Senhor, (4 de abril de 1980)muito desejo contemplar essa bela e, ao mesmo tempo, dolorosa história da entrada "triunfal" de Jesus na Cidade Santa de Jerusalém. Sou alguém que sempre deve remar contra a corrente, contra a correnteza, dubiedades que, em nossos dias, avassala a Santa Igreja por dentro, tanto por inimigos externos, como por prevaricações internas, quer morais, quer doutrinais.

O que tem a ver isso com os hosanas desses dias de Ramos? Após os gritos de louvor ao filho de Davi, numa exaltação messiânica, bem logo o traem, fragorosamente, dentro de poucos dias, desejando-lhe a morte, matando-o. Sabemos que não é o povo todo, mas os mais influentes dentre esse povo — eclesiásticos e políticos — que perpetram esse assassínio. Quantas lições poderíamos extrair desse fato, dessa história, desses gritos de hosanas. Em dado momento, Jesus, olhando para essa cidade (que somos todos nós), chora sobre ela: quanto deve Ele ter chorado sobre nós ao longo de nossa vida.

Logo mais, às 10h, celebrarei essa história, misto de glória e de dor, abençoando ramos e realizando essa Paixão na Santa Missa!

Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós. Hoje bons e amanhã maus, e vice-versa, ao longo de nossos dias, e Ele sempre a nos perdoar, constantemente. Quanto sois bom e suave, meu Senhor e meu Deus! Perdoai-nos pela vossa Paixão, Morte e Ressurreição. Amém.

Meditatio Vicesima Septima

E começou a sentir pavor e angústia. Angústia! Não desejo dizer mais coisas acerca do pavor e da angústia. Foi uma suprema angústia. Com certeza, quem já experimentou o que seja uma grande angústia não chegou a sorver, volto a dizer, aquela suprema angústia que Cristo amargou em toda a sua profundeza. Basta dizer, que a angústia, quando forte, joga alma e coração numa tortura. Deseja-se largar tudo, sair correndo, fugir para não se sabe onde; desacordar, morrer para sempre, desintegrar-se... Podemos imaginar a suprema angústia de nosso Salvador? Só o poder divino, o poder do Pai celeste sustentou-o até o fim ainda, em breve mais sofrer! Ainda desejo contemplar um pouco mais de tempo esses momentos da suprema angústia de Jesus no Horto das Oliveiras: "Coepit contristari et moestus esse. Tunc ait illis Tristis est anima mea usque ad mortem..." (Ele começou a ficar triste e aflito. Então lhes diz: Minha alma está triste até a morte). Quem afirma ter ouvido isto ou ter escrito foi o Apóstolo e Evangelista São Mateus (Mt 26,37-38). Mas outro Evangelista, Marcos, diz o mesmo: "Disse-lhes: 'A minha alma está numa tristeza mortal: ficai aqui e vigiai" (Mc 14,33-34). E ainda o Evangelista Lucas: "Pai, se é do teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça todavia, a minha vontade, mas sim a tua" (Lc 22, 42).

"Agora, a minha alma está perturbada. Mas que direi? ...Pai, salva-me desta hora...Mas é exatamente para isso que vim a esta hora" (Jo 12, 27).

Algumas dessas palavras já as pronunciou após a Última Ceia...

Pretendo continuar e escrever minhas meditações, diante do Sacrário do meu Senhor... Amo-o tanto e a minha Missa diária é minha hora de Céu! Estou com dificuldade de andar e, apoiado na bengala, já não posso fazer quase nada. Nem escrever...

Diante do Senhor em seu Sacrário, deu-me vontade de meditar. Hoje, pela manhã, chorei muito. Deu-me um sentimento de uma ausência muito grande, de que nada poderia preencher-me o coração. Mas fazia pouco o meu Senhor viera a mim na sagrada comunhão. Mesmo assim, sentia-me vazio. Chorei.

À tarde, abri um livro e li: "vigiai comigo"... Senti que a dor do Senhor Jesus era maior que a minha...

No Horto das Oliveiras, Ele encontrou os Apóstolos dormindo. O Senhor esboçou uma queixa: "Não aguentastes sofrer comigo só uma hora?!"

Então dei-me por contente. Diante de meu sentimento de abandono, o Senhor, bondoso, entrou em mim. Meu coração ficou calado.

PARTE III Poesias, Orações, Sermões...

Minha querida criança

Minha querida criança Que linda estás no teu berço: Ó minha Aurora tão mansa, Ouça-me agora este verso.

Ó que bonito bercinho Que tua Mamãe te deu, Deixa embalar-te um pouquinho. Pois teu coração é meu.

É mais brando que o arminho
O teu fofo travesseiro;
Mas teu peito é como um ninho
A esperar-te ainda inteiro.
Botãozinho, botãozinho,
Nascido em meu roseiral,
Abre-te devagarinho
Nesse berço divinal.

Teu dedinho vale mais Que todo o meu coração, Mas não há ninguém jamais Que te ame assim, não e não.

Teus dentinhos são rebanhos De carneirinhos de Deus; Teus olhinhos são castanhos Bem semelhantes aos meus. Tua boquinha é uma fita De vermelhinho carmim, De onde tanta luz saltita Que te resplendes todo em mim.

Eu me despeço de ti Quase a soluçar; Não vou-me embora daqui Mas te levo, ó meu penar.

Tuas mãos, Virgem-Mãe

Dá-me, ó meiga mamãe, a tua mão. Quero vê-la de perto, bem de pertinho, Pra estreitá-la contente ao coração, E cobri-la de beijos e carinho.

As tuas mãos de Mãe, que mãos, que rosas. Ah! Que rosas brancas, virgens cores. São conchas de corolas perfumosas Onde escondo meus sonhos, meus amores.

Louvá-las, por que não, Senhora minha, Beijá-las, por que não, Mamãe querida, Se elas, tão só elas, são a vinha Reflorida de amor em minha vida.

Quem vir assim cantar-te e assim cantá-las Talvez não sinta o que sentimos nós, Pois o cálix de nosso amor com palas O velamos, amando-nos a sós.

De tuas mãos, ridente Virgem, quanto Eu não pudera decantar a ti Mas vejo-te contente, pois enquanto Escrevo teu semblante me sorri.

Canto à Virgem-Mãe

Ó Mãe bem-amada, Que és meiga e formosa, Belíssima rosa, Sonhada feição, És tu que na vida Me embalas contente No berço fervente De teu coração.

Por ti eu suspiro
Porque sou teu filho...
E assim compartilho
Do abraço materno.
Contente eu te peço,
Ó dá-me um recanto
De teu doce manto.

Pintar eu quisera Com grande destreza A tua beleza Em fadados painéis... Tecer desejara De tuas vitórias Coroas de glórias, Brilhantes lauréis... Do grande Davi, Cantor de Israel, Sua harpa de mel Dedilhar quereria. Quem dera aos melódicos Sons de uma lira Que branda suspira Louvar-te, Maria.

Não vês, entretanto, Não vês, Virgem Pia, Ó Santa Maria, Que eu tudo quisera Sem mínimo ter? Mas dar-te eu almejo, Sim, eis meu desejo, Minha alma sincera.

Escravo-cantor

Teu bardo sonhador que à flor dos anos Anseia te exalçar, ó Mãe querida. Procura o teu amor, embora insanos Sejam o esforço e o labutar da vida.

O teu amor é minha doce lira Que em horas de sossego e solidão Vibro ao som desta alma que suspira Pelo teu lindo e divo coração.

Acende-me na mente os estros teus, O canto meu inflame em santo ardor E eternamente, ó Virgem Mãe de Deus, Irei louvar-te como teu cantor.

Ah! Lembra-te, entretanto, que eu escravo, Sou de teu Coração Imaculado Amante e rubro como é rubro o cravo Risonho e meigo como a flor do prado

Infindo gozo e paz minha alma sente Por haver entre os meus em companhia O teu querido, amável e fervente Nome-divino nome de Maria!

Gilberto Maria Defina, 12.06.1942

Nascimento da despedida

Um dia, não sei quando, já faz tempo, Num dia todo oriental e lindo. Em que as coisas saíam como rindo Das mãos de Deus – novinhas e crianças.
Foi nesse dia que nasceu a Despedida!
Faça-se a Despedida – e a Despedida foi feita!
E ela então correndo pressurosa
Como imagem da vida copiosa...

E ela então beijando, palpitando, as mãos de Deus, Foi divertir-se com os homens, com as coisas, Num ímpeto de juventude e vontade de brincar Assim nova de esperanças e amizades...
Beijando, palpitando, as mãos de Deus, Foi divertir-se com os homens, com as coisas-irmãs. Nem teve tempo – apenas em chegando Sorrindo sôfrega de ser amiga, Notou que os homens iam se abraçando...
Notou que as coisas iam se afastando...
Dizendo adeus ao som de uma cantiga!

Canção dos homens – canção das coisas,
Dos homens, das coisas que se vão!
Canção dos olhos – das flores – dos corações, das aves,
Daqueles que se querem – separação!
Canção que a Despedida ouviu:
De uma Flor-candura, Flor da Colina,
De uma Flor acetinada,
Que se julga não haver mais delicada
Em toda a terra – pela alvura...

Canção dessa Flor – cantando a desprender-se Na deiscência de seu candor Na precisão de semear-se mais além...
Cantando a separar-se daquilo que foi seu: Porção de sua riqueza – porção de seu viver Flor que sofre a despedida da semente, Flor que chora a despedida do orvalho, Flor que sente a despedida do perfume, Flor sentindo todo esse desprender-se:

Tal como os homens sentiriam
A despedida de um irmão,
E de um colega – de um amigo
Dos amigos de um lar que é muito lindo
De um lar que é muito branco
De um lar que é muito alegre!

Faça-se a Despedida – e a Despedida foi feita! E ela então correndo pressurosa, Beijando, palpitando, as mãos de Deus, Quis divertir-se com os homens...

Nem teve tempo – apenas em chegando Sôfrega, sorrindo sôfrega de ser amiga Notou que os homens iam se afastando Dizendo adeus ao som de uma cantiga!...

E a Despedida ficou só. Sozinha!
Ninguém a quis por companheira!
Sentindo então pela vez primeira
A vida renascer...
A vida tão bonita que Deus lhe dera
Que lhe dera para ser feliz...
Naquela antemanhã de seu nascer...
Na virgindade de seus dias!...

E os homens indo a despedir-se – largando-a tão só!
E o peito lhe arfa arrependimento
E a face fica-lhe contrita
Percebe-se culpada – ré daquele adeus!
Então porque viver? – viver sozinha?
Melhor fora que Deus a vida lhe não desse?!
Se os homens tanto lhe lastimam a presença,
Presença que Deus quis?
Pois quem fez a Despedida? – Deus!

...que fez os olhos para verem despedidas ...que traçou despedidas nos olhos Por que os olhos vendo as despedidas, As despedidas molhassem os olhos!... Houve então um momento calado Em que as pálpebras da Despedida Sentiram o pesar macio da dor...

E a lágrima nasceu...

Primeira filha da Despedida – gerada na amizade.

Despedida: lágrima sobre sorriso,

Ou sorriso que esconde lágrimas.

Lágrima da Despedida, iluminada,

Arrependida, saudade começada...

Mas seja lágrima ou sorriso,

Despedida é vestido que se muda,

Num momento –do branco para o verde!

Amiga! Hoje sôfrega de ser amiga

Brinca conosco a Despedida!

Aceitá-la entre nós é contentar a Deus.

Sim – vem, ó Despedida. Não fiques só.

Guarda a lágrima – abre teu sorriso

Neste lar muito branco e muito alegre.

E tinge como queiras – à vontade – as nossas vestes,

Desde o branco da presença até o verde do oceano...

Que se és filha de Deus, és nossa irmã.

Toma o teu lugar aqui – todo teu neste momento.

Hoje és feliz! Morando na alegria da face,

E no gozo de um brinquedo que disfarça tuas cores violeta.

E assim a Despedida fica contente

Porque parece sorriso...

E cada sorriso fica contente

Porque é pedaço de uma Despedida...

Amigos que partis;

Levais, na despedida, a semente, o orvalho, o perfume de uma Flor!

Semeai esta Flor noutra Colina,

Colina dos mesmos ares,

Que as flores das colinas não vivem de outros ares!

Seminário: Colina-herdeira,

Pupila da Imaculada

Plena do Vaticano.

És infância de beleza adolescente

Apoiada lindamente

No futuro de teus santos, de teus gênios.

Roma: Colina – Mãe desta Colina

Tens a divina fecundidade de não morrer,

Desdobrando-te nas filhas que te semelham

Na beleza, na riqueza de teu ser.

Roma: neste instante és lágrima – amanhã, sorriso.

Mas hoje como sempre és nossa fada – admirada –

Querida por toda a vida!

Sim – agora és viagem feiticeira

Tendo a magia de uma graça medianeira

Aos que na lúcida ventura de partir

Te rogam uma bênção plena de porvir!

Amigos: eis a senha do Adeus:

Debaixo de um ramo de sorrisos

Apanhai nossa lágrima perdida:

Presente humilde de uma Despedida!

31.08.1948

Seminário

Do meio desta festa que se abre como flor recém-nascida Levanta-se um estípite, cerrado ainda em suas dobras. Nas dobras que são flores – apertadas em botão. Recolhei desta festa este estípite.

Trazei-o como senha que nos há de semelhar E quando vossos olhos perceberem.

A cidade em que Deus guarda a cruz em que morreu,

E quando vossos olhos beberem – sempre que beberem – O branco de uma veste vestindo o doce Cristo na terra...

Olhai também por um instante o ramo que levais.

Vereis então que mais uma flor se abriu, desabrochou no estípite cerrado,

Flor toda cheia de lembrança deste nosso Seminário. –

- Seminário que é segredo claro

De amor e devoção ao Santo Padre, Em que Ele reina como suserano imaculado, Na vontade dos que mandam – no desejo dos que cumprem –

Na largueza deste lar, Em que cada levita é resumo de romanidade E cada resumo é Santo Padre habitando e trabalhando em cada coração.

A parábola do amor

Tarde oriental e mansa
Tarde tranquila e boa,
A leve aragem voa
Lá no trigal florido;
E canta, em voz tão mansa,
Cantiga tão dolente
Que a natureza dorme
Tranquilamente
Um sonho de criança...

Sonho verde e feliz...As palmeiras choronas Cismam, dolentes, e as palmas sacudindo Vão molhando de sons as quebradas da serra, Sons que parecem preces fervorosas De harmonias enchendo o silêncio da terra.

Rasgando os pés nas urges dos caminhos Jesus, a meditar, o olhar distante As multidões que O seguem, como seguem Ao pastor vigilante os cordeirinhos

Nos galhos tristes das figueiras tristes Receosas, talvez, de maldição Os irmãos de Jesus, os passarinhos, Cantam cantigas para a multidão O sol no céu escuta, o claro olhar fitando Olhar de sol no estio – a face de Jesus – O mesmo olhar que depois, de tristeza chorando, Se escondeu lá no céu quando olhou para a Cruz!

Em torno de Jesus já não se ouve um grito. A multidão quer luz, já de trevas cansada! E quer, como este já que se eleva da estrada, Procurar o Infinito, Abraçar a amplidão!

E a voz do mestre, ungida de delícia, Serena como uma pálpebra cerrada, Branda como se fosse uma carícia, Adejava de leve A grande multidão

As crianças, os jovens, os velhinhos, Cujas cabeças brancas pareciam Pedacitos de neve Capulhos de algodão

"Um pai tinha dois filhos"
E narra o Bom Pastor
A história eterna desse estranho amor

Cujos estranhos brilhos Penetravam de luz A pobre humanidade a se afogar de horror, Enchendo-se em clarões, do alto de uma Cruz.

Um dia que tristeza nesse dia! O mais moço deixando a paz serena Do lar paterno cheio de alegria, Despede-se do pai que chora e pena.

E parte, e além se some
Como uma sombra fantástica na noite,
Que surge, e de repente, se retira
E como o mar consome,
Das ondas com o açoite,
Nas areias da praia um doce nome,
Que com tanto carinho se esculpira,
O filho ingrato, de ilusões coberta,
Desaparece vagarosamente
Na curva triste do caminho incerto.

E se foi sem chorar, com os olhos tão serenos! E ao Pai que contemplava, em choro, amargamente, Nem um olhar sequer, um olhar pelo menos! Mas o amor o persegue com ternura, Como sombra que a todos acompanhava, Seja um tempo de dor ou de ventura.

Dissipados os bens, vem-lhe a pobreza, E a fome, como um manto de tristeza, Sobre o corpo lhe cai. E em meio do que o prostra, a confiança Desperta na sua alma de criança... Recorda-se do pai!

E um dia – que ventura nesse dia! –
Banhavam a estrada as lágrimas da lua
O velho pai lá do solar deserto
Fita a chorar, na soledade sua,
A curva triste do caminho incerto...
Vê que, prostrado de vergonha e dor,
Vem ao longe seu filho – pobre filho! –
Pálido, exangue, o triste olhar sem brilho
Na curva alegre do caminho em flor.

E beija-lhe na fronte, o beijo da alegria! E aperta-o contra o peito, o amplexo do Amor! Que alegria e que amor nos seus olhos serenos! E ao filho roto, e ingrato, o pobre Pai que o quer Mais que a própria vida, um só olhar não lança De censura e de dor... Nem um olhar sequer! Um olhar pelo menos!

Um frêmito de amor às multidões percorre Ninguém jamais falou em amor tão grande assim! Amor que sofre e canta, amor que vibra e morre, Amor que sabe amar como a Deus enfim!

E quando aquela voz nos ares se desfez E quanto coração de amor não fez pulsar! A quantas consciências aquela voz tocou! Judas sorriu, talvez... Madalena chorou

A canção do padre

Eu sinto, ó Deus, meu coração que canta, mirando o céu da graça que acalanta o sonho meu Eu sinto, ó Deus, meu coração aberto, chagado igual, crucificado, perto junto do teu.

Jamais esquecerei as melodias que me fizestes ouvir em outros dias doces de amor. Eu sentirei as dores de teu lenho, nas minhas mãos já perfuradas tenho cravos de dor.

Desprezarei do mundo a graça amena e tomarei nos ombros toda a pena de tua cruz. Meu peito será um meigo ninho em que colocarei o teu carinho feito de luz.

Jamais procurarei a luz da fama, me esconderei na multidão que clama por Céu falaz. Não buscarei as luzes da ribalta, ao mundo preferindo mostrar a falta que tu me fazes.

Agora, resumindo o meu desejo, nestes versos que darão ensejo de só Te amar Declarar, meu Deus, que prezo a morte, antes que te ofender e tenha a sorte de te louvar.

Nos meus 45 anos de sacerdócio

Oração de um operário da primeira hora

Senhor, Tu sabes, nem é preciso que eu Te diga: sou operário da primeira hora em Tua vinha desde minha adolescência, antes mesmo que alcançasse a maioridade, Tu me alcançavas com Teu chamado.

Lá fui, Senhor, Te obedecendo, sem mesmo imaginar o que querias de mim.

Fui Te seguindo. Sempre atrás de Ti, sempre atrás.

Desde o início, Tu me seduziste com Teu olhar, e eu me deixei seduzir.

Lembra-te daquele momento? Eu não era muito mais do que uma criança.

E me puseste desde cedo num trabalho duro.

Passou a adolescência, passou a juventude.

Toda a mocidade, passou a idade de amar, passou a vida de entesourar.

Servo inútil, pouco consegui. Mas o trabalho em Tua vinha ainda não terminou.

Não permitiste me aposentar.

Hoje, com meus cabelos brancos, já quase sem forças,

não me abandones, Senhor, não, não agora!

Que a Tua face não continue se ocultando de mim o tempo todo.

Que a Tua face se ilumine sobre mim, e que Teu olhar me alumie os restantes passos, até a consumação total desta vela que bruxuleia o resto de sua luz!

Nunca me elogiaste, como ao filho pródigo, que ao Teu lado sempre permaneci; nunca Te cansaste a me procurar, como a ovelhinha desgarrada; nunca me deste parabéns. Agora, Senhor, toma, leva.

Faça de Teu velho guerreiro, sujo e esfarrapado de batalhas ganhas e perdidas, o que sempre quiseste de mim: meu cansaço de sol a sol, esse cansaço final para que a outros leve a descansar, para o Teu supremo louvor. Amém!

Pe. Gilberto Maria Defina, março de 1993 (Prece na primeira hora da manhã)

Oração: O que te dou hoje

Vinte e quatro horas eu disponho, meu Deus, de cada um de meus dias.

Delas grande parte uso pra cumprir os meus deveres.

São eles bem diversos: trabalhos, trabalhos, trabalhos!

Preocupações contínuas.

E preciso de tempo para comer.

Preciso de grande tempo para dormir. E preciso de tempo para descansar.

Tenho, meu Deus, muitas "precisões" durante um dia de vinte e quatro horas.

Ah, sim, preciso de tempo para rezar, ia me esquecendo. Minhas orações são longas.

Tudo isso tenho que enquadrar e comprimir num tempo de vinte e quatro horas.

Não dá. Preciso de mais tempo. E para isso preciso de uma vida bem comprida.

Creio que se deres, meu Deus, cem anos, não me serão suficientes.

Preciso, preciso, preciso de muito mais, muito mais!

E mais esta ainda: preciso de Ti.

Como, se não cabe mais nada nas minhas vinte e quatro horas?

Onde encontrar esse tempo?

Vês que o meu desejo de uma vida de mais de cem anos tem sentido.

Porque, depois disso, poderei dedicar um tempo a Ti, só a Ti.

E acho mesmo que preciso. Irei pensar nisto, depois.

Pe. Gilberto Maria Defina, março de 1993 (Quatro horas da manhã)

Oração pela Paróquia

Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu; O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

Abençoai, Senhor, esta paróquia de N., que é a nossa família, a comunidade a que pertencemos, na qual todos reunidos em redor de nosso Pároco, como membros do Corpo Místico de Cristo, fazemos subir nossa oração até o céu.

Chamai, Senhor, para o vosso redil, as almas transviadas, socorrei os pobres, dai alívio aos enfermos, libertai os nossos entes queridos que se purificam no purgatório.

Fazei que vivamos todos a grande verdade de que todos somos irmãos, pertencendo a uma só família da qual sois o Chefe, a Cabeça.

Que à sombra da nossa querida Paróquia, amando-nos e perdoando-nos mutuamente, permaneçamos sempre unidos até o dia em que o Anjo da Paz transplante nossa alma para a Eterna Bem-aventurança do Céu. Amém.

Nossa Senhora de Pentecostes

Assim eu sinto a figura da Mãe, Nossa Senhora de Pentecostes.

Estou diante de Jesus na Eucaristia e diante de Maria na imagem de Mãe, com o Menino Jesus no braço esquerdo e a mão direita sobre seu peito materno.

Ela está de pé, olhos grandes, voltados sobre seus filhos e filhas, maçãs do rosto altas, cor da pele mutante, de acordo com o lugar em que é cultuada – das raças de seus filhos nesta terra; seus braços e suas mãos de dedos compridos sobre o peito, em cruz, um pouco afastados, em atitude de acolhimento maternal.

Às vezes coroada com doze estrelas, e às vezes, não.

Túnica rosa, deixando ver os pés descalços, manto caído de cor azul e verde, bem aberto, com pequenas estrelas douradas esparsas.

Parece caminhar. Semblante com discreto sorriso.

Veio-me o pensamento de uma Senhora e Mãe como Nossa Senhora do Acolhimento. Nossa Senhora de Pentecostes, rogai por nós, que recorremos a Vós! Termino a oração.

> Pe. Gilberto Maria Defina Totus tuus ego sum, o Maria, et omnia mea tua sunt. Sou teu escravo. Amém. Aleluia. 14.05. 1994. 5 horas da manhã.

Sermão sobre Nossa Senhora Aparecida

Caríssimos colegas,

É do nosso desejo falar-vos de um mistério. Mistério cujos contornos, se bem os evocarmos, nos trarão qualquer feliz lembrança de um Natal carinhoso e querido. Não o natal do Menino-Deus a nascer na gruta de Belém. Mas o natal da Mãe do Menino-Deus. Não o natal de Mãe do Menino-Deus, lá ao longe em terras estrangeiras. Mas o natal de Nossa Senhora Aparecida aqui em nosso querido Brasil.

Mistério

No mundo, neste mundo que nosso Deus fez, há mistérios. Ele quis assim. Explicável também porque Deus não sabe esconder-se e por isso deixa sempre alguma coisa de infinito aparecendo. E quando é assim, quando sobram estes fragmentos divinos que são os mistérios, cai a inquietude, e se estreitam e se retraem para só ficarem os que sempre são, mistérios de Deus, Nosso Senhor. E há mistérios sem número. E os há tão diversos. Às vezes percebidos porque Deus é grande. Doutras vezes percebidos porque Deus é pequeno, por isso que é homem. O mistério cuja festa vamos celebrar é um mistério assim, grande e pequeno: Nossa Senhora Aparecida. O mistério do seu aparecimento foi

muito grande enquanto esteve dentro em Deus. Mas depois que Ela quis nascer em nossa pátria, ficou um mistério tão pequeno, capaz de ser passado de coração a coração por milhares de corações.

O natal e os mistérios do natal

Dos muitos mistérios que Deus fez, um foi este, o do nascimento, em nossas terras, de uma linda princesa que depois ficou rainha: Nossa Senhora Aparecida. Sim, que trouxe para cá esta princesa virgem, divina feitora de tantas bênçãos e graças? Sim, que A trouxe para cá tão apenas para felicidade nossa? Poderíamos então pensar um pouco nesse mistério do natal de Nossa Senhora, em nossas terras. Poderíamos pensar então nesse natal, como, por exemplo, de um mistério de amor. Poderíamos também pensar diferente, como de um mistério de humildade e sofrimento. Afinal, poderíamos pensar assim, como de mistério de um coração de Mãe.

a) Mistério de amor

Foram trabalhos de Deus, Nosso Senhor, e de sua misericórdia para conosco. Serviços de Divina Providência sobre nós, seus filhos. Amostras de paternidade divina gerando-nos uma Nossa Senhora, porque tivéssemos uma Nossa toda nossa, apenas nossa, cujos traços físicos lembrassem o calor dos filhos de sua terra, cujos traços de psicologia maternal fossem feitos de mãe brasileira, porque compreendesse e soubesse apertar nos seus braços as pulsações diferentes, bem diferentes, de seus filhos de Santa Cruz.

b) Mistério de humildade e sofrimento.

Poderíamos pensar também num natal cheio de mistérios de humildade e sofrimento. É verdade que o nascimento é a felicidade que entra, a felicidade de dois seres. Mas antes disso é também o sofrimento conjunto deles dois. O natal, antes que venha, é sempre o índice de muitas apreensões e trabalhos. Depois que veio, é a soma de muitos sacrifícios e humilhações até. E os nascimentos são tão diversos neste mundo, assim como os mistérios. Porque há o natal das coisas, o natal dos homens, o natal de Deus, e mesmo os natais da alma. Todos encerram mistério, mistérios que encerram leituras de humildade e dor.

1) Assim o natal das coisas. Um exemplo, o da planta, cuja sementinha tem de despedir-se daquela cor dourada de suas palhas, deitada lá no fundo úmido da terra a consumir-se toda em oblação de vida, se quiser algum mês mais tarde ser mãe de pequeno rebento.

- 2) Assim o natal dos homens. Definição do que é mais sacrificio para aquela que gera. Definição de onde Deus vem morar como vizinho da criatura, pois, onde há nascimento, há Deus, porque há criação. Mas o criar foi também para Deus uma fadiga? E a mãe que gera o filho gera a metade de uma fadiga divina, porque gera a metade de uma criação. Fadiga por conta de quem a mãe traz consigo, ela está sempre a matutar em todos os momentos para que não padeça o fruto de seus padecimentos. Mas é verdade que ele também sofre, esse fruto da criação divina e humana! Desde as aperturas em que reside até as exigências de um moroso desenvolvimento. É que a saída do nada para se ficar qualquer coisa é subida escarpada para todo o ser.
- 3) Também assim o natal de Deus, Nosso Senhor. Deus não quer sofrer. Jamais quis sofrer. Concede-se uma vez que Deus não possa sofrer! Mas não se pode conceder que Deus, em querendo ficar homem, não devesse sofrer. Ele quis ser homem. Teve de sofrer! Devemos imaginar então qual o seu sofrimento ao se ver enclausurado nos tecidos de um corpo de homem. Como Lhe devia ser grande a dor, Ele que nunca sofreu! É que Deus nunca nasceu e, quando teve o seu natal, experimentando o sofrimento humano, apaixonou-se mais pela redenção dos homens! Mas gozar no Céu e sofrer no seio da Virgem Maria, perguntamos, não equivale a dois céus para Deus Nosso Senhor?
- 4) Os natais da alma. São feitos assim também de dor e sofrimento. Ela, antes que dê filhos de virtude à própria santificação, filhos esperados e vindos num natal de alegria, antes disso Ela é a que prepara, aprecia a gestação lenta e escura de lutas e afagos desatados sem conta diante do Sacrário. Só depois que se Lhe completam os dias da expectação, é que a alma goza do retorno do Céu, porque o seu Deus está de volta. Nesses extremos habitam os natais da alma, que os assiste sempre que as provações lhe entram a contragosto pelo coração.

É dessa forma todo natal. Por isso que no advento de Nossa Senhora Aparecida aconteceu também de virem juntos o sofrimento e a humilhação. Parecia a princípio que Ela, no seu natal, vinha só com o amor. Havia mesmo, ali, um sinônimo de amor, representando o papel de amor como se fora amor, mas na verdade Ela trazia junto uma lição de humildade, pedindo-nos que a lêssemos naquele seu escondimento nas águas, na cor escura de sua tez, e no esfacelamento mesmo de seu próprio corpo. Por tudo isso o natal da mesma mãe foi um natal de humildade e sofrimento.

c) Mistérios de um Coração de Mãe

Deve ser muito verdade aquilo que dizem de Deus, de ter Ele feito o corpo de sua Mãe de pedaços de corações de seus filhos, porque assim Esta os amasse o quanto permitisse um coração humano. Isto ao menos seria uma explicação fácil desta verdade

tão boa de Nossa Senhora nos querer tanto. E parece que Ele mostrou ter mesmo feito de nossos corações quando de sua vinda para a nossa pátria. Talvez Ela quisesse viver tal qual é entre nós. Não pode porque os céus precisam de sua presença para serem felizes. Mas no que pôde, fez. Tanto assim que não teve receios de se macular neste seu nascimento, pois sabia que o seio da terra onde nascia era virgem também. Por isso é que tomou para seu corpo um corpo feito de terracota, terra desta terra que assim pensou em abençoar para sempre. E quis que os seus anos fossem festejados no dia dos anos da pátria para que melhor fossem identificados a Mãe com o filho.

Desde seu natal, pequenina ainda, recém-nascida tão só, há pouco saída daquele seio undoso, já praticava pensamentos de futuros filhos, filhos queridos, dos quais seria a Mãe terníssima. Vinha sobre planos feitos. Vinha criança para esta terra criança, apesar de em outras já ser mãe de séculos, mas sempre adolescente na função de sua divina maternidade.

Esses eram os mistérios com que vinha carregado o Coração de nossa Mãe. Hoje Ela pode dizer que não se enganou em seus planos de querer ter muitos filhos nesta Terra. Ela os tem como quis. E se devêssemos contar até onde exerce pressões de amor e carinho, não vingaríamos fazê-lo, tanto Ela está em tudo quanto é brasileiro. Quem sabe até poderíamos falar ser isto um divino imperialismo de nossa rainha, cujos capitais Ela os tem porque arrebatou de nós, mas tão só para depois no-los devolver batidos com os selos indestrutíveis de seu amor, porque assim nos assegurasse um eterno marianismo em nossa querida pátria.

Em nossos dias, Nossa Senhora, lá de cima de Aparecida, assiste, como Mãe e Educadora feliz de uma nação feliz, ao surto das vocações sacerdotais que Ela mesma desencadeou, propositadamente providente, e quer aí a felicidade maior de seus amados filhos. Previdente também que é, quer assegurar para si o seu divino trono de amor, nesta terra feliz de Santa Cruz.

Caríssimos colegas. Essa é a linda história de amor! Esse o lindo mistério com feitios de Mãe! Esse o lindo natal que Deus fez só para nós! Uma rainha nos foi dada! Digamos apenas: Santa e Imaculada Natividade, não sabemos que louvores conceder-te. Ó Senhora da Conceição Aparecida, lembra que és a Padroeira desta pátria, a Mãe querida deste povo: Ama e salva o teu Brasil!

Homilia super Corpus Christi

Toda substância viva necessita de nutrimento que lhe conserve a vida. Deus nutre-se de Si próprio. Os anjos nutrem-se de Deus. E aqui na Terra os seres sabem servir-se do alimento que lhes é indispensável. Todos têm o seu alimento imediato, certo, palpável.

E a alma que não é matéria, que não é carne, que não pode também, como o podem os anjos, ter a Deus como alimento imediato, à vista, palpável, mas que é substância viva que precisa alimentar-se, apenas ela... Deus também não a esqueceu. E como Deus só pode ser alimento de um ser espiritual, Ele mesmo se fez Pão para sustento da alma. Tornou-se então o Deus Sacramentado. É por certo o mais divino dos divinos descobrimentos. Daí por diante, a alma ficou obrigada a servir-se desse alimento sob pena de morte. Do contrário, não teria para si a vida. Perigosa ameaça de um Deus que não costuma ameaçar em vão!

Mas assim dispôs porque, na alma, no coração do homem, colocou coisa que só Ele poderia saciar!

É bem verdade!... Todo coração humano nasce com um mistério! Mistério que o acompanha na vida!... E assim como o rio que nasce pobre e angustiado, mas que sempre nasce dentro de um mistério que ninguém sondou, assim o coração do homem nasce cheio de um mistério, que é ânsia, que é apetite, que é lume, lume que, conforme os dias e as horas e os minutos, tonaliza-se certa vez na Fé, certa vez na Esperança e outras vezes em Amor. Um alimento que tonifica e lhes conserva o mistério divino no coração.

O alimento da fé e a infância espiritual

O campo predileto em que media a fé é a infância. A criança, porque ainda floco de neve, não sentiu também os queimares da descrença. E porque não sentiu percebe fácil a fé, e com ela, Jesus. Também na infância espiritual possui-se tal fé. Possui-se não como uma fé ainda menina, fé-criança, mas como uma criança que possui a fé. E Jesus Sacramento, alimento necessário para esse pequenino mistério deitado no coração de toda a infância, é vida assimilada para conforto e crescimento dessa infância, dessa fé. Por certo que, se Jesus Sacramentado pedir repouso num coração ainda menino de toda a impureza, não faltará o aconchego quente de um peito, que até hoje só ouviu dizer que Ele é Senhor, é Deus, decerto que pode vir!

Ó Jesus, olha as criancinhas! Aquelas que pediste que Te levássemos seus pequenos corações. E percebemos que elas têm fome de Ti, Senhor! Dá-lhes quanto antes o Teu beijo eucarístico. Verás, ó Jesus, que até hás de encontrar esta coisa que inútil procuraste em outros peitos: fé acolhedora e exuberante, de uma frescura que denota ainda a

meninice dessa alma há pouco saída de tuas mãos criadoras. Conserva ainda nítidas as marcas de teus dedos, quando a conformavas para este mundo. Aí a tens, ainda é tua, entra, Senhor!

O alimento da esperança e a adolescência espiritual

Um dia aquele rio percebeu que as ribanceiras se lhe alargaram! E o floco de neve também notou um dia mais verdadeiro! E aquele coração agora feito moço sentiu um mistério cheio de ânsias, por muita coisa que até aí não sentira. Desde aí a esperança de alguma coisa começou a acenar-lhe de longe, sorridente. Assim na adolescência espiritual. Porque essa lei imperatriz da Esperança não escapa a qualquer adolescência. Ela então quer viver, nutrir-se. Por isso não descansa. É certo que as seduções do meio ambiente podem tisnar a diafaneidade de sua fé, não da esperança. Porque o lume que lhe queima o peito, alimentado pelo Deus Sacramentado, possui rubores que lhe dariam pejo diante de qualquer falta de confiança e amizade contra Quem tanto bem lhe quer. E então, nos refolhos mais adolescentes desta alma, têm lugar aquelas fases delicadas em que Jesus Sacramentado faz sentir a sua voz. E a adolescência não tem coragem de negar. É ciosa da amizade que professa. Aparecem então os heroísmos. Aqueles de que os homens falam que não entendem, que ironizam. Heroísmos que povoam as celas e que só existem porque Jesus, certo dia, manifestou aquele seu desejo numa comunhão que não mais se esquece, aquele segredo caído de propósito em seu coração e que só muito mais tarde mostrará seus frutos, talvez detrás das grades roxas de um convento, talvez na elevação branca de uma hóstia consagrada!

Ó Jesus, lembra-te de Tua divina adolescência, das Tuas esperanças ainda verdes, de veres atraída a Fé, toda uma floração moça de almas castas... Em favor dessa alegria adolescente que fez pulsar mais célere o Teu coração, suplicamos satisfaças a alma, trazendo-nos, em Tua visita eucarística, o presente de Tuas esperanças, para que possamos ajudar-te, no futuro, a saciá-las a Teu contento!

O alimento do amor e a maturidade espiritual

O homem, nos esponsais do seu espírito com a carne, ficou endividado de paixões. O amor é uma paixão. E o amor vive de excessos. Por isso também contrai dívidas espantosas. Eis um exemplo: Jesus, prisioneiro, por causa do amor. E isto aconteceu assim. Houve um dia, na vida de Jesus, em que Ele não quis ser pobre. Quis naquela noite uma sala muito bem ornamentada. Tinha então de amar até o fim; até mais não poder. Era a hora de uma declaração de amor. De um amor que lhe vinha de há muito queimando o coração e que também queria se perpetuasse, como é natural a todo amor.

E foi assim que esse amor, naquela noite que seria eterna, se escondeu visivelmente por entre as migalhas reduzidas de um alimento, o mais simples, mais fácil da terra. E à declaração do amor seguiu-se a prova. E o grão de trigo foi triturado e batido e recalcado, e o amido que ficou foi de novo reunido e depois queimado na dor e na Paixão. E então foi retirado das brasas. E só então foi servido à mesa, ainda quente de amor, às almas noivas deste divino manjar. Mistério cheio de amor, misturado de alimento!

Naturalmente que este Deus que assim foi sacrificado há de pedir sacrificio semelhante de seus convivas!

Pois que uma aliança introduzida no dedo anular é circunferência que delimita interferências de quaisquer outros amores ádvenas, estrangeiros. A aliança suprime de vez os litígios de fronteiras. Em compensação, pelo lado de dentro, aparece a abnegação, e o sacrificio aí vem. Por isso que essas almas eleitas que animam os claustros sentem de contínuo uma clareira de agruras, explicáveis sim, porque é prova, inexplicável também? Por que razão? Talvez por seus delitos, dos quais o próprio Deus quase até sorri? Decerto que não, que seus delitos são os de não poderem sofrer um pouco mais. É que elas, essas almas noivas deste Deus Sacramentado, têm missões a cumprir, delitos de terceiros a expiar. Tantas vezes, essas prediletas do sacrificio sentiram os desfalecimentos da carne, pois que o seu Amado vinha com as vestes ensanguentadas e, ao abraçá-las, tingia-as de um sangue vermelho de dor. Julgou-se a princípio que estas apenas O receberiam e não iriam mais além. Em vez, não. Assim mesmo, como quer que viesse. Queriam-no tanto que ao apertarem-lhe a fronte crivada de espinhos, elas sentiam todo o peso esmagador de uma Divindade a lhes constringir o coração. É que dar em um coração e receber outro é receber sim, um coração, dar, porém, a vida! E assim é que daquela trituração branca da alma e da maceração vermelha da carne, escorre então um néctar de Amor, único possível de saciar a gosto esse inquieto mistério do coração humano!

O Jesus, lembra-te das que assim Te amam e querem! E das almas que deste modo gostam de Ti, Senhor, sabemos que são muitas. Vivendo os mesmos dias que vivemos. Passando as horas que passamos. Espalhadas talvez tão longe, que parecem esquecidas. Talvez tão perto que já lhes ouvimos a voz. Talvez tão juntas de nós, que por isso não as percebemos. A todas, o Teu olhar feito de amor, e teu coração feito de alimento, amor e conforto. São sempre as mesmas, ó Jesus, na Fé, na Esperança, no Amor: quer na alvorada da vida, ouvindo as Tuas preleções no Santuário, quer ao meio-dia pastoreando nos Teus campos. São sempre as mesmas. Mais uma vez, entra, Senhor.

E na maior festividade do Filho, não é bom que nos falte a Mãe. A Ela como Mãe, pedimos como filhos, e com insistência, aquilo que com insistência sabem pedir os

filhos. Pedimos Pão. O Pão que nossa boa Mãe soube tão bem amassar para nosso sustento. O Pão que Ela retirou de seu sangue. A Ela pedimos. Ela que soube na silenciosa divina gestação assimilar a Divindade; fazendo-a de novo aparecer num coração pequenino, reclinando no rude cibório de um presepe. Coração pequenino, cheio de um mistério todo cheio de alimento – para alimento de um mistério, que sempre nasce quando nasce um coração humano!

Jesus, Panis Angelorum, frutus cibus viatorum. Veni. 27.04.1948

Cronologia do Pe. Gilberto

02.08.1925

Nascimento em Ribeirão Preto, SP.

05.02.1938

Entrada no Seminário Menor (claretianos).

08.12.1940

Consagração à Nossa Senhora.

11.11.1941

Retirada do Seminário Claretiano.

1942

Entrada no Seminário Menor Diocesano - Campinas, SP.

1943

Seminário Maior – Curso de Filosofia – Seminário Central do Ipiranga – Imaculada Conceição, São Paulo, SP.

25.12.1944

Afastamento do Seminário por doença.

1946

Conclusão do Curso de Filosofia.

1947-1950

Curso de Teologia.

03.12.1950

Ordenação presbiteral - Catedral de Ribeirão Preto, SP.

10.12.1950

Primeira Missa – Igreja Nossa Senhora do Rosário em Ribeirão Preto, SP.

1950

Nomeado Coadjutor da Catedral do Cônego Jaime Luiz Coelho.

05.02.1955

Nomeado Pároco de São Simão, SP.

02.1967

Vinda a São Paulo para acompanhar seminaristas de Ribeirão Preto.

01.04.1971

Fundação da UNIFAI no antigo Seminário Central do Ipiranga.

09.12.1987

Efusão do Espírito Santo – Grupo de Oração Renascer em Cristo – Capela do Internato Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga.

10.02.1993

Fundação da Fraternidade Jesus Salvador.

20.09.1993

Ida a Medjugorje.

13. 09.1993

VII Conferência Internacional de Líderes Carismáticos Católicos.

27.05.1993

Decreto de aprovação "Ad Tempus" dos Estatutos da Fraternidade Carismática Católica Senhor Javé da Diocese de Santo Amaro.

30.03.1994

Decreto de aprovação "Ad Tempus" da Ordem da Fraternidade Senhor Javé⁹⁵ Salvador e de suas Constituições da Diocese de Santo Amaro, em São Paulo, SP.

17.09.1994

Fundação do Instituto Missionário Servos de Jesus Salvador (Seminário Nossa Senhora de Pentecostes) e Instituto Missionário Servas de Jesus Salvador (Convento Nossa Senhora de Pentecostes). Emissão de votos perpétuos nas mãos de Dom Fernando Antonio Figueiredo, OFM, Casa de Retiro São José, Diocese de Santo Amaro.

16.02.1995

Constituições, Regras de Vida e Ordenações de Estudos da "Ordem da Fraternidade Senhor Javé Salvador".

05.12.2004

Falecimento – Hospital Beneficência Portuguesa – São Paulo, SP.

Agradecimentos póstumos

"A passagem do carisma originário (...) acontece pela misteriosa atração exercida pelo Fundador sobre quantos se deixam envolver na sua experiência espiritual." 96

OM ESSAS PALAVRAS, SÃO João Paulo II nos explica, de forma abrangente, aquilo que acontece no particular de cada Congregação, Comunidade ou Movimento.

Com nós, Salvistas, não foi diferente. Nosso Pai-Fundador recebeu de Deus a graça do Carisma do "Louvor de Deus", o qual não ficou retido com ele, mas, muitos de nós, nos idos dos anos 90, atraídos pela beleza e pelo perfume do mesmo Carisma, nos deixamos envolver pela lindíssima experiência espiritual do nosso Fundador. E depois desses primeiros, vieram outros e outros... moças, rapazes, jovens e adultos que buscavam algo diferente e é assim até hoje.

Agora, a graça do Louvor nos habita. Somos enamorados por ele. Fomos revestidos pelas "vestes que não se gastaram com o tempo" (Dt 8,4). Deus, não olhando nossos méritos, nos deu a honra de sermos os continuadores da Obra de Jesus Salvador.

Por isso nós, todos os Salvistas, queremos nesta página fazer eco à voz do nosso coração e à voz do coração de tantos outros que se apaixonaram pelo Carisma e que hoje, por algum motivo, não estão mais conosco. Nosso grito e voz é um brado de louvor e gratidão...

Pela vida do nosso Pai-Fundador;

Pelo seu testemunho deixado a nós;

Pela sua fidelidade à Igreja;

Pelo zelo à liturgia e às coisas sagradas;

Pelo seu amor às almas dedicando tanto tempo aos atendimentos espirituais;

Por cada Eucaristia celebrada por nós, seus filhos e filhas;

Pela sua coragem de se deixar guiar por Deus nos momentos fortes de aridez espiritual;

Por sua intrepidez no enfrentar tantos momentos de doença e sofrimento;

Por não ter medido esforços para nos acompanhar, quando ainda éramos jovenzinhos e inexperientes;

Por ter investido em nós todas as suas economias, para que tivéssemos o que comer material e espiritualmente;

Por ter sido um homem que anelava pela honestidade e pela verdade;

Pela sua simplicidade;

Pela sua fé expectante;

Pela sua capacidade de ler "a vontade de Deus nos fatos e nos acontecimentos";

Por ter depositado sua confiança em nós;

Por ter lutado por nós, nos defendendo às vezes até de severas críticas;

Por ter deixado um ordenamento jurídico e estrutural aos Institutos.

Por ter almejado a FJS como uma grande família: sacerdotes, irmãos, irmãs e leigos.

Por nunca ter perdido a esperança de que a inspiração que lhe fora dada provinha do Alto;

Por se ter deixado modelar por Deus para que hoje tivéssemos o Carisma do Louvor;

Por ter-nos ensinado que se chega ao Louvor também pelo caminho da dor;

Obrigado, Pe. Gilberto, por tudo isso e por cada detalhe da sua vida e da sua experiência partilhado conosco!

Assinado: Todos os Salvistas

¹ Salvista é um membro da Fraternidade Jesus Salvador. A menção antiga "javista" foi substituída por "salvista" nesta obra. Onde foi possível, foi adotado o nome de Fraternidade Jesus Salvador, conforme se usa atualmente.

² Dia 23 de fevereiro de 2002.

³ Dos Institutos Missionários Servos de Jesus Salvador e Servas de Jesus Salvador.

⁴ Um grande desastre.

⁵ Pe. Gilberto tinha 76 anos ao iniciar o relato de sua biografía, ele a concluiu aos 77 anos. No dia 5 de dezembro de 2004 veio falecer aos 79, dois dias depois de completar 54 anos de sacerdócio.

⁶ As irmãs do Pe. Gilberto faleceram no ano seguinte à sua morte, em janeiro de 2005. O irmão Domingos atualmente mora em Campinas, e completou 95 anos em 28/3/2006; apesar da idade, está bem lúcido.

⁷ Coroinhas da igreja Nossa Senhora do Rosário, na Vila Tibério em Ribeirão Preto.

⁸ 1932.

⁹ 1938.

- 10 Atualmente o seminário foi transformado em escola pertencente aos padres claretianos.
- ¹¹ Raimundo Castillon, cmf.
- ¹² Revista publicada pela Editora Ave-Maria.
- ¹³ De 1938 a 1941.
- ¹⁴ Nos arquivos dos padres claretianos, constam dois cargos no Seminário Menor daquela época, o superior, que era o reitor, e o prefeito, que era o diretor espiritual. Nesse caso não sabemos de quem o padre Gilberto está falando. O superior em 1938 chamava-se Pe. Raimundo Castillon, cmf; o prefeito chamava-se Pe. Jesus Oses, cmf; em 1939, o superior chamava-se Pe. Valentim Armas, cmf; o prefeito era o mesmo de 1938; em 1940 e 1941, o superior chamava-se Pe. Antonio Berenguer, cmf; o prefeito chamava-se Pe. Antonio Berenguer, cmf; e o prefeito chamava-se Pe. Conrado Sivila, cmf.
- 15 Pe. Gilberto faleceu três dias antes de completar 64 anos de consagração a Maria.
- 16 Foi canonizado no dia 21 de junho de 1947.
- ¹⁷ Padre Gilberto deveria estar com 56 anos de idade.
- 18 Pontificado de 1922 a 1939.
- ¹⁹ Dia 28 de janeiro.
- 20 Pe. Antonio Berenguer, cmf.
- 21 Monges de Nossa Senhora do Monte Oliveto, oriundos da Itália.

- ²² O encontro foi antes dessa data, pois Dom Cintra já havia falecido (11-11-1906 30-3-1999).
- 23 Seminário Maior Nossa Senhora de Pentecostes.
- ²⁴ Escola poética que cultivava a perfeição da forma.
- ²⁵ Que soa desagradável.
- ²⁶ Livro com cantos gregorianos da missa e da liturgia das horas, chamado Oficio Divino.
- ²⁷ Na liturgia católica é a parte do Ofício Divino que tem lugar à tarde.
- 28 Membros da Fraternidade Jesus Salvador.
- 29 Em 1985.
- 30 Cardeal Dom Carlos Carmelo V. Motta (30-08-1944 25-04-1964).
- 31 A veste própria do diácono é a dalmática.
- 32 Livro de oração, chamado também de Liturgia das Horas ou Ofício Divino.
- ³³ O referido caderno foi encontrado nos pertences do Padre Gilberto. As poesias às quais o padre se refere são da sua época de Seminário Menor em diante.
- 34 Membro da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

35 Solenidade da Imaculada Conceição.

- 36 Oito de dezembro de 1940.
- ³⁷ Região central do Estado de São Paulo.
- $\frac{38}{2}$ As irmãs do Padre Gilberto faleceram no início de 2005, poucos dias após sua morte.
- ³⁹ Sacerdote nomeado para ajudar ou substituir um prior ou prelado no exercício de suas funções.
- 40 Religioso que participa do colegiado de uma catedral ou de uma igreja e trabalha na administração dela.

- 41 De 1955 a 1967.
- 42 Execução rotineira de alguma atividade.
- 43 Teve a sua aprovação no mesmo ano de 1971.
- 44 Carismática no sentido de intimidade com Deus, de união, de exercer os dons do Espírito Santo.
- 45 Nena nasceu em 4 de outubro de 1938 e faleceu com 62 anos.
- 46 Grupo de Oração Renascer em Cristo.
- ⁴⁷ Capela do Internato Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga, na Rua Dom Luiz Lasagna, no bairro do Ipiranga em São Paulo. Na época o internato era administrado pela Congregação das Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração.
- 48 Ir. Josefa Iranço Loro, fdnsc, pertence à Congregação das Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração.
- ⁴⁹ Dona Clotilde Augusta Ferreira nasceu em 5 de junho de 1918 em Portugal e faleceu em 6 de fevereiro de 2003 no Brasil, em São Paulo.
- ⁵⁰ Para o Pe. Gilberto, uma pessoa carismática é aquela que está em união com Deus e que exerce os dons do Espírito Santo.
- 51 Das 20:00 h até 22:00 h.
- ⁵² A autobiografía foi gravada na sala de estar da casa do Pe. Gilberto, na Rua Marcos Portugal, no bairro do Ipiranga, São Paulo.
- 53 No bairro do Ipiranga em São Paulo.
- 54 Título honorífico de alguns dignitários eclesiásticos.
- 55 Nota-se aqui uma semelhança ao fenômeno com o sol ocorrido em Fátima, Portugal.
- ⁵⁶ Em 20 de setembro de 1993.
- ⁵⁷ VII Conferência Internacional de Líderes Carismáticos Católicos, de 13 a 18 de setembro de 1993.
- 58 Em 1981, na extinta Iugoslávia, cinco adolescentes e uma criança da região de Medjugorje começaram a alegar que tinham visões diárias da Virgem Maria, e dela recebiam mensagens. Desde então, segundo esses videntes, as mensagens não param.

⁵⁹ Pe. Gilberto tinha 61 anos.

- 60 Associação Maria Mãe da Igreja. Grupo de Oração da Catedral da Sé em São Paulo.
- 61 Sua casa na Rua Marcos Portugal, no bairro do Ipiranga em São Paulo.
- 62 Associação Maria Mãe da Igreja. Grupo de Oração da Catedral da Sé em São Paulo.
- 63 No bairro do Ipiranga, Av. Nazaré, em São Paulo.
- ⁶⁴ Fundador dos Discípulos de Jesus para a Glória de Deus Pai, na diocese de Santo Amaro.
- 65 Da Arquidiocese de São Paulo.
- 66 No bairro Jardim Casa Grande, em São Paulo, próximo à região de Parelheiros.
- ⁶⁷ Quando Pe. Gilberto fundou os Institutos, ele já estava com 68 anos de idade, sua saúde ia diminuindo a cada ano que passava. Apesar de o Pe. Gilberto não morar no seminário, Pe. Mario Hugo Schacheri PIME sempre morou no seminário desde a fundação.
- ⁶⁸ Dom Fernando Antônio Figueiredo, OFM, bispo de Santo Amaro.
- 69 Dom Fernando Antônio Figueiredo, OFM, bispo de Santo Amaro.
- ⁷⁰ Rua Princesa Isabel, 1.503, no bairro do Campo Belo em São Paulo.
- ⁷¹ Seminaristas que estavam presentes na gravação da autobiografia.
- ²² Pe. Jorge Ribeiro Guimarães, sjs, Pe. Micael de Moraes, sjs e Pe. Victor Paulo Reckziegel, sjs, ordenados em 3 de dezembro de 2000.
- ²³ Pe. Daniel C. Nicolini, sjs, Pe. José Charles Oliveira, sjs, Pe. Marco Aurélio C. Silveira, sjs, Pe. Francisco Ivanildo dos Santos, sjs, Pe. Leomar Nascimento de Jesus, sjs e Pe. Sandro Nascimento da Cunha, sjs, ordenados em 22 de dezembro de 2001.
- ⁷⁴ Seminário Maior Nossa Senhora de Pentecostes, na Rua Antônio Marcondes Boeta, no Jardim Aladim em São Paulo.
- ⁷⁵ Ano de 2002.

⁷⁶ Ano de 2000.

- Tarande complexo hospitalar em São Paulo. Neste mesmo hospital Padre Gilberto veio a falecer em 5 de dezembro de 2004.
- ²⁸ Gilberto Dealis passou a morar com o Padre Gilberto após a morte da Nena, cuidando com muito zelo de sua saúde. Gilberto Dealis era dirigido espiritualmente pelo Padre Gilberto, ele foi um dos leigos que estavam presentes na fundação da Fraternidade Jesus Salvador.
- ⁷⁹ Mês de setembro de 2002.
- 80 Cf. salmo 18 (19).
- 81 Cremos que Pe. Gilberto quis citar: "Para o Louvor de sua glória" (Ef 1, 14).
- 82 Pertença no sentido de que a espiritualidade da Fraternidade Jesus Salvador é carismática.
- 83 Ícone entronizado na capela do Seminário Maior Nossa Senhora de Pentecostes.
- ⁸⁴ Diretor espiritual do Seminário Nossa Senhora de Pentecostes, residiu no seminário a pedido do Padre Gilberto desde a fundação dos Institutos. Falecido em 19-8-2010.
- 85 Pontificio Instituto das Missões Exteriores.
- 86 O ícone foi entronizado na capela do Seminário Maior Nossa Senhora de Pentecostes no dia 13 de setembro de 1997, por Dom Fernando Antonio Figueiredo, OFM, bispo diocesano de Santo Amaro.
- 87 Dia 21 de setembro de 2002.
- 88 Beatificada em 15 de novembro de 2003.
- 89 Congregação das Missionárias da Caridade, instituída oficialmente no dia 7 de outubro de 1950.
- 90 Dia 21 de setembro de 2002.
- 91 Padre Gilberto faleceu com 79 anos de idade e 54 de sacerdócio.
- ⁹² O Evangelista São João, no Capítulo 20, versículo 29, diz: "Jesus lhe disse: 'Creste porque me viste? Bemaventurados os que não viram, e creram!'"

⁹³ Todos os pontos deste capítulo são extraídos de: DEFINA, Pe. Gilberto Maria. *Fraternidade Javé Salvador: Constituições, regras de vida e ordenações de estudos.* 2°ed. São Paulo.

94 Pe. Gilberto aqui se refere à fundação da Fraternidade Jesus Salvador, pois quando ele a fundou tinha já seus 68 anos.

95 Atualmente se chama "Fraternidade Jesus Salvador".

96 Discurso de São João Paulo II aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais 1998, número 6.



30 minutos para mudar o seu dia

Mendes, Márcio 9788576771494 87 páginas

Compre agora e leia

As orações neste livro são poderosas em Deus, capazes de derrubar as barreiras que nos afastam Dele. Elas nos ajudarão muito naqueles dias difíceis em que nem sequer sabemos por onde começar a rezar. Contudo, você verá que pouco a pouco o Espírito Santo vai conduzir você a personalizar sempre mais cada uma delas. A oração é simples, mas é poderosa para mudar qualquer vida. Coisas muito boas nascerão desse momento diário com o Senhor. Tudo pode acontecer quando Deus é envolvido na causa, e você mesmo constatará isso. O Espírito Santo quer lhe mostrar que existe uma maneira muito mais cheia de amor e mais realizadora de se viver. Trata-se de um mergulho no amor de Deus que nos cura e salva. Quanto mais você se entregar, mais experimentará a graça de Deus purificar, libertar e curar seu coração. Você receberá fortalecimento e proteção. Mas, o melhor de tudo é que Deus lhe dará uma efusão do Espírito Santo tão grande que mudará toda a sua vida. Você sentirá crescer a cada dia em seu interior uma paz e uma força que nunca havia imaginado ser possível.

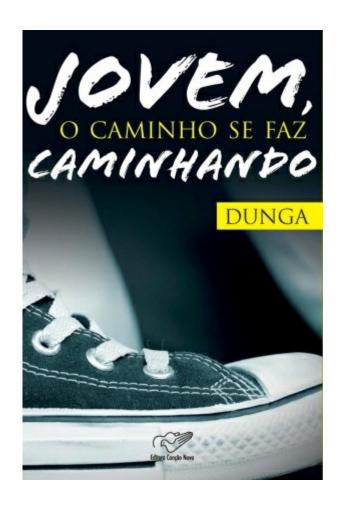


Famílias edificadas no Senhor

Alessio, Padre Alexandre 9788576775188 393 páginas

Compre agora e leia

Neste livro, Pe. Alexandre nos leva a refletir sobre o significado da família, especialmente da família cristã, uma instituição tão humana quanto divina, concebida pelo matrimônio. Ela é o nosso primeiro referencial, de onde são transmitidos nossos valores, princípios, ideais, e principalmente a nossa fé. Por outro lado, a família é uma instituição que está sendo cada vez mais enfraquecida. O inimigo tem investido fortemente na sua dissolução. Por isso urge que falemos sobre ela e que a defendamos bravamente. Embora a família realize-se entre seres humanos, excede nossas competências, de tal modo que devemos nos colocar como receptores deste dom e nos tornarmos seus zelosos guardiões. A família deve ser edificada no Senhor, pois, assim, romperá as visões mundanas, percebendo a vida com os óculos da fé e trilhando os seus caminhos com os passos da fé. O livro Famílias edificadas no Senhor, não pretende ser um manual de teologia da família. O objetivo é, com uma linguagem muito simples, falar de família, das coisas de família, a fim de promovê-la, não deixando que ela nos seja roubada, pois é um grande dom de Deus a nós, transmitindo, assim, a sua imagem às futuras gerações.

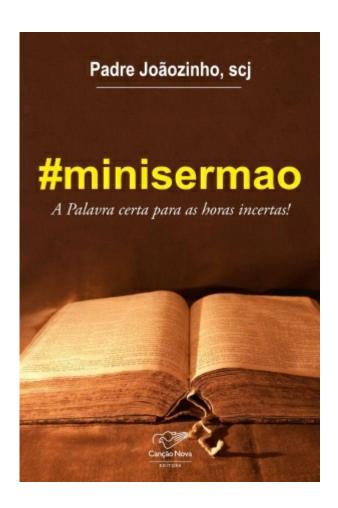


Jovem, o caminho se faz caminhando

Dunga 9788576775270 178 páginas

Compre agora e leia

"Caminhante, não há caminho; o caminho se faz caminhando - desde que caminhemos com nosso Deus." Ao ler este comentário na introdução do livro dos Números, na Bíblia, o autor, Dunga, percebeu que a cada passo em nossa vida, a cada decisão, queda, vitória ou derrota, escrevemos uma história que testemunhará, ou não, que Jesus Cristo vive. Os fatos e as palavras que em Deus experimentamos serão setas indicando o caminho a ser seguido. E o caminho é Jesus. Revisada, atualizada e com um capítulo inédito, esta nova edição de Jovem, o caminho se faz caminhando nos mostra que a cura para nossa vida é a alma saciada por Deus. Integre essa nova geração de jovens que acreditam na infinitude do amor do Pai e que vivem, dia após dia, Seus ensinamentos e Seus projetos. Pois a sede de Deus faz brotar em nós uma procura interior, que nos conduz, invariavelmente, a Ele. E, para alcançá-Lo, basta caminhar, seguindo a rota que Jesus Cristo lhe indicará.

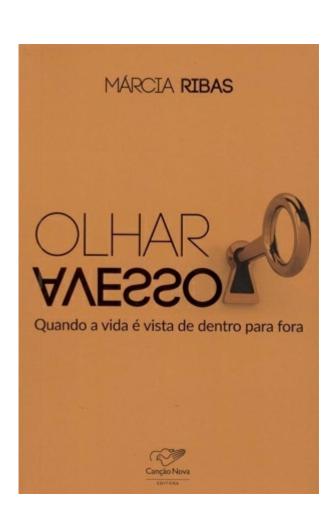


#minisermão

Almeida, João Carlos 9788588727991 166 páginas

Compre agora e leia

Uma palavra breve e certeira pode ser a chave para abrir a porta de uma situação difícil e aparentemente insuperável. Cada #minisermão deste livro foi longamente refletido, testado na vida, essencializado de longos discursos. É aquele remédio que esconde, na fragilidade da pílula, um mar de pesquisa e tecnologia. Na verdade, complicar é muito simples. O complicado é simplificar, mantendo escondida a complexidade. É como o relógio. Você olha e simplesmente vê as horas, sem precisar mais do que uma fração de segundo. Não precisa fazer longos cálculos, utilizando grandes computadores. Simples assim é uma frase de no máximo 140 caracteres e que esconde um mar de sabedoria fundamentado na Palavra de Deus. Isto é a Palavra certa... para as horas incertas.



Olhar avesso

Ribas, Márcia 9788576775386 359 páginas

Compre agora e leia

Onde há significado não há impossibilidade! Márcia Ribas fez essa feliz descoberta em meio ao processo de reeducação alimentar, através do qual realizou um dos seus maiores sonhos ao emagrecer 40 kg. Ao enfrentar-se a si mesma teve a coragem de assumir suas dores e limites, fato que a levou se permitir ser ajudada e perceber a presença das pessoas em sua vida, além da existência de uma força maior que a acompanha desde sempre. Constatou também a presença de um mecanismo que tem como objetivo paralisar todo e qualquer sonho, do mais simples ao mais elaborado, antes mesmo de começar a ser concretizado. De forma curiosa ela relata que o mesmo mecanismo insiste em se manifestar ainda hoje, especialmente ao fazer escolhas a seu favor, independente de que ordem seja, já que não tem mais problema com a balança. Acessar sua força interior, e que até então lhe era desconhecida - e comum a todas as pessoas - permitiu dar os passos necessários para a mudança de vida, vencendo esse mecanismo de maneira simples, acessível, eficaz e possível a toda pessoa que realmente deseja dar uma guinada na vida. De forma leve e bem humorada conta como conciliou tudo isso através dos acontecimentos do dia a dia. O livro Olhar Avesso - Quando a vida é vista de dentro para fora apresenta a realidade do autocontrole e seus desdobramentos na vida de cada pessoa, tanto nos aspectos físicos como no campo emocional.

Índice

| Folha de rosto | 2 |
|--|-----|
| Créditos | 3 |
| Palavras do Prior | 4 |
| Palavras da Madre | 6 |
| Apresentação | 8 |
| Introdução | 10 |
| Autobiografia | 12 |
| 1. Família, infância e Igreja | 14 |
| 2. Seminário Menor | 25 |
| 3. Seminário Maior | 37 |
| 4. Primeiros anos como padre | 47 |
| 5. Vida em São Paulo | 56 |
| 6. Fundação da Fraternidade Jesus Salvador | 72 |
| 7. Carisma fundacional | 80 |
| Escritos | 100 |
| PARTE I Carisma da Fraternidade Jesus Salvador | 101 |
| PARTE II Meditações sobre a Paixão de Cristo | 112 |
| PARTE III Poesias, Orações, Sermões | 136 |
| Cronologia do Pe. Gilberto | 160 |
| Agradecimentos póstumos | 165 |